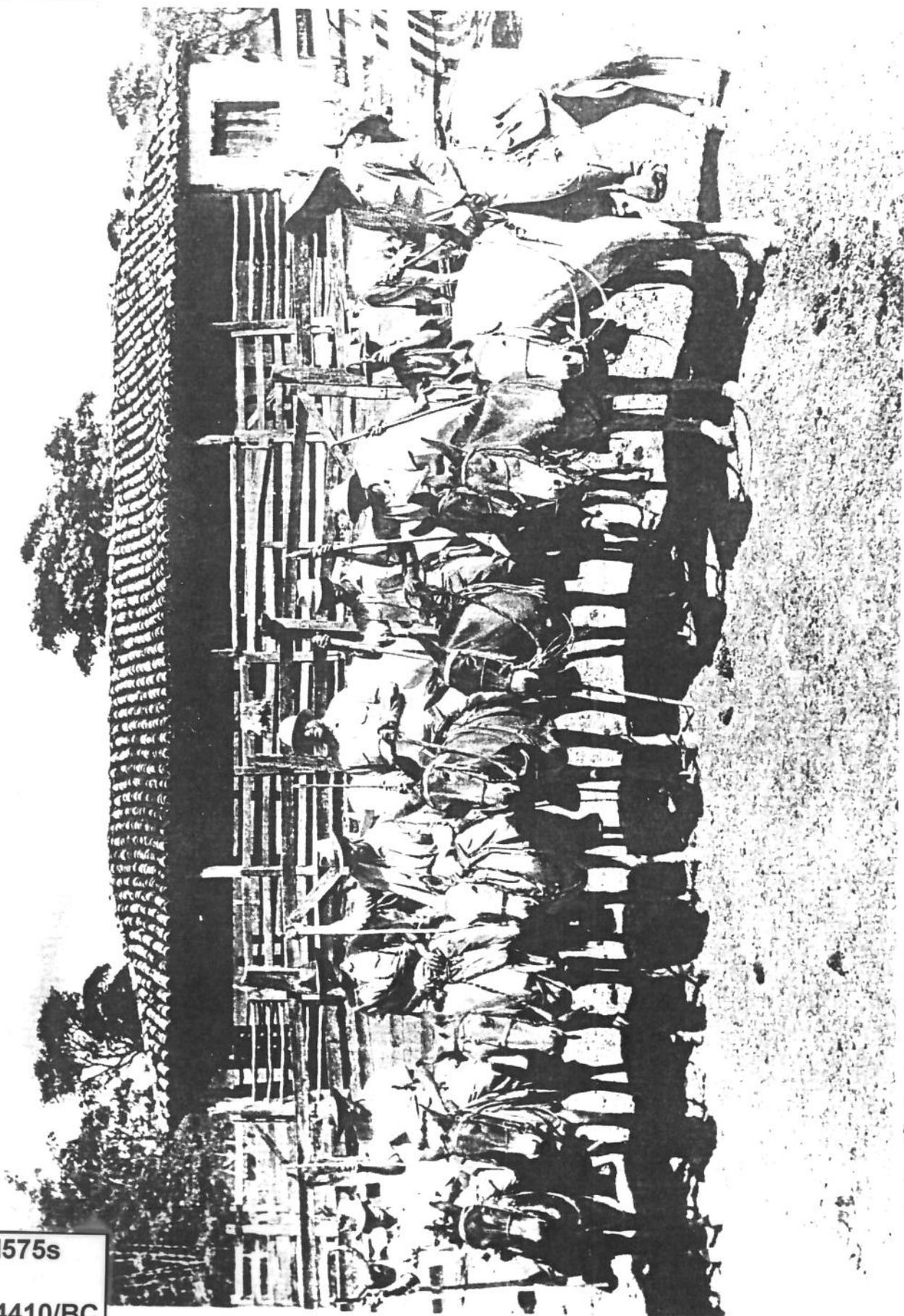


Eugênio Silva



M575s

34410/BC

SER-TÃO NATUREZA

A natureza de Guimarães Rosa

Mônica Angela de Azevedo Meyer

SER-TÃO NATUREZA

A natureza de Guimarães Rosa

Mônica Angela de Azevedo Meyer

SER-TÃO NATUREZA
A natureza de Guimarães Rosa

Tese de Doutorado apresentada ao
Departamento de Ciências Sociais do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, sob a
orientação da Profa. Dra. Mariza Côrrea.

Este exemplar corresponde à
redação final da tese defendida
e aprovada pela Comissão
Julgadora em ___/___/___.

Prof.(a) Dr.(a)

Prof.(a) Dr.(a)

Prof.(a) Dr.(a)

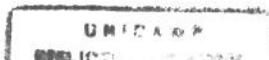
Prof.(a) Dr.(a)

Prof.(a) Dr.(a)

Maurício Ad...
Mariza Côrrea
Guimarães Rosa
Lygia

Agosto de 1998

9823017



UNIDADE	BC
N.º CH. PAGA.	
	UNICAMP
	MSPS
V.	
TOM	34410
PROG	395/98
C	D <input checked="" type="checkbox"/>
PREC	R\$ 11,00
DATA	12/11/98
N.º CPD	

CM-00118532-0

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

M 575 s Meyer, Mônica Angela de Azevedo
Ser - tão natureza : a natureza de Guimarães Rosa / Mônica
Angela de Azevedo Meyer . - - Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador: Mariza Corrêa.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Rosa, João Guimarães, 1908 – 1967. 2. Natureza.
3. Diário de viagens. 4. Brasil - Descrições e viagens.
I. Corrêa, Mariza. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

*Para a Luisa e o Vitor, os filhos belimbeleza que encantam a
minha vida e me ensinam a amar.*

*Para o Márcio que sabe recitar a cor do cerrado -
o bonito ipê-amarelo.*

*Para a mamãe que me ensinou tantas coisas, mais do que
ela pensa, mais do que ela imagina.*

*Para o Manuelzão que está contando histórias
encantadas lá nas veredas pertim do céu.*

Agradecimentos:

À professora Mariza Correa pela orientação desta tese de doutorado. Apesar da distância geográfica entre Campinas e Belo Horizonte, você me incentivou a continuar os estudos e a descobrir os caminhos da Antropologia. E mais, me deu força para dedicar à maternidade, em detrimento à tese, em dois momentos especiais de minha vida

Meu agradecimento particular à Eunice das Dores Nicolau pelo estímulo e acompanhamento constante a este trabalho, ajudando-me na ordenação das idéias e na revisão do texto, contribuindo para torná-lo mais claro, legível e bonito. Além de amiga, Eunice cumpriu, muitas vezes, o papel de orientadora, uma “vigilante da tese”.

Ao professor Carlos Rodrigues Brandão pelas contribuições ao projeto de pesquisa, especialmente a sugestão de trabalhar com as anotações de Boiada. Uma ótima pista! Obrigado pelo empréstimo de livros e pela oportunidade de ler seus escritos inéditos sobre a obra de Guimarães Rosa e o sertanejo Manuelzão.

Ao Instituto de Estudos Brasileiros-USP pela oportunidade de pesquisar o Arquivo Guimarães Rosa. Meu agradecimento à Neuma Cavalcanti pela gentileza e atenção que me acolheu durante o período que passei no IEB consultando o material e copiando os originais de Boiada.

Ao professor Roberto Cardoso pela discussão inicial do projeto de pesquisa. Essa etapa contribuiu para organizar as idéias e delimitar o trabalho. Agradeço também à professora Suzi Sperber pelas conversas roseeanas que me incentivaram a construir esse caminho.

À CAPES pela concessão de uma bolsa de estudos para realização do doutorado. Sem dúvida, sem o auxílio do PICDT, por dois anos, seria praticamente impossível estudar e morar em Campinas.

À Eustáquia Salvador, vice-diretora da Faculdade de Educação da UFMG, onde leciono, pelo apoio à realização desta tese. Meu agradecimento se estende a Ana Lúcia Amaral, chefe do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, e aos colegas do setor de Ciências, particularmente ao Júlio Emílio Diniz.

Ao Manuel Nardy - Manuelzão - e Raimundo Bindóia que me acolheram com amizade e carinho, contando e revivendo os acontecimentos daquela travessia da boiada em 1952 junto com o Doutor João Rosa. A D.Didi, esposa de Manuelzão, pela colhida calorosa em sua casa em Andrequicé. Momentos inesquecíveis dessa prazerosa companhia.

Ao repórter fotográfico Eugênio Silva que me recebeu com simpatia e atenção para me contar sobre o seu encontro com os vaqueiros da boiada em pleno sertão. As fotografias que fazem parte desta tese são de sua autoria, as únicas que registram essa travessia histórica.

Ao Flávio Friche pela revisão final da tese cuidando da "*cor e da plumagem*" das palavras. Flávio cumpriu mais do que um papel de revisor, estimulou a escrita da tese e de artigos, e me deu uma baita alegria de ver esta etapa cumprida.

A Regiane Lúcia Domingos, da biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG, pela orientação à normatização bibliográfica. À Branca Teixeira Perocco pelo mapa que traça a trilha de Boiada.

A minha irmã Anna Elisa que, com dedicação, recortou as reportagens sobre Guimarães Rosa e Manuelzão veiculadas na imprensa nacional. Graças a esse trabalho de “formiguinha”, acompanhei sempre as notícias referentes ao autor.

A Sílvia, Newton, Mariana e Pablo que me acolheram afetuosamente e foram minha segunda família durante o período que morei em Campinas. A D. Ana que, nas tardes de estudo, trazia sempre, para mim, uma bacia de pipoca cheirosa e quentinha.

Meu agradecimento se estende a vários amigos que me ajudaram de diversas maneiras para a concretização desta tese, particularmente a Cristina Almeida Cunha Filgueiras, Angelo Prazeres, Mairy Barbosa, Allan Viggiano, Jacyntho Brandão, Hugo Werneck, Edite Novais da Mata Machado, Maria Cristina Villefort Teixeira, Lúcia e Eugênio Goulart, Olavo Romano, Cristina Mello e Fernando, Angela Lutterbach, Márcia Nogueira, Ana Passos, Afonso Borges e o meu irmão Marco Antônio.

Ao meu marido Márcio Fagundes Oliveira, que acompanha esta história de doutorado há sete anos, pelo apoio e companherismo. À querida filha Luísa que, com a beleza dos seus quatro anos, me dá muito carinho, me encanta com estórias cheias de imaginação tornando a vida mais aprazível e o mundo re-encantado. Ao querido filho Vítor que veio acrescentar mais afeto e doçura a nossa vida.

Finalmente, gostaria de dizer que a natureza-sujeito e a natureza-mãe me acompanharam na gestação da tese e dos filhos: os melhores momentos de minha travessia do SER-TÃO NATUREZA estão marcados por esses momentos de convergência do trabalho e da vida, um todo-só-e-múltiplo. Bom demais: uma beleza!

*"Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer
de se parar apreciando, por prazer de enfeite."*
(GR, 1980:111)

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - A trilha da Boiada

FIGURA 02 - A comitiva

FIGURA 03 - O descanso - um dedo de prosa, um gole de café

SUMÁRIO

RESUMO	10
CAPÍTULO 1	
Introdução	
1.1. A relação do ser humano com a natureza	11
1.2. Sobre a concepção de natureza em textos literários	14
1.3. Os escritos de Guimarães Rosa	16
1.3.1. Sobre a presença da natureza em Guimarães Rosa	22
1.4. Estrutura da tese	28
CAPÍTULO 2	
Notas de campo	
2.1. Notas Preliminares	31
2.2. O que são notas de campo	34
2.3. O “Arquivo Guimarães Rosa”	48
2.3.1. Um Diário de Viagem de Guimarães Rosa	52
2.3.1.1. Boiada 1	54
2.3.1.2. Boiada 2	56
2.3.1.3. Caderneta de Campo	56
2.4. As anotações de Guimarães Rosa:	58
<i>Uma bela pilha de papel, sortida de vitaminas</i>	
CAPÍTULO 3	
Concepções de Natureza	
3.1. Considerações Iniciais	64
3.2. O ser humano separado da natureza	66
3.2.1. Natureza edênica e Natureza infernal	67
3.2.2. Natureza selvagem e Natureza civilizada	72
3.2.3. Natureza natural e Natureza artificial	86
3.3. O ser humano na natureza	93
3.3.1. Natureza sujeito	95
3.3.2. Natureza mãe e Natureza humanizada	104
3.3.3. Natureza sobrenatural	107
3.3.4. Natureza espiritual	110

CAPÍTULO 4	
A natureza de Guimarães Rosa	
4.1. Considerações Iniciais	114
4.2. A Viagem de Guimarães Rosa a Minas Gerais	115
4.3. A natureza percebida por Guimarães Rosa	118
4.3.1. As cores, os cheiros e os sons da natureza	120
4.3.2. O tempo da natureza	138
4.3.3. A ordenação da natureza	153
4.3.3.1. Bois	158
4.3.3.2. Abelhas, marimbondos e gaviões	174
4.3.3.3. Plantas	179
CAPÍTULO 5	
Natureza e sertão	
5.1. Equilíbrio da natureza	185
5.2. “ <i>Viagem: um gozo de mente</i> ”	189
5.3. Natureza e espiritualidade	192
5.4. Uma leitura, uma interpretação	195
Anexo I	199
Bibliografia	203

RESUMO

A presença marcante da natureza na obra literária de Guimarães Rosa tem sido mostrada em alguns estudos que, apesar de focalizarem a exploração que esse autor faz dos elementos naturais ao manipular poeticamente as palavras, não se preocupam com a concepção de natureza. As anotações de viagem de Guimarães Rosa registram as experiências vividas pelo escritor que dedica grande parte de suas Notas à percepção e conhecimento da natureza.

Com o objetivo de pesquisar a relação do ser humano com a natureza foi escolhida a **Boiada**, que corresponde às anotações de Guimarães Rosa durante a viagem pelo sertão de Minas Gerais, em 1952, acompanhando uma boiada chefiada por Manuelzão. Esse material inédito, denominado pelo próprio autor como **Boiada**, integra o “Arquivo Guimarães Rosa” do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Os manuscritos de **Boiada** descrevem a viagem e a natureza do sertão, com um enfoque pessoal e sensível diferente de uma abordagem técnico-científica. Nas anotações é possível encontrar um registro minucioso do ambiente em que as sensações corporais e as manifestações culturais tecem os elos entre os vaqueiros e os elementos naturais, formando um só conjunto. A cultura e o ambiente estão entrelaçados e tecem a trama de vida do sertanejo, do autor e do texto. Essa forma de sentir, interagir, conhecer e interpretar a natureza permite uma leitura de **Boiada** para se estudar a relação do ser humano com o mundo natural.

Guimarães Rosa percebe a natureza sinesteticamente através de imagens, cores, luzes, cheiros e sons. Ele nos conta uma vivência e experiência de comunhão do ser humano com o mundo natural, uma travessia em que os aspectos objetivos e subjetivos estão presentes e compõem a sinfonia do viver. A natureza em **Boiada** é polissêmica e cada significado se revela através de uma multiplicidade de relações humanas em que o equilíbrio se destaca como eixo.

CAPÍTULO 1

Introdução

1.1. A relação do ser humano com a natureza

O século XX marca o surgimento da ecologia humana e da ecologia cultural, que estudam as relações dos seres humanos com o ambiente. A ecologia humana desponta entre as duas primeiras guerras, originária da antrogeografia alemã, tendo como marco natal a publicação, na revista *Ecology*, de um artigo que trata das "Relações ecológicas dos esquimós polares" (ACOT, 1990:118). A ecologia cultural se constitui, sistematicamente, em meados do século, representando a fusão de duas linhas de pensamento antropológico: o evolucionismo e o historicismo culturais, acrescidas de influências do determinismo geográfico inspirado na antropogeografia de Ratzel (VIERTLER, 1988 :12).

Tanto a ecologia humana como a ecologia cultural contribuíram para o entendimento das relações entre o homem e o ambiente e a transformação dos meios de vida. No Brasil, os precursores da ecologia humana foram os antropólogos Donald Pierson e Emilio Wilhians (CORREA, 1987). Os naturalistas dedicavam-se mais aos estudos da fauna e da flora. Os médicos sanitaristas marcaram presença, especialmente Samuel Pessoa - que associava as parasitoses intestinais com os modos de morar dos brasileiros. O sociólogo Antonio Candido, na década de 40, coletava dados ecológicos nas suas investigações sobre os caipiras do município de Bofete-SP.

Com a criação dos Cursos de Ciências Biológicas ¹, a Ecologia passa a ser ministrada pelos biólogos, ganhando um enfoque mais naturalista. Como uma ciência nova do

¹ Os atuais Cursos de Ciências Biológicas substituíram os Cursos de Ciências Naturais, criados na década de 40, que tiveram os currículos alterados com a Reforma Universitária de 1972. A partir da Conferência de Estocolmo, realizada em 1972, os cursos começam a oferecer aos discentes o Bacharelado de Ecologia, fragmentado em diversas disciplinas afins - Ecologia Humana, Ecologia Vegetal, Ecologia Animal, Ecologia Energética, Ecologia de Vetores de Doenças.

princípio do século, a Ecologia responde a um momento da história no qual o processo de produção do conhecimento acadêmico e científico é sintonizado com os temas da modernidade e, assim como as demais Ciências, vive hoje um paradoxo questionando seus dogmas e paradigmas de interpretação e de intervenção na realidade. Ao estudar a relação entre os seres vivos e o ambiente, a Ecologia passou a constituir, na prática, mais uma área de conhecimento técnico com tendências à superespecialização, perdendo em dimensão social e cultural.

Atualmente, embora fatores físicos, químicos e biológicos que interferem no ambiente sejam considerados relevantes, os estudos ecológicos têm se direcionado para abordagens restritas ao aspecto naturalista. Além disso, a maioria dos biólogos não considera os processos produtivos de transformação dos recursos naturais em bens e desvincula natureza e cultura.²

Cabe ressaltar que ainda na década de 70, outras áreas do saber (como a Engenharia, a Geografia e a Medicina) introduziram na formação de seus profissionais a temática ambiental, que deixou de ser um conteúdo exclusivo do Biólogo. O estudo da Ecologia representou mais do que a inclusão de uma disciplina nova aos currículos; contribuiu para se redefinir o conhecimento acadêmico na busca de melhor compreensão da natureza. A composição de equipes multidisciplinares ampliou as análises na área ambiental, ao prever a incorporação dos aspectos sócio-culturais no trabalho dessas equipes. Simultaneamente com esses processos de mudança, a legislação ambiental em vigor e a mobilização e organização da sociedade civil em entidades de luta e defesa do meio ambiente, criaram condições que desencadearam uma pressão nos cursos universitários, principalmente no de Ciências Biológicas, vislumbrando um redimensionamento da formação do biólogo.

² Essa tendência pode ser identificada em Estudos de Impacto Ambiental-EIA, em Relatórios de Impacto no Meio Ambiente-RIMA e, inclusive, nos inventários ecológicos, obrigatórios pela legislação ambiental em vigor, documentos nos quais predomina uma concepção naturalista em detrimento do enfoque humano.

De acordo com essa nova perspectiva, reconhecer que a tecnologia contribui para a qualidade de vida e que a constituição de leis normatiza e legisla a ação dos humanos deixa de ser suficiente para a realização de mudanças; torna-se necessário estabelecer um outro contrato com o mundo natural e criar novas mentalidades e atitudes de solidariedade com os semelhantes e com os demais seres. A integração do humano ao natural conduz necessariamente a uma outra percepção e a uma outra relação do homem com o universo.

BOFF (Apud UNGER, 1991:12) alerta que a crise da modernidade leva a questionar *nosso modo de ser e de ler o mundo*. Para o teólogo, a ecologia técnica e a ecologia política podem resolver parte do problema mas não de maneira eficaz. A ecologia radical, também denominada espiritual e holística, ao questionar o paradigma da modernidade, analisa o ser humano em comunhão com outros seres e com o universo e, desta forma, cria uma *justiça ecológica e uma democracia ecológico social*. Talvez, seja por esta via o novo caminho a ser trilhado.

Apesar disso, na literatura científica há uma tendência recorrente de se definir meio ambiente como tudo que cerca o homem, o que reforça uma posição antropocêntrica e fragmentada. A expressão meio ambiente sugere duas idéias: um ambiente reduzido pela metade - uma vez que meio tem também este significado - e a ausência do homem. Dessa forma, o conceito se restringe a um espaço físico envolvente - *aquilo que cerca ou envolve os seres vivos ou as coisas* (FERREIRA, 1986:101). A definição de natureza, contrariamente, adquire um contorno maior e geral englobando *todos os seres que constituem o Universo* (FERREIRA, 1986:1182). Neste enfoque, os seres aparecem como componentes do Universo mas sem especificar as suas posições no cosmos e sem mencionar a distinção entre os humanos e os demais seres vivos. Em síntese, ambas as definições são vagas, pois uma se restringe ao aspecto físico - um espaço único - e a outra aponta para o aspecto global - o espaço de todos.

No que se refere à Biologia, esse conceito permite distinguir duas grandes correntes: uma primeira, em que o ser humano, ao ocupar a posição central, se coloca **diante** da

natureza que está ao seu redor para lhe servir e uma segunda postura, de acordo com a qual o ser humano **está na** natureza, fazendo parte dela e interagindo com os elementos naturais. Para conduzir a reflexão realizada nesta tese, elegemos como pressuposto básico a segunda perspectiva.

Além disso, a palavra natureza, sincronicamente polissêmica, adquire vários significados de acordo com o contexto sócio-histórico-cultural e, nos textos literários, de um modo geral, o conceito de natureza assume uma dimensão mais ampla e dinâmica como ilustra a seção seguinte

1.2. Sobre a concepção de natureza em textos literários

Os textos literários registram os modos de vida das comunidades em seus aspectos objetivos e subjetivos em diferentes tempos e espaços, o que pode contribuir, em muito, para entender a sociedade humana. Os cronistas e descobridores do século XVI, por exemplo, descreveram as aventuras das grandes navegações e a conquista de novas terras e, com isso, retrataram o avanço da ciência náutica, as condições das viagens, o pensamento e o imaginário da tripulação, o perfil e os costumes dos povos nativos. Os viajantes e naturalistas do século XVIII deixaram, como legado, inventários da biosociodiversidade dos países visitados, que contribuíram para ampliar a visão de mundo e repensar a origem das espécies. Todos esses tipos de relatos, por refletirem uma concepção hegemônica de mundo em que as interações entre os seres humanos entre si e com o ambiente estão presentes, servem de subsídios a vários tipos de estudos.

Assim sendo, a literatura fornece um campo fértil para as pesquisas sobre a relação do ser humano com a natureza., uma vez que escritores e pesquisadores, apesar da especificidade de seus trabalhos, a arte e a ciência, têm pontos em comum no tocante à natureza das percepções e às experiências ambientais. Segundo FERREIRA(1990:8-9),

Para os escritores, o meio ambiente deixa de ser apenas um pano de fundo secundário, recuperando sua importância para o equilíbrio material e psíquico dos indivíduos. Desse modo, passa a ser descrito, não como um ponto de partida para as histórias, por meio de uma imaginação pura e simples dos autores, mas, sim, por uma imaginação desenvolvida a partir das observações, diretas ou indiretas, dos próprios escritores da realidade dinâmica e concreta vivenciada no espaço.

Entre as diversas áreas do saber, as Ciências Humanas e a Geografia³ recorrem à literatura como fonte de pesquisa, o que não se verifica na Biologia, que de um modo geral desconsidera a produção literária como fonte relevante de pesquisa ou valor fundamental na formação profissional, embora possam ser encontrados diários e relatórios de vários naturalistas que trouxeram uma enorme contribuição às ciências naturais.

Na Antropologia, DAMATTA(1993a), por exemplo, usa alguns textos literários como peças etnográficas para descrever a sociedade brasileira, buscando nelas princípios estruturais e categorias sociais básicas. Sem se preocupar com a "genealogia literária", o autor explora o texto literário como uma narrativa mítica que "conta" uma sociedade percebida (lida, entendida, falada, classificada) por meio de um certo código, ou seja, usa a literatura como uma expressão, um meio privilegiado pelo qual a sociedade pode se manifestar. Nesses termos é que analisa, de um ponto de vista antropológico, o conto *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de Guimarães Rosa, no qual os aspectos morais (honra e vingança) e religiosos (ceú, inferno) constituem a trama do texto, e a estrutura do personagem é marcada por dois momentos básicos transformadores - um Nhô Augusto antes do processo transformador e um Matraga que surge depois que uma vingança é impedida, de modo que em ambos os momentos a natureza do homem e o homem na natureza estão imbricados, falando um ao outro.

³ FERREIRA(1990) mostra que desde a década de 40 os geógrafos valorizam e recuperam a riqueza geográfica presente nos diversos gêneros literários, mas é a partir da década de 70 que se incrementam os estudos das perspectivas experienciais descritas pela literatura.

A literatura pode, de um lado, servir de peça etnográfica para espelhar a sociedade e, de outro lado, contar como se dão as relações dos seres humanos com o mundo natural. THOMAS(1988), WILLIAMS(1989) e CORBIN(1989), por exemplo, usam como fonte de dados uma série de citações históricas, pictóricas e literárias que permitem entender como a sociedade ocidental foi mudando de atitude em relação às plantas, aos animais, ao campo, à cidade e à praia.

1.3. Os escritos de Guimarães Rosa

No que diz respeito à produção literária de Guimarães Rosa⁴, pode-se dizer que a natureza não se apresenta como um palco, cenário ou moldura onde se desenrola a ação, mas está dentro de cada personagem e cada um faz sua natureza. A narrativa é construída de modo que a realidade humana se entrelaça com o mundo natural de tal forma que a identidade de cada um seja o resultado de uma relação de reciprocidade.

Na obra roseana a natureza se faz sempre presente, adquirindo uma pluralidade de significados. Em *Sagarana*, temos *A hora e a vez de Augusto Matraga*, que sintoniza o fazer a hora de Matraga com o ritmo do “relógio” natural. O rito de passagem de Nhô Augusto vingador para um Augusto Matraga renunciador se faz com a presença constante dos elementos naturais. Guimarães Rosa na trama do texto tece uma natureza impregnada de significados que dá sentido à vida desse homem.

Até que pouco a pouco, devagarinho, imperceptível, alguma coisa pegou a querer voltar para ele, a crescer-lhe do fundo para fora, sorrateira como a chegada do tempo das águas, que vinha vindo paralela: com o calor dos dias aumentando, e os dias cada vez maiores, e o João-de-barro construindo casa nova, e as sementinhas, que hibernavam na poeira, esperando na poeira, em

⁴ Por conveniência, os fragmentos de textos literários de Guimarães Rosa que figuram nesta tese serão identificados mencionando-se apenas as iniciais do autor - GR - e a data da publicação da obra na qual o fragmento se encontra (ex: GR, 1965).

misteriosas incubações. Nhô Augusto agora tinha muita fome e muito sono. O trabalho entusiasmava e era leve. Não tinha precisão de enxotar as tristezas. Não pensava nada... (GR, 1965:342)

A mudança interior em Nhô Augusto é longa, correspondendo no texto a uma transcrição também longa da natureza, que coincide com o período chuvoso. O tempo interior acompanha o tempo exterior; renovam-se os tempos. A natureza do homem e a natureza dos outros elementos que compõem o mundo natural se entrelaçam e as mudanças vão se processando simultaneamente. Para SPERBER(1976:43), *o desenvolvimento espacial é paralelo ao desenvolvimento psicológico-religioso.*

Conversa de Bois conta a história da relação dos homens entre si e com os animais. Em *Sarapalha*, a chegada da malária transforma o lugar e os homens, e uma sequência de fatos se inicia com a descrição minuciosa de uma sucessão ecológica. O trecho reproduzido demonstra que Guimarães, além de ser um observador atento, tinha conhecimento dos processos ecológicos:

Quem foi s'embora foram os moradores: os primeiros para o cemitério, os outros por aí a fora, por este mundo de Deus. As terras não valiam mais nada. Era pegar a trouxa e ir deixando, depressa, os ranchos, os sítios, as fazendas por fim. Quem quisesse que tomasse conta. Ai a beldroega, em carreirinha indiscreta - ora-pro-nobis! ora-pro-nobis! - apontou caules ruivos no baixo das cercas das hortas, e, talo a talo, avançou. Mas o cabeça-de-boi e o capim-mulambo, já donos da rua, tangeram-na de volta; e nem pôde recuar, a coitadinha rasteira, porque no quintal os joás estavam brigando com o espinho-agulha e com o gervão em flor. E, atrás da maria-preta e da vassourinha, vinham urgente, do campo -ôi-ái! - o amor-de-negro, com os tridentes das folhas, e fileiras completas, colunas espertas, do rijo assa-peixe. Os passarinhos espalhavam sementes novas. A gameleira, fazedora de ruínas, brotou com o raizame nas paredes desbarrancadas. Morcegos das lapas se domesticaram na noite sem fim

dos quartos, como artistas de trapézio, pendentes dos caibros. E aí, então, taperização consumada, quando o fedegoso em touças e a bucha em latadas puderam retomar seu velhíssimo colóquio, o povoado fechou-se em seus restos, que nem o coscorão cinzento de uma tribo de marimbondos estéreis.(GR, 1991:134)

Em **Corpo de Baile**⁵ temos um livro essencialmente de valor *metafísico-religioso*, como atestam essas palavras do próprio autor:

...os meus livros, em essência são “antiintelectuais” - defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxolear presençoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana[...]. Por isso mesmo, como apreço de essência e acentuação, assim gostaria de considerá-los: a) cenário e realidade sertaneja: 1 ponto; b) enredo: 2 pontos; c) poesia: 3 pontos; d) valor metafísico-religioso: 4 pontos[...]. Dei toda esta volta, só para reafirmar a Você que os livros, o Corpo de Baile principalmente, foram escritos, penso eu, neste espírito. (J.Guimarães Rosa, [1980]:58)

Em cada história da mencionada obra, a natureza se manifesta e é percebida pelos personagens através de associações sensoriais. Os sete contos se constituem numa representação cosmológica tendo o sistema solar como referência e a terra como centro - onde a vida se transforma na travessia do viver. A nova centralidade dada ao planeta Terra pode se traduzir em uma preocupação ecológica e espiritual - única casa e o centro afetivo da humanidade.

⁵ A partir de 1960, *Corpo de Baile* passa a ser publicado em três volumes independentes, figurando **Corpo de Baile** como subtítulo. Do primeiro volume - **Manuelzão e Miguilim** - fazem parte *Uma estória de amor* e *Campo Geral*; do segundo volume - **No Urubuquaquá no Pinhém** - *Lélio e Lina*, *O Recado do Morro* e *Cara de Bronze*; e do terceiro volume - **Noites do Sertão** - com *Dão-Lalalão* e *Buriti*.

Em **Grande Sertão: Veredas**, a vida de Riobaldo está sempre ligada aos rios, cujos significados ultrapassam a dimensão geográfica e os dados frios dos mapas cartográficos. Assim, o rio Urucuia, *onde tanto boi berra*, está preso ao amor - *rio meu, de amor*; Porto de-janeiro é o rio onde Riobaldo encontrou Reinaldo/Diadorim ⁶ pela primeira vez, é o lugar de encontro; Rio do Sono é um rio épico, ou seja o lugar de vários episódios (tais como a morte de Medeiro Vaz, a chegada de Zé Bebelo, o combate decisivo com os jagunços de Hermógenes); o Paredão, beira do rio do Sono, é o lugar onde se descobre a identidade feminina de Diadorim.

Mais do que uma coleção de água de outros rios, córregos, riachinhos com seus leitos sinuosos, os rios de Guimarães Rosa são marcas de identidade. Os cursos de rio sinalizam os caminhos do curso de vida de um Riobaldo que navega no sertão. VIGGIANO(1978:8) afirma que *o roteiro de Riobaldo Tatarana quase se confunde com o sertão, é indefinido como o próprio sertão*. Segundo DIAS(1974:12-13), os rios em *Grande Sertão: Veredas* constituem-se em *caminhos, obstáculos e centros de vida do homem sertanejo*.⁷

Além dos rios, os pássaros também constituem elemento da natureza que ocupa lugar de destaque na obra de Guimarães Rosa. A descrição do casal Manoelzinho-da-croa mostra um Guimarães Rosa apaixonado pelos pássaros, que confere, no processo de recriação, um significado especial à vida desse casalzinho, que simboliza, por sua vez, o entrelaçamento da alma de Riobaldo com a alma de Diadorim. Manoelzinho simboliza o amor e a vida:

⁶ O encontro de Riobaldo e Reinaldo torna-se bem ilustrativo. *"O menino, senhor sim, aquele do porto-de-janeiro, daquilo que lhe contei, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, toda a vida* (GR.1980:107). Aqui a lembrança resgata o local, mas repare que o rio Porto-de-janeiro significa mais que uma referência geográfica, significa um ENCONTRO, identidade entre Riobaldo e Reinaldo. A vida contextualizada num espaço -rio e tempo - toda a vida. A partir daí, Diadorim navegará, em uma bamba canoa, a vida toda nas águas do Rio-baldo.

⁷ Para DIAS(1974), *"Grande Sertão: Veredas"* é *um estudo de morfologia social, ecologia humana, uma vez que interage vereda, serras e outros elementos do meio natural com a realidade humana coletiva*.

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos vôos e pousação. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava - É formoso próprio - ele me ensinou. Do outro lado, tinha vargem e lagoas. P'ra e p'ra, os bandos de patos se cruzavam - Vigia como são esses... Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras - É aquele lá: lindo! Era o manuelzinho-da-croa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea - às vezes davam beijos de biquiniquim - a galinholagem deles - É preciso olhar para esses com um todo carinho... - O Reinaldo disse. (GR,1980:111)

Enfim, a paixão de Guimarães Rosa pelo mundo natural salta das páginas com muitas citações e descrições de plantas, bichos, rios, morros, lugares, pessoas, auroras, crepúsculos... O espaço é esquadrinhado em quatro dimensões ligando os elementos do céu, da água, da terra e do fogo. De imediato, percebe-se um Guimarães Rosa naturalista, dono de uma forma poética única de expressar a natureza, que foge das chaves de classificação, frias e herméticas, adotadas na Biologia.

A presença marcante da natureza na obra literária de Guimarães Rosa tem sido mostrada em alguns estudos que, apesar de focalizarem a exploração que esse autor faz dos elementos naturais ao manipular poeticamente as palavras, não se preocupam com a sua concepção de natureza, que é o objeto de estudo desta tese.

A produção literária de Guimarães Rosa apresenta uma multiplicidade de significados de natureza (conforme será explicitado na próxima subseção), mas a concepção de natureza, fruto de andanças, observações e vivências do Guimarães Rosa naturalista, é revelada nas suas anotações e, assim sendo, esse será o caminho a ser trilhado na presente tese: examinar as anotações que Guimarães Rosa fez durante a viagem realizada ao sertão de

Minas Gerais em 1952 e que integram o “ Arquivo Guimarães Rosa “, mais exatamente as pastas 28 e 29 do Estudo para Obras, que são denominadas pelo próprio autor como **Boiada**, especificamente de B1 e B2, e que doravante serão mencionadas simplesmente como **Boiada**.

Os manuscritos de **Boiada** são ricos em anotações, minuciosas e detalhadas, que descrevem a viagem e trazem nas entrelinhas uma concepção e conhecimento intenso da natureza que ultrapassa as fronteiras de uma abordagem naturalista. Em função dessa riqueza, os originais de **Boiada** foram escolhidos para este trabalho, sem - cabe ressaltar - a preocupação de se fazer um contraponto com a obra literária de Guimarães Rosa.

A **Boiada** atrai pela beleza do material, um escrito gráfico e arquitetônico projetando uma natureza viva em que o conhecimento e o encantamento do autor caminham de mãos dadas. Nas anotações é possível encontrar um registro minucioso do ambiente em que as sensações e as manifestações culturais estabelecem a comunicação e tecem os elos entre os vaqueiros e os elementos naturais, formando um só conjunto. Essa forma de sentir, interagir, conhecer e interpretar a natureza torna possível estudar a relação do ser humano com o mundo natural.

Na **Boiada** há uma percepção intensa da natureza que se projeta em imagens, cores, luzes, cheiros e sons, revelando uma vivência e experiência de comunhão com o mundo natural. A cultura e o ambiente estão entrelaçados tecendo a trama da vida do sertanejo, do autor e do texto. Guimarães Rosa anota o que viu, ouviu, cheirou, apalpou e provou durante a travessia. Ele nos conta uma travessia em que os aspectos objetivos e subjetivos do vivido e experienciado estão presentes, compondo a sinfonia do viver.

O que torna o material bastante rico e expressivo são as anotações que demonstram uma intimidade de Guimarães Rosa com o mundo natural. As anotações trazem apontamentos intercalados e mesclados com as falas e o jeito de ser dos vaqueiros. O autor assume um papel semelhante a de um porta-voz, transformando o universo do sertão em palavras.

dando escrita à fala do povo e ao seu sentimento do mundo. A leitura do mundo natural feita por Guimarães Rosa e pelos vaqueiros que conduzem a boiada é uma iniciação para o autor, que se converte em alquimista na arte de fazer suas Notas e num guia iniciático de seus leitores.

1.3.1. Sobre a presença da natureza em Guimarães Rosa

Um levantamento dos estudos sobre a obra de Guimarães Rosa nos aponta um volume pequeno de trabalhos vinculados ao tema natureza, que na maioria das vezes não constitui eixo central da reflexão.

A pesquisa de MACHADO(1976)⁸ - na qual se revela a predileção de Guimarães Rosa por nomes que evocam elementos e ciclos da natureza - mostra que, em **Corpo de Baile**, os nomes estão associados a vegetais, animais, pedras, montanhas, terra, sol, carregados de significados que entrelaçam personagem e natureza:

Em *Recado do morro*, segundo a autora, há uma correspondência entre os dias da semana e o nome de cada uma das sete fazendas, com os deuses patronos na mitologia clássica e os astros do sistema planetário da antiguidade. O nome Alquiste, alusão em alemão aos ramos do olmo e a Hofh Kiste - caixa oca, simboliza, por sua vez, as grutas que repetem na forma de ecos o recado do morro, enquanto Pedro Orósio é pedra, montanha, terra, com o acréscimo de Orósio - ósio, o escolhido.

Em *Buriti*, MACHADO(1976:120-121) desvenda a origem dos nomes dos personagens, como é o caso de Liodoro Mauricio Faleiros

⁸ MACHADO analisa a relação entre o sistema onomástico e a estruturação da narrativa em *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*, mostrando como a escolha do nome próprio desempenha um papel fundamental na geração do texto.

Liodoro é Heliodoro, sol de ouro, centro do sistema"...Maurício como Buriti, palmeira cujo nome científico é Mauritia vinifera... Faleiros como falo, acentuando o valor do buriti como símbolo fálico e encarnação vegetal do sexo.

e das mulheres que gravitam em torno de Liodoro, cujos nomes são associados a flores: a amante Alcina - *como nome comum, designa um gênero de plantas heliânticas que, como o girassol, acompanham o sol com seu movimento* (p.146) e a nora Leandra, nome de planta adstringente - *como a planta sua homônima, também aperta os laços, une-se de maneira diversa aos diferentes membros da família* (p.147).

Em *Dãolalalão*, o nome Joe Aguial, é uma menção à águia, cujos conselhos Soropita admite e o nome de Doralda, também chamada de Sucena - *Açucena, de cheiro e flor, simbólica evocação da flor virginal e inocente associada à virgem Maria* (p.175). Aliás Doralda representa a visão do mundo inteiramente sensorial, a contaminação sensual da natureza, a *Boticelli do sertão* (p.180).

Num contexto maior, cosmológico, encontramos o trabalho de ARAÚJO(1992), também sobre o livro **Corpo de Baile**, que traduz a concepção de Guimarães Rosa sobre o cosmos e a vida. Baseando-se nos autores da cultura clássica grega (Platão, Plotino, Hesíodo, entre outros) que tiveram influência em Guimarães Rosa, ARAÚJO estabelece a correspondência de cada conto da obra por ela analisada com um planeta definido do sistema solar, e consegue demonstrar como os contos se entrelaçam na dança da existência, formando *a raiz da alma*. Ao adotar como referência a estruturação do livro na primeira edição(1956), a autora demonstra que a ordenação dos sete contos segue uma sequência lógica tendo *O Recado do Morro* como centro, na quarta posição, e os seis demais periféricos que giram em torno desse, formando um *Corpo de Baile*, como os sete planetas do *Timeu* descritos por Platão. O próprio Guimarães Rosa confessa o significado de *O Recado do Morro* ao seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri:

Quanto a "O Recado do Morro", gostaria de apontar a Você um certo aspecto planetário ou de correspondências astrológicas, que valeria a pena ser acentuadamente preservado, talvez. Ocorre nos nomes próprios, assinalamento onomástico-toponímico:

As fazendas, visitadas na excursão: Os companheiros de Pedro Orósio:

- | | | |
|------------------------------|------------------------|-----------------------------|
| <i>1 - Jove.....</i> | <i>(JÚPITER).....</i> | <i>o Jovelino</i> |
| <i>2 - dona Vininha.....</i> | <i>(VÊNUS).....</i> | <i>o Veneriano</i> |
| <i>3 - Nhô Hermes.....</i> | <i>(MERCÚRIO).....</i> | <i>o Zé Azougue</i> |
| <i>4 - Nhá Selena.....</i> | <i>(LUA).....</i> | <i>o João Lualino</i> |
| <i>5 - Marciano.....</i> | <i>(MARTE).....</i> | <i>O Martinho</i> |
| <i>6 - Apolinário.....</i> | <i>(SOL).....</i> | <i>O Hélio Dias (Nemes)</i> |

(J.Guimarães Rosa, [1980]:63-64)

Partindo desta pista, ARAÚJO analisa cada um dos sete contos, mostrando que: a) os personagens, através do corpo, bailam com os quatro elementos - água, ar, fogo, terra - deixando fluir os sentidos - escutar, cheirar, ver, apalpar - , que se ligam aos seus contrários - inaudível, inodoro, invisível e impalpável; b) Este jogo de contrários, como o yin e yang, compõem a raiz de um corpo de baile:

No centro de Corpo de Baile está a Terra e a "dança cônica" dos planetas em seu movimento circular...Num dos extremos da obra, no começo, encontramos o conto "Campo Geral", estória de Miguilim, menino, em que surge o seo Aristeu, "uma das personificações de Apollo"(Guimarães Rosa, 1981:21), deus solar, das belas formas, da visão, da luz, do olhar. Deus ligado ao fogo. Encontramos o Sol e o dia. Encontramos a infância e o início da vida. No outro extremo do livro, no fim, encontramos o conto "Buriti", estória de Dona Lalinha, mulher que espera numa indefinição, mulher reflexiva, cuja sexualidade só é despertada no decorrer de um ritual noturno: deusa noturna, lunar, do escuro, dos ruídos e sons. Deusa ligada à água. Encontramos a Lua e a noite. Encontramos a idade adulta de Miguilim, Miguel. Entre estes dois extremos, entre o começo e o fim do livro,

entre o dia e a noite, entre o Sol e a Lua, agrupam-se cinco contos: quatro planetas e a Terra/Mercúrio no centro. O dia e a noite abrem o campo do visível e do invisível, do claro e do escuro. A partir deste campo geral, surgem, paulatinamente, à medida que se lê, outros. Em “Uma Estória de Amor” é introduzido o tema do audível e do inaudível: de repente, durante a noite, seca e silencia um riachinho, “ um riachinho xexe, puro, ensombrado, determinado no fino, com regorjeio e suazinha algazarra[...]Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silenciosinho que ele fez, a pontuda falta de toada, do barulhinho[...]. Com “A Estória de Lélío e Lina”, entramos no campo do odoroso e do inodoro: Dona Rosalina é alma só, quase incorpórea de tão velhinha, lembrança, imagem, ar, inspiração, perfume de rosa. Os contos, portanto, vão tecendo a trama de suas estórias por meio dos sentidos corporais. “Dão-Lalalão” retoma, com maior clareza, o tema dos cheiros e perfumes, e o “Cara-de Bronze”, aquele dos sons e imagens.(ARAÚJO,1992:18-21)

As análises de MACHADO e ARAÚJO são literárias, mas revelam o quanto Guimarães Rosa conhece e explora a natureza. De todos os trabalhos consultados, o que trata especificamente das questões da natureza é a dissertação de mestrado de FERREIRA(1990), que aborda a percepção da paisagem em “Grande Sertão:Veredas”. A paisagem geográfica desse romance não se apresenta, para a autora, *como matéria inanimada de um cenário estático*, ela vai sendo construída continuamente envolvendo e enlaçando afetivamente os personagens, o sertão e os gerais. Segundo FERREIRA(1990:162-163)

No contexto da percepção geográfica, o Grande Sertão de Guimarães Rosa e seus personagens, enquanto paisagem vivida, transmite mensagens de um espaço que evolui nas paisagens diferenciadas de sua integralidade, isto é, os Gerais. Simultaneamente, involui em sentimentos como paisagens interiorizada, numa intuspecção de lugares marcadamente íntimos que resguardam percepções significativas. Assim, o “Grande Sertão: Veredas” não é mundo espaço vivido

comunicado apenas sob o estilo criativo, ou pela habilidade do jogo de significados das palavras que constróem suas paisagens. É um Grande Sertão demarcado pela força dos sentimentos que se reduz à esterilidade métrica das geometrias dos seus espaços, ou das separações ou desmembramentos de suas paisagens. Antes de tudo, é um Grande Sertão que revela na configuração espacial dos seus traçados paisagísticos uma profundidade intrínseca aos símbolos das vivências que humanizam sua paisagem geográfica, vislumbrando possibilidades de exploração dos mundos vividos de Riobaldo e Diadorim. Através do reconhecimento das suas mensagens geográficas, o “ Grande Sertão: Veredas” nos revela diferentes percepções, por parte de Riobaldo, das paisagens sertanejas em suas dimensões, formas e traços, cores e texturas, silêncio e som, fluxos e refluxos no contexto de sua narrativa.

A percepção geográfica em “*Grande Sertão: Veredas*” é corporal, vivida com cumplicidade no meio de situações do cotidiano. As paisagens são percebidas e ganham existência porque estão impregnadas de significados que se traduzem na memória e na expressão, em reminiscências do vivenciado e do experimentado. As sensações táteis, olfativas, visuais, se estendem num continuum, sorvendo os espaços em evolução. As paisagens são vivas e mutáveis, sendo reconstruídas e recriadas internamente pelo personagem com conhecimento e sentimento. Elas não se apresentam nem como cenário nem como pano de fundo, tecem e bordam a trama da vida de Riobaldo em um longo fio que compõe a narrativa contada nesse grande sertão.

Apesar de os estudos anteriormente mencionados demonstrarem um conhecimento intenso da natureza por parte de Guimarães Rosa, particularmente dos animais e vegetais, não há estudos sobre Guimarães Rosa naturalista. Partindo da já citada descrição do *pássarim mais bonito e engraçadinho de rio-abaixo e rio-acima: o que se chama o manuelzinho-da-croa* (GR, 1980:111), - que, cabe observar, é de grande valor simbólico em *Grande Sertão: Veredas*. ROCHA(1996) faz um estudo técnico minucioso da ave identificando a

espécie como maçarico-de-coleira - *Charadrius collaris*, esclarecendo a identidade desse pássaro.

Quanto aos pesquisadores que mencionam a **Boiada** na produção de trabalhos acadêmicos, nenhum utilizou o material para estudo da natureza. LEONEL(1985:51) caracterizou e analisou o processo de criação de *Guimarães Rosa alquimista*, confrontando os apontamentos do Arquivo e os textos literários, usando como uma das fontes a **Boiada**. Segundo a pesquisadora,

o enredo, as personagens, sua fala, seus costumes, o local e a época em que se dão os fatos narrados em "Uma estória de amor" saíram de A Boiada. Em relação às demais novelas e sobretudo a "Buriti", pode-se provar que as paisagens em determinadas quadras do ano, certos hábitos do sertanejo e dos animais já estavam registrados em A Boiada e na Grande Excursão a Minas.⁹

VASCONCELOS(1984), interessada em rastrear a cultura popular registrada por Guimarães Rosa e sua recriação na obra, procura averiguar de que forma se dá o aproveitamento erudito da matéria popular em *Uma estória de amor*. A autora, utilizando o Arquivo Guimarães Rosa, principalmente as anotações de **Boiada**, estabelece uma ponte entre a obra e o trabalho de busca de Guimarães Rosa (que consiste no registro de cantos e danças, festas, linguagens, parlendas, cantigas infantis, superstições, crendices e histórias).

Em relação à **Boiada**, há também material publicado, fora do circuito acadêmico, como: uma reportagem jornalística de Álvares Silva(1952) e fotografias de Eugênio Silva, que cobriram os últimos dias da travessia da Boiada; uma reportagem literária do jornalista Fernando Granato(1996) com fotos de Walter Firmo, retratando uma excursão a Minas, em 1995, seguindo o roteiro da Boiada; e uma mini-série - *Os Nomes do Rosa* - em cinco

⁹ A *Grande Excursão a Minas* é o registro de uma viagem que Guimarães Rosa fez de 03 a 13 de dezembro de 1945. Em carta ao pai, datada em 06 de novembro de 1945, ele anuncia essa viagem (Ver ROSA,1983:159)

episódios para a TV (canal GNT), produzida pelo jornalista Pedro Bial, em novembro de 1997, em que a **Boiada** se torna pública através da fala de três vaqueiros: Manuelzão, Bindóia e Zito.

1.4. Estrutura da tese

Esta tese se organiza em mais quatro capítulos. O capítulo 2 se inicia com uma abordagem geral sobre o que são notas de campo, para posteriormente discorrer sobre o “Arquivo Guimarães Rosa” e especificamente sobre as anotações de Guimarães pelo sertão de Minas Gerais, em 1952, tomadas durante viagem em que acompanhou uma boiada chefiada por Manuel Nardy, o Manuelzão.

O capítulo 3 analisa algumas concepções de natureza agrupadas em duas perspectivas - o ser humano separado da natureza e o ser humano integrado na natureza. Através de um recorte aleatório, a primeira perspectiva está classificada em três grupos dicotômicos a). natureza edênica e infernal, b). natureza selvagem e civilizada e c). natureza natural e artificial. Da segunda perspectiva fazem parte aquelas concepções em que o ser humano se encontra integrado à natureza concebida como sujeito e como mãe, além de associada a valores de ordem sobrenatural e espiritual. É importante frisar que várias concepções de natureza emergem das relações cotidianas dos seres humanos e que é possível fazer recortes e leituras diferenciadas de tais relações. As concepções de natureza apresentadas no capítulo 3 revelam um conceito polissêmico em contínua transformação enquanto um processo construtivo, múltiplo e dinâmico, que traz a marca histórica dos diversos atores sociais que modificam e são modificados pelo ambiente.

O capítulo 4 apresenta inicialmente uma síntese de **Boiada**, para que o leitor possa tomar conhecimento desse documento inédito escolhido para ser o corpus da tese. A opção de uma descrição sumária da viagem de Guimarães Rosa ao sertão de Minas em 1952 se

justifica por dois motivos: não há um interesse na viagem propriamente dita e várias anotações de **Boiada** aparecem transcritas em partes da tese em que se analisa a percepção roseana da natureza. O capítulo inclui três seções, sendo que a última focaliza: a) os sons, as cores e os cheiros da natureza; b) o tempo da natureza e c) a ordenação da natureza.

Finalmente, o capítulo 5 se estrutura como um fio que tece e entrelaça a concepção de natureza de Guimarães Rosa para a qual a **Boiada** adquire um significado especial e relevante como uma grande viagem de Guimarães Rosa através dos sentidos, uma verdadeira travessia exterior e travessia interior.

... O senhor está assinando (tomando nota de) tôda essa bobagem....

(Zito)(B1, p.47)

CAPÍTULO 2

Notas de campo

2.1. Notas preliminares

As anotações de campo são fontes preciosas de informações. No século XVI, época das grandes navegações, as cartas náuticas, os mapas, os estudos dos ventos, os diários, eram cobiçados pelos navegadores europeus ansiosos em obterem dados para ampliar o domínio e a riqueza através da conquista de novas terras. A documentação existente serve como fonte de pesquisa ao revelar aspectos do cotidiano nas embarcações, as condições de navegação, o imaginário da tripulação, as impressões iniciais sobre o novo mundo e as relações entre o civilizado e o selvagem.

A título de ilustração, a carta de Pero Vaz de Caminha - primeiro documento escrito sobre a descoberta do Brasil - contém descrições e comentários do autor sobre a população nativa e a nova terra. Além de Caminha, figuras como Jean Léry, Fernão Cardin, Pedro Gandavo, Anchieta, deixaram crônicas preciosas sobre o período de permanência dos colonizadores nesse país tupiniquim. Nos séculos XVIII e XIX viajantes e naturalistas percorreram grandes extensões do território brasileiro em expedições científicas e registraram dados sobre a natureza e a vida da população. Todo o material recolhido por pesquisadores estrangeiros (Auguste de Saint-Hilaire, Spix, Martius, Eugen Warning, Peter Wilhelm Lund, Georg Heinrich von Langsdorff, Charles Darwin) e brasileiros (Alexandre Rodrigues Ferreira e Euclides da Cunha) originou relatórios de viagem, montagem de herbários e coleções que ampliaram o conhecimento das ciências biológicas e o acervo dos museus.

Além da experiência pioneira dos viajantes, os naturalistas e os missionários contribuíram para os estudos antropológicos, na medida em que as notas de campo serviram de referência para os antropólogos do século XIX obterem dados sobre a população. Essa

prática, no entanto, apresentava problemas, uma vez que muitos fatos se mostravam superficiais e eram interpretados de maneira preconceituosa, sem contar com as explicações dos povos estudados. MALINOWSKI(1990:42) aponta essa falha ao criticar como seus informantes brancos falavam sobre os nativos e expressavam suas opiniões:

...espíritos sem treinamento científico, não habituados a formularem seus pensamentos com qualquer grau de consistência e precisão. E, naturalmente, eram na maioria cheios de opiniões distorcidas e preconceituosas, que são inevitáveis no homem de ação mediano, seja administrador, missionário ou comerciante, mas que são, entretanto, extremamente repulsivas para a mente que procura uma visão objetiva, científica das coisas.

A procura de uma visão objetiva e científica das coisas obriga o pesquisador a se deslocar geograficamente da “casa” para o “campo”. Com a instituição do trabalho de campo a qualidade dos estudos etnográficos muda radicalmente. SANJEK(1991) menciona os primeiros cinco antropólogos fundadores do trabalho de campo - Frank Hamilton Cushing (1857), Franz Boas (1858), William Halse Rivers Rivers (1864), Bronislaw Malinowski (1884) e Margaret Mead (1901) que realizaram suas pesquisas coletando os próprios dados. A pesquisa de Malinowski sobre os Trobriandeses, povos das Ilhas Trobriand, sudoeste do Pacífico, revolucionou a Antropologia ao adotar como método de trabalho a observação-participante que leva o pesquisador a se integrar à comunidade (residir, aprender o idioma, participar da vida local). MALINOWSKI(1990:40) consegue transmitir os novos rumos da etnografia em que

o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador, ao passo que as suas fontes são, sem dúvida, facilmente acessíveis, mas também extremamente evasivas e complexas: não se encontram incorporadas em documentos escritos, materiais, mas no comportamento e na memória de homens vivos.

O trabalho de campo não é peculiar dos antropólogos. Vários profissionais realizam essa atividade, como os biólogos, geólogos, geógrafos, paleontólogos, arqueólogos, sociólogos, diferindo entre si pelo objetivo, local, público-alvo, perfil da amostra, qualidade dos dados coletados, enfim pela especificidade da área do saber. Embora a atividade possa ser semelhante, há um aspecto fundamental que distingue a antropologia das demais profissões e essa diferença, segundo DAMATTA(1981:150,173), está exatamente *no ponto de partida: a posição e ponto de vista do outro*. O que interessa, então, ao pesquisador antropólogo é conhecer o outro, pois *o homem não se enxerga sozinho. É que ele precisa do outro como seu espelho e seu guia*. Desta forma, as notas de campo se destacam, pois representam mais do que um registro de dados; constroem a identidade do antropólogo. Para JACKSON(1991) elas são típicas e especiais, chegando, inclusive, a ser o *símbolo material* da antropologia.

Além disso, o trabalho de campo e as notas de campo são atividades que, apesar de relevantes na produção de conhecimento antropológico, acabam por se restringirem a temas de conversas informais, passagens pitorescas que permanecem desconhecidas do público e da maioria dos pesquisadores, não aparecendo, muitas vezes, nos resultados das pesquisas acadêmicas e, quando isso acontece, nem são divulgadas entre os pares. O livro “Saudades do Brasil” de LÉVI-STRAUSS(1994) reproduz algumas poucas páginas do caderno de notas, sugerindo ao leitor uma idéia da riqueza dos registros do antropólogo - textos, mapas geográficos, pautas musicais e desenhos. Recentemente, RIBEIRO(1996) publicou os seus diários de campo “sem retoques”, como gostava de frisar, após 47 anos da sua primeira expedição às aldeias dos índios Urubus-Kaapor.

A falta de um estudo sistematizado sobre notas de campo deu origem a um simpósio específico durante a realização do 84º Encontro Anual da Associação de Antropologia Americana, em 1985, em Washington, D.C, do qual resultou a coletânea de dezesseis artigos organizada por SANJEK(1991), mencionada na bibliografia.

A inclusão deste capítulo sobre notas de campo se faz necessário, pois as anotações de viagem de Guimarães Rosa ao sertão de Minas constituem o corpus utilizado nesta tese, ou seja, a concepção de natureza de Guimarães Rosa. Vale ressaltar que o trabalho do autor aqui utilizado não se caracteriza como um estudo etnográfico sistematizado, entretanto é possível identificar nele alguns pontos comuns com a Antropologia, principalmente a busca em conhecer o outro e nesse outro se reconhecer.

Este capítulo se divide em mais três seções. A primeira trata especificamente de notas de campo (características, função, organização, tipos). A segunda seção, descreve o “Arquivo Guimarães Rosa”, que se encontra no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, com destaque para o corpus desta tese - o diário de viagem ao sertão de Minas em 1952, que se estrutura em três subseções: Boiada 1, Boiada 2 e a Caderneta de Campo. A última seção do capítulo trata especificamente da forma como foram realizadas as anotações de Guimarães Rosa.

2.2. O que são notas de campo

Sem dúvida, as notas de campo do antropólogo são diferentes das dos demais pesquisadores. Como já foi dito por DAMATTA(1981), essa diferença reside em captar o ponto de vista do outro, uma preocupação não compartilhada por naturalistas dos séculos XVIII e XIX. Não há na literatura antropológica uma definição precisa de notas de campo, o que se explica por uma razão muito simples: as notas de campo são registros pessoais, carregadas de significados e podem ter legendas, códigos e símbolos muitas vezes só legíveis para o autor. A forma e o estilo de registrar, por ser única, resulta em vários tipos de notas de campo, o que garante uma riqueza, beleza, criatividade e pioneirismo constantes.

Uma variedade de definições, sentimentos e práticas relativas a notas de campo é sinalizada no trabalho de JACKSON(1991), que apresenta os resultados de uma pesquisa sobre o tema¹⁰. O pesquisador revela, justamente, a multiplicidade do conceito e do fazer antropológico. A variedade de definições englobou observações e registros de campo, apontamentos de leitura ou xerox de algum arquivo, anotações ao final de um dia de trabalho, processo de transformação da observação para a escrita, diários, recortes de jornais selecionados, correspondência, dados, enfim, vivências e atividades registradas durante o período de permanência no campo. Mesmo sem receita, as notas conferem uma identidade profissional ao antropólogo e representam uma individualidade e abordagem pioneira para aquisição do conhecimento.

CLIFFORD(1991) sintetiza o conceito de notas de campo apresentando-o, de uma maneira ampla, como um texto separado e produzido pelo trabalho de campo, cru ou parcialmente cozido (em estado natural ou parcialmente elaborado), com base de dados descritiva para mais tarde generalizar, sintetizar e elaborar teoricamente.¹¹

As notas de campo são escritas em vários momentos e situações, tendo como fator influenciador o tempo. Registrar os fatos no calor da hora é completamente diferente de anotá-los posteriormente. CLIFFORD(1991) distingue três momentos de escrita: inscrição, transcrição e descrição. A **inscrição** é o momento em que o pesquisador toma nota **imediatamente** de um fato vivido ou presenciado através de alguma palavra ou frase mnemônica. A inscrição de notas curtas e rápidas permite fixar a observação e a fala nativa, não perdendo a originalidade e possibilitando ativar a memória num tempo futuro.

10.O antropólogo realizou a pesquisa com setenta pessoas, a maioria antropólogos e dessa amostra entrevistou dois cientistas políticos, dois sociólogos, um psicólogo, um arqueólogo e um linguista.

¹¹ *"The institution of fieldnotes does exist, of course, widely understood to be a discrete textual corpus in some way produced by fieldwork and constituting a raw, or partly cooked, descriptive database for later generalization, synthesis, and theoretical elaboration."* (CLIFFORD, 1991:52)

Na **transcrição**, o antropólogo participa de uma ação como espectador, escrevendo, **depois** os aspectos significativos. A **descrição** representa o terceiro momento, onde se observa a realidade cultural para **muito depois** escrever e interpretar os dados coletados.

Esses momentos de escrita regulados pelo tempo - o imediatamente, o depois e o muito depois - se separam apenas artificialmente; na realidade, eles se misturam, se alternam rapidamente na série de encontros, percepções e interpretações ao longo do trabalho de campo. A leitura de notas de campo demonstra que os registros variam entre essas modalidades, podendo, em algumas situações, predominar um determinado tipo de momento de escrita. As condições de registros, como clima, local e meio de transporte, determinam o ato de tomar notas. Condições meteorológicas, como frio rigoroso e intenso, chuvas abundantes e outras adversidades naturais, podem impedir a inscrição. SANJEK(1991) reproduz um depoimento de Franz Boas, que registrou a necessidade de passar algumas horas dentro do iglu, onde havia calor suficiente, para escrever suas notas de trabalho de campo sobre os esquimós de Baffin Island, em 1883-84.

Segundo CLIFFORD(1991), a escrita não é a essência do trabalho de campo nem tampouco um gesto mecânico, uma gravação de uma linguagem da fala e do corpo. O trabalho de campo é uma experiência pessoal complexa e histórica.¹² Na coleta e processamento das informações as pessoas do pesquisador/pesquisado estão presentes. Os dados não existem sem os sujeitos, não se separam - e mais: a qualidade das notas revela o autor. Ele olha, ouve, vive e escreve. Mas esses passos não acontecem linearmente e, sim, simultaneamente.

Para CLIFFORD as notas de inscrição não registram uma coisa crua, pura. Antes mesmo de irmos ao campo, construímos um modelo imaginário, um objetivo e carregamos nossas leituras e textos arrumados numa bagagem intelectual. Durante o período de permanência no campo todo esse material se mistura com as outras bagagens coletadas.

¹² "Fieldwork is a complex historical, political, intersubjective set of experiences which escapes the metaphors of participation, observation, imitation, rapport, induction, learning, and so forth, often deployed to account for it." CLIFFORD(1991:53)

O observador científico não coleta e registra apenas dados. A inscrição é intertextual, figurativa e histórica. Isto quer dizer que a percepção não é imediata como pareceria ser. Assim, a escrita é mais do que um registro, é tradução e diálogo. A transcrição representa o momento de traduzir o que se vê e ouve. O tempo todo há interpretações, seleções. Desta forma, não existe o texto cru. Consequentemente, a descrição ultrapassa a dimensão de textos interpretativos, que são para CLIFFORD *contruções retóricas*.

As notas são únicas e impregnadas do jeito de ser do pesquisador. Desta forma não há uma pureza de dados. Todo o material coletado é interpretado e traduzido pelo autor (e às vezes pelo informante), que também não se apresenta em estado puro. A bagagem de leituras do pesquisador atua sobre o olhar, direcionando a visão para selecionar os dados e informações. Estabelece assim uma relação de intertextualidade entre registros e leituras que giram em movimentos de ida e de volta. Para LEDERMAN(1991) as notas de campo são consideradas simultaneamente como parte do “fazer” o trabalho de campo e do “escrever” a etnografia, são elaboradas por dois movimentos: ida e volta, ou seja, partem do discurso acadêmico e a ele retornam diferentemente.¹³

A tomada de notas não é um gesto mecânico de simplesmente fazer apontamentos de uma coisa vista e vivida. O visto e o vivido pelo pesquisador representam o primeiro momento de uma conversa silenciosa que se desdobra com outros textos-leituras. O pesquisador não está só, traz na bagagem papel, lápis e muitas leituras, pensamentos e sentimentos.

As notas de campo são *de campo, mas nem sempre escritas no campo*, como afirma LEDERMAM - *Fieldnotes are “of” the field, if not always written “in” the field* (cf. SANJEK, 1991b:95). O fundamental no trabalho de campo é a vivência, podendo variar o local onde se escrevem as notas. Mas como são registros pessoais e particulares, as notas podem disfarçar e encobrir os fatos e, quando redigidas longe do campo, têm um efeito

¹³ Ver LEDERMAN(1991:72) “simultaneously part of the “doing” of fieldwork and of the “writing” of ethnography, fieldnotes are shaped by two movements: a turning away from academic discourse to join conversations in unfamiliar settings, and a turning back again.”

diferente das que são feitas no local da pesquisa. No campo, a presença e o calor dos acontecimentos praticamente fazem com que estes “saltem para o papel” através da pena do pesquisador. A memória está fresca e impregnada dos acontecimentos. Em casa, a distância e o esfriamento dos fatos refrescam a memória indiretamente; os acontecimentos podem ter outra interpretação e as notas podem ser alteradas.

As palavras como seres vivos têm um período de vida. À medida que o pesquisador vai convivendo numa localidade, vai mudando a percepção sobre a mesma e conseqüentemente seus registros refletem tais alterações. As notas têm vida breve e longa: breve, quando representam um fato aos olhos do observador que pode mudar a compreensão e alterar os apontamentos; longa, quando permanecem intocadas e representam uma parte da memória construída pelo pesquisador. As notas são documentos pessoais, vivos e intransferíveis, impregnados de momentos apreendidos da realidade e da visão de mundo do pesquisador. Elas revelam fatos que descobrem um determinado período histórico, fornecendo o fio da memória em construção de um país e de um povo.

A leitura das notas tem a capacidade de transferir o pesquisador para o campo, resgatando os cheiros, as falas, as visões, o gosto e o tato. As notas preservam uma tensão entre pesquisador e interlocutores no campo e o diálogo com os entrevistados em casa. Esta tensão é que anima a sensibilidade antropológica. A etnografia não é, portanto, um sumário, nem uma seleção das notas de campo, nem uma descrição minuciosa de todo o trabalho e de todos os registros e, muito menos, uma reconstrução cronológica do dia-a-dia do antropólogo.

As notas de campo apresentam duas características básicas: precisam de informantes e precisam ser registradas. Como afirma SANJEK(1991a:38), *fieldnotes cannot be produced without informants*. De fato, sem informantes não há como recolher dados. Para coletar uma variedade de dados, SAINT-HILAIRE(1975:3) contou com a

contribuição de **informantes**, justificando que *o viajante não pode ver tudo com seus próprios olhos, sendo obrigado a basear-se nas informações de outrem, e que, por conseguinte, está sujeito a enganar-se*. Independente da quantidade de dados a serem coletados, o informante é um elemento fundamental no trabalho de campo. Mesmo nos casos em que o pesquisador domina o idioma local e mora na comunidade, como o fez Malinowski, a presença do informante precisa ser garantida; afinal, enquanto parte da população em estudo, é ele que faz a mediação entre pesquisador e pesquisados.

O pesquisador pode recorrer a várias fontes para coletar informações, o que resulta em dados diferentes que se complementam ou divergem. Informantes têm percepções diferentes sobre o mesmo acontecimento. É possível distinguir dois tipos de informantes básicos: informante-sujeito e informante-objeto. O **informante-sujeito** geralmente é uma pessoa ou grupo de pessoas que tem e passa uma informação direta e indiretamente (quando exerce um papel de intérprete fazendo a mediação entre o pesquisador e o pesquisado). Ele pode ser classificado em três modalidades - primário, secundário e terciário:

informante-sujeito

primário	secundário	terciário
o próprio sujeito.	o sujeito faz a mediação entre pesquisador/pesquisado.	o sujeito passa uma informação a outro sujeito que a passa para frente a um informante. Um tipo informante-atravesador.

O **informante-objeto** se caracteriza como fonte de consulta, como, um arquivo, um banco de dados, contendo informações **escritas**, também podendo ser :

informante-objeto

fonte-primária	fonte-secundária	fonte-terciária
os dados originais e inéditos estão em um arquivo	os dados produzidos a partir da fonte primária, como teses e livros	informações baseadas nas fontes secundárias, como periódicos

Quanto ao momento da tomada de notas, uma multiplicidade de sentimentos afloram. JACKSON(1991) encontrou antropólogos que se sentem desconfortáveis em escrever na frente do informante e outros em não escrever, o que pode levar o informante a sentir-se desvalorizado. Para contornar essas situações não há receita: cada pesquisador faz uma opção de quando e como registrar as suas notas¹⁴.

Geralmente, as notas de campo são registradas em uma caderneta ou caderno. ANDRADE(1975) assinala que Euclides da Cunha trazia sempre à mão uma caderneta durante o período que cobriu a Revolta de Canudos, pois tudo era motivo de nota, chegando ao ponto de anotar nos punhos da camisa na falta de papel¹⁵.

WILLIAMS(1973) considera que os instrumentos de registro variam dependendo do tipo de dado que se deseja coletar. Esse autor usava gravador, máquina fotográfica e escrever

¹⁴ SANJEK(1991) reproduz uma passagem em que Lévi-Strauss confessa-se surpreendido, em 1939, com um pedido de seu informante-índio caduveo - um bloco de notas. O antropólogo, atento, observou que qualquer informação solicitada não era respondida verbalmente, mas desenhada em ondas no papel que o índio brasileiro lhe apresentava. Nesse caso específico, o índio-informante buscou estabelecer uma relação de igualdade com o antropólogo, fazendo uso dos mesmos instrumentos de pesquisa - papel e lápis.

¹⁵ A economia de papel em uma situação de guerra é um aspecto a ser considerado e Euclides se preocupava com a verdade dos fatos para conseguir transmitir ao leitor, com fidelidade e exatidão, o combate que se travava no sertão da Bahia. As páginas reproduzidas dos originais da caderneta de Euclides mostram como, em certas situações, a letra vai ficando apertadinha para economizar papel; em outras, a leitura torna-se impossível e a letra parece uma série de morrinhos.

sobre uma prancheta com lápis amarrado no cordão, fácil de transportar. As notas geralmente são escritas à mão, com lápis ou caneta, num caderno ou caderneta. A maioria dos viajantes provavelmente usou cadernetas, manuscrevendo as observações e os dados. Os deslocamentos contínuos e o meio de transporte determinam o material para registro. Os tipos de papel e de instrumentos ficam a critério do autor. Existem anotações em folhas pautadas, quadriculadas, de ofício, fichas, etc. ANDRADE(1975) encontrou muita dificuldade de leitura corrente dos manuscritos de Euclides da Cunha, que muitas vezes precisaram ser ampliados e decifrados.

O uso da máquina de escrever no campo é mais difícil, mas não impossível. Malinowski foi um dos pesquisadores que utilizava esse instrumento. Recentemente, a gravação de vídeos e o uso de microcomputador ampliaram os recursos técnicos para o trabalho de campo. O material coletado passa por uma organização, processamento e análise para facilitar o trabalho do etnógrafo.

A função das notas de campo vai variar de acordo com o objetivo do trabalho de campo e com a profissão do pesquisador. Elas têm valor individual e coletivo e são uma fonte primária de pesquisa. Para um biólogo, os dados coletados servem para inventariar e manejar os recursos naturais. Mas para um antropólogo, o registro tem basicamente uma função mnemônica, pois a releitura permite reconstruir um evento¹⁶ e reviver e refletir sobre os fatos. Enfim, as notas servem como memória de uma cultura num período histórico, e essa função mnemônica das notas revela sua forma ambígua. - aqui e lá, fora e dentro do campo. O pesquisador **aqui** (em casa, no escritório) lembra de **lá** (o campo).

As notas de campo estão sujeitas a todas intempéries, condições meteorológicas e imprevistos. As situações mais adversas são mencionadas como chuvas e temporais,

¹⁶ Algumas pessoas entrevistadas por JACKSON(1991:7) incluíram essa função na própria definição - *"Many people stress the mnemonic function of notes, saying that their purpose is to help the anthropologist reconstruct an event."*

umidade excessiva, frio, neve, doenças, picadas de insetos e cobras, fome, calor, acidentes. Todos fatores interferem na escrita e na guarda da documentação. Como já foi dito, Franz Boas¹⁷, ao estudar os esquimós, passava quatro horas dentro do iglu, onde encontrava calor suficiente para organizar suas notas. Os irmãos Villas Boas registraram, durante a expedição Roncador-Xingu, o corpo a corpo com a natureza marcado pelas chuvas torrenciais, umidade excessiva, abundância de insetos, principalmente os pernilongos e as abelhas lambe-olhos, e um calor abrasador.

LOMBARDI(1986) durante as gravações da mini-série Grandes Sertão Veredas¹⁸ relata em seu diário as condições de trabalho sob poeira e sol, a dificuldade de acesso às localidades para gravar as cenas, a presença de carrapatos, aranhas, além do calor absurdo que sentia debaixo das roupas de couro. A atriz conta também que constantemente andava com papel e caneta no bolso para que as idéias e a vivência intensa daquele momento no sertão mineiro, representando Diadorim, não fugisse do pensamento e fosse captada na calor da hora. De todas as situações inesperadas, sem dúvida, a perda ou a quebra do instrumento para anotar foi a mais infeliz:

Carrego sempre escondidos, amarrados no meu gibão, caneta e papel. Anotações nas horas mais inesperadas. Registros no meu diário de bordo...Mas de tudo o que me deixou infeliz foi que, no meio dessa zorra, minha caneta quebrou. Parece ridículo, mas sofrimento é assim mesmo, vai do miúdo ao insuportável.(LOMBARDI,1986:49)

A perda ou destruição das notas de campo traz muitos transtornos aos pesquisadores e abre lacunas na história das ciências. Fogo, naufrágios, explosões, enchentes, guerra, são

¹⁷ Cf. SANJEK(1991c:193-194)

¹⁸ A atriz e poeta Bruna Lombardi, que representou Diadorim, escreveu um diário de campo durante as gravações da mini-série "Grande Sertão Veredas", gravada em 25 capítulos para a televisão, no sertão de Minas em 1985, sob a direção de Walter Avancini.

acidentes que destroem anos de coleta de dados. Os cupins, traças, baratas, ratos, umidade e mofo também colocam em risco a preservação e manutenção da documentação.

A umidade é o inimigo número um dos pesquisadores, prejudica e deteriora o material coletado. LÉVI-STRAUSS(1994:4), em suas expedições pelo Brasil, utilizava o creosoto para proteger as bagagens do mofo e dos cupins¹⁹. O antropólogo conta que ainda era possível sentir seu cheiro ao folhear as notas de campo. WILLIAMS(1973) usava de outro procedimento para proteção de seu material: guardava-o em saco plástico selado, deixando-o livre da poeira e da umidade, e duplicava as notas usando papel carbono para copiá-las.

Na lista de situações vividas por pesquisadores que perderam as notas de campo, aparecem várias histórias: dados esquecidos dentro de um taxi, dados apagados pelo computador, roubo de pastas e bolsas contendo o caderno de campo, doença e morte do autor antes da transcrição das notas de campo.

A perda de material de campo significa também a perda de uma memória individual e coletiva. Segundo VILLAS BÔAS(1994), o acervo de documentos e fotos da Fundação Brasil Central e da Expedição Roncador-Xingu foi completamente destruído por uma máquina picotadora nos porões da Sindeco (Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste), sob a desculpa de necessidade de espaço.

Além das notas de campo, OTTEMBERG(cf.SANJEK,1991b:93) destaca a importância das “Headnotes” - notas de cabeça - que são aquelas “escritas” e guardadas apenas na cabeça. A autora esclarece que a diferença entre fieldnotes e headnotes reside no fato que

¹⁹ creosoto é um produto químico de forte poder de impregnação cujo odor permanece por longo tempo. Lévi-Strauss conta que muitos anos depois, afastado do campo, conseguia lembrar do cheiro desse produto.

Fieldnotes stay the same, written down on paper, but the headnotes continue to evolve and change as they did during the time in the field. Ou seja, a diferença se estabelece no momento da escrita. As notas de campo tornam-se documentos imutáveis, e as notas de cabeça continuam modificando-se enquanto dura o trabalho de campo. A etnografia nada mais é que um produto de ambos tipos de notas, sendo que *The headnotes are more important. Only after the anthropologist is dead are the fieldnotes primary.*

Os cadernos de campo não são, portanto, um monte de apontamentos de coisas velhas, mortas e ultrapassadas, sem valor algum. As notas de cabeça não pertencem ao leitor, pois não estão escritas graficamente. É certo que a percepção sensitiva do momento só pertence ao próprio autor. Por mais que ele tente transcrever os sentimentos, a leitura não leva o leitor a ter a mesma imagem, a viver a sensação e fazer a mesma viagem e conexão. A leitura é sempre uma tradução! E o reencontro com as notas de campo pode evocar, em épocas variadas, sentimentos completamente diferentes daqueles percebidos durante o trabalho inicial. LÉVI-STRAUSS manuseando e examinando, após cinco décadas, suas fotografias de São Paulo tiradas em 1931, se sensibiliza com esses documentos que lhe dão uma impressão de vazio, de uma falta daquilo que a objetiva é intrinsecamente incapaz de captar. Entretanto, o cheiro de creosoto reacende sua memória transpondo-o para

os cerrados e as florestas do Brasil Central, componente indissociável de outros odores, humanos, animais e vegetais, e também de sons e cores. Pois, por mais fraco que tenha ficado, esse odor, perfume para mim, é a coisa mesma, uma parte sempre real do que vivi (LÉVI-STRAUSS, 1994:9)

O cheiro, por estar intimamente relacionado com a percepção, apesar de tão presente no cotidiano está tão longe e ausente das pesquisas²⁰. O olfato, como um componente biológico, é pessoal e intransferível e, como componente social, é coletivo, sendo a sua compreensão e valor construídos culturalmente.

O registro dos trabalhos e o material de campo, apesar de todo esforço, não conseguem se fazer sentir por todos. O sentimento percebido e apreendido numa determinada situação vivencial é pessoal, intransferível e temporal, com um período de vida definido. O pesquisador pode resgatar tais momentos mas não pode revivê-los, a não ser em lembranças. Como a percepção está intimamente associada a uma vivência, as palavras não conseguem fixar e transmitir com exatidão a sensação vivida, o vivido. LÉVI-STRAUSS expressa mais uma vez essa dificuldade, antes de introduzir algumas passagens do seu diário de bordo escrito em fevereiro de 1934. O autor reconhece as limitações quando se pergunta

...se eu conseguisse encontrar uma linguagem que me permitisse fixar essas experiências simultaneamente instáveis e rebeldes perante qualquer tentativa de descrição, se me fosse possível comunicar a outros as frases e articulações dum fenômeno único que nunca se reproduziria da mesma maneira, então atingiria, julgava eu, os mistérios da minha profissão; deixaria de haver qualquer experiência bizarra proporcionada pela pesquisa etnográfica cujo sentido e alcance eu não pudesse um dia fazer sentir a todos. Depois de decorridos tantos anos, conseguirei eu voltar a encontrar-me nesse estado de graça? Conseguirei reviver esses momentos febris nos quais eu anotava, de caderno em punho,

²⁰ O livro *O perfume* de autoria de Patrick Süskind (Rio de Janeiro, Record, 1985) tem como protagonista Jean-Baptiste Grenouille, cuja característica essencial é ter um olfato especial super sensível aos aromas, compensando a sua ausência de cheiro. Para Jairo Arco e Flexa *Síntese de aromas. In: Isto É, 8/10/1986, p.93*, Grenouille estabelece contato com o mundo através do olfato *que significa para ele, acima de tudo, um meio de se expressar, algo tão forte como os sons para Mozart, as cores para Van Gogh, as cadências verbais para Shakespeare.*

segundo por segundo, a expressão que viria talvez a permitir-me imobilizar essas formas evanescentes e sempre renovadas?” (LÉVI-STRAUSS, 1986:56)

LÉVI-STRAUSS(1994) ao publicar a série fotográfica que ilustra os textos de “Tristes Trópicos”, que relata seus trabalhos de campo no Brasil na década de 30, retrata um país que não existe mais, mas ao mesmo tempo revela um país em construção. Sobre essa publicação, CUNHA(1994) ressalta três funções relevantes - protesto, pesquisa e memória coletiva - percebidas através das imagens que retratam a vida sócio-cultural num determinado espaço e tempo histórico. As fotografias servem de memória coletiva e de material de pesquisa e *são também a busca das diferenças perdidas*. E, revelando o perdido, torna-se instrumento de protesto contra a mesmice e a homogeneidade cultural.

Se há dificuldades do antropólogo em analisar os próprios registros, essa dificuldade se amplia quando se propõe a trabalhar com notas de campo de outra pessoa ou de um autor falecido. SANJEK(1991d) afirma que poucos pesquisadores têm trabalhado com notas de campo escritas por outros profissionais.²¹ Quando isto acontece, geralmente, é para completar o trabalho daquele antropólogo que faleceu ainda jovem. Dar continuidade ou iniciar uma pesquisa com dados originais coletados por outros significa de imediato o predomínio da posição de leitor. A leitura é uma atividade constante realizada n vezes até a compreensão do texto e dos dados coletados. O pesquisador não foi ao campo, não conhece nem o lugar, nem as pessoas e não coletou os dados, ele apenas ouve vozes²².

SMITH(1991) caracteriza a sua pesquisa como um ensaio sobre vozes e faz questão de frisar que *não é sobre a apresentação ou representação de um texto. Também não fala*

²¹ “Few anthropologists have ever assumed the labor-of-love task of producing an ethnography from fieldnotes written by others.” (SANJEK, 1991d:334)

²² Ouvindo vozes é parte do título do artigo de Robert Smith, que utiliza em sua pesquisa dados coletados, na década de 30 pelo antropólogo, John Embree e sua esposa Ella Embree, em Suye Mura, uma vila japonesa. A experiência vivida pelo autor contribui para entender melhor o processo de utilizar notas de campo de outros pesquisadores. Ver SMITH(1991) *Hearing Voices, Joining the Chorus: Appropriating Someone Else's Fieldnotes*

*sobre escrever, inscrever ou prescrever ou descrever, mas sobre vozes.*²³ Pelo fato de ser, antes de tudo, um leitor, ele ouve vozes. Vozes de quem não se conhece, que não tem identidade. A sonoridade das falas é imaginada. Esse pesquisador aponta facilidades e problemas que se entrelaçam à medida que se folheia o caderno de campo do outro. Encontrar o dado coletado, cru, pode suprimir a ida ao campo. Entretanto, quando o ambiente é conhecido favorece o manuseio e o uso do material. Ele chama a atenção para esse aspecto, ressaltando que conhecer o local facilita a leitura e compreensão das notas de campo. A visão não está isolada, se apresenta com uma bagagem impregnada de imagens ajudando a situar melhor o leitor. O local de trabalho descrito serve como referência de uma época, marcando e assinalando as características daquele momento vivido.

Para entender a “multivocalidade” das notas de campo, SMITH(1991) adota uma metodologia de trabalho que, ao diminuir a presença poderosa do etnógrafo, dá lugar às pessoas, ouvindo suas vozes. Assim foi possível ao pesquisador desmembrar o material e refazer as notas, dando uma nova ordem ao texto que incorporasse inclusive a sua voz. A construção desse “outro diário pessoal” representa o processo final de apropriação do material pelo leitor-espectador. Cabe ressaltar que o documento em si é um registro de fatos ocorridos num contexto histórico imutável, de um tempo cronologicamente definido. A leitura é que tem o poder transformador, pois o leitor, ao criar outros contextos, analisar certas situações, muda a versão dos fatos. O fato em si tem sua existência garantida e selada historicamente. O fato produzido através da leitura dá margem a interpretações que são mutáveis. Cada leitura pode levar a novas interpretações, dependendo do olhar do leitor.²⁴

²³ “*This essay is not about texts or presentation or re-presentation. It does not deal with writing or inscribing, pre-scripting or description. It is about voices, and in a purely nontechnical way it is about multivocality.*” SMITH(1991:361)

²⁴ Ver BOND, George. *Fieldnotes: Research in Past Occurrences* In: SANJEK, Roger. *Fieldnotes - The Making of Anthropology*. Ithaca, USA, Cornell University Press, 1991

2.3.O “Arquivo Guimarães Rosa”

O Arquivo Guimarães Rosa é constituído de livros e documentos e pertence ao Instituto de Estudos Brasileiro (IEB) da Universidade de São Paulo ²⁵. O acervo compõe-se de 3.500 exemplares e encontra-se na biblioteca do Instituto. SPERBER(1976:16), ao consultar a biblioteca-espólio do autor, constata que Guimarães Rosa

não tinha apego aos livros como entidades físicas. Só conservou aquilo que lhe interessou mais: no momento da sua morte, a sua biblioteca continha só 2477 livros. Para sua famosa cultura era pouco. Sabemos que deixou livros para trás, nos países em que serviu como diplomata; que leu livros de bibliotecas, ou cedidos por amigos; que deu ou emprestou livros. Ainda assim, lá encontramos quase todos os livros por ele citados em sua obra, ou oralmente.

A biblioteca-espólio inclui livros de geografia, viagens, botânica, zoologia, medicina, história, artes plásticas, literatura e obras de caráter religioso, moral e filosófico. As obras literárias, espirituais e filosóficas se destacam pela quantidade de volumes e profusão de textos marcados (sobretudo os espirituais) ²⁶, revelando não só o tipo de leitura preferida mas a própria trajetória intelectual de Guimarães Rosa. CANDIDO(1993:217) diz que os livros deixam recados revelando-se *como um instrumento útil para investigar a formação*

²⁵ Arquivo Guimarães Rosa foi adquirido pelo IEB em janeiro de 1973, nos termos do documento de cessão de 27 de setembro de 1972 (cf. LEONEL,1982:177).

²⁶ Dos 2477 livros, talvez uns 500 podem ser enquadrados dentro das obras de reduzido interesse: enciclopédia e livros que recebeu de presente dos seus autores, para serem comentados ou como lembrança, e livros de viagem (guias turísticos). Desses 2000 livros, ao redor de 200 podem ser chamados livros espirituais. O próprio Guimarães Rosa disse a Edoardo Bizarri que os temas espirituais lhe eram os mais importantes, o que fica amplamente confirmado pela existência de uma pasta preparada para publicação sob o rótulo "Revivência", contendo apenas textos espirituais.(SPERBER,1976:17)

das mentalidades num dado momento histórico. A evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu.

Além dessa herança, Guimarães Rosa deixou vários e diversificados documentos: registros datilografados e manuscritos, correspondências, recortes de jornais e revistas, ilustrações, arquivados em pastas, cadernos e envelopes. O inventário prévio para identificação de todo o material foi realizado em 1979 pela professora Cecília de Lara. Posteriormente, um segundo inventário, de responsabilidade de Maria Célia de Moraes Leonel e Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, deu continuidade ao trabalho quando foi organizado todo o material de acordo com seu conteúdo e forma, abrangendo três grandes séries - vida, obra e diversos - que, por sua vez, passaram por uma organização mais detalhada a partir de 1982²⁷.

A **série vida** contém os documentos pessoais e a correspondência do autor. A **série obra**, os recortes de periódicos sobre Guimarães Rosa, recortes-duplicatas, fontes para elaboração de obras, estudos para elaboração de obras e os originais. Finalmente da **série diversos** fazem parte as traduções, originais de outros autores, impressos avulsos e recortes vários.

Segundo LARA(1987), a série **Estudos para a Obra** (EO) foi imposta pela existência de considerável quantidade de documentos envolvendo matéria criada, colhida e alterada ou apenas coletada que, de algum modo, integrou ou poderia integrar a obra rosiana. Essa série encontra-se organizada em trinta e sete pastas, vinte e cinco cadernos e seis cadernetas, contendo vários estudos e assuntos os mais diversificados. Guimarães Rosa mostra grande interesse pelos animais (principalmente os bois), por geografia (mar e rios),

²⁷ Ver os artigos de LEONEL & VASCONCELOS. Arquivo Guimarães Rosa. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo. (24):177-180. 1982 e LARA. Arquivo João Guimarães Rosa do I.E.B. *Travessia*. Florianópolis. 7(15):153-63. 1987.

botânica e agricultura, vocabulários, expressões, provérbios, numismática, armas, heráldica, móveis e casa. Estudos religiosos, idiomas e dialetos, diários de viagens pelo interior do Brasil e alguns países da Europa também constam do arquivo.

O Arquivo Guimarães Rosa é um testemunho da sua paixão pelo conhecimento, de uma sede de aprender e uma preocupação em nomear a coisa certa, o que exigiu um trabalho constante e metucioso de coleta e de escrita: uma verdadeira enciclopédia artesanal produzida para consulta pessoal. Segundo Maria Augusta Rocha, secretária do escritor, a consciência de arquivo só despertou tardiamente e tudo que conservava destinava-se à atividade literária (cf. LEONEL, 1985: 5/6).

As correspondências de Guimarães Rosa com o seu pai, Florduardo, indicam algumas fontes onde o escritor se abastecia de dados para o seu arquivo particular. A carta do dia 5 de julho de 1956 traz alguns assuntos que o escritor *gostaria tanto de saber!*

Por exemplo: Descrição de uma pescaria à rêde. Como era aquilo, da extraordinária abundância de mandis, em determinadas épocas, e como e porque acontecia. Coisas a respeito da fundação de Cordisburgo, e dos primeiros tempos do arraial, etc (ROSA, 1983: 180)

Em outra carta, datada em 06 de novembro de 1945, GR faz menção a uma futura viagem a Belo Horizonte, Cordisburgo e à gruta da Maquiné, em que pretende

aproveitar a oportunidade para penetrar de novo naquele interior nosso conhecido, retomando contacto com a terra e a gente, reavivando lembranças, reabastecendo-me de elementos, enfim, para outros livros, que tenho em preparo. Creio que será uma excursão interessante e proveitosa, que irei fazer de cadernos

e lápis em punho, para anotar tudo o que possa valer, como fornecimento de côr local, pitoresco e exatidão documental, que são coisas muito importantes na literatura moderna.(ROSA,1983:159-60)

As solicitações ao pai são constantes. Em 30 de novembro de 1945, pede para ir “*recordando e alinhando lembranças interessantes de coisas vistas e ouvidas na roça - caçadas, etc. - que possam servir de elementos para outro livro, que vou preparar*” (ROSA,1983:160). Guimarães Rosa além de *reabastecer-se de elementos* para futuros livros, enriquecia a alma. *Penetrar de novo naquele interior nosso conhecido* era penetrar duplamente no sertão, um sertão interior e um sertão exterior, ambos inseparáveis.

VASCONCELOS(1984:11) mostra que esse farto material pode retrair, documentadamente, o processo de criação do escritor mineiro, nas suas mais diferentes fases, isto é, dos estudos iniciais às versões definitivas. Todo o material coletado e as obras demonstram ainda o trabalho exaustivo do autor, como ele próprio disse em entrevista à LORENZ(1974): *genialidade, pois sim. Mas eu digo: trabalho, trabalho, trabalho!*²⁸

Do “Arquivo Guimarães Rosa” seleciono para compor o corpus desta tese a **Boiada**, denominação dada por Guimarães Rosa ao conjunto de notas sobre a viagem que fez a Minas Gerais em 1952, acompanhando uma boiada. O material referente a essa viagem está guardado em 4 pastas - 26, 27, 28 e 29 da série Estudos para a Obra (EO).²⁹

²⁸ Guimarães Rosa era avesso às entrevistas. O diálogo dele com o crítico alemão Gunter Lorenz ficou célebre e rico em revelações, tornando-se uma das mais (se não a mais) importantes entrevistas concedida por ele. MINAS GERAIS. Suplemento Literário. publicou-a em 23 de março de 1974.

²⁹ Como as normas do IEB não permitem a fotocópia, copiei grande parte do material da Boiada, reproduzindo, o mais fielmente possível, o original, inclusive os tipos e as cores dos destaques dado no texto pelo autor. Esse trabalho intenso (consumiu mais de 200 horas) me possibilitou uma intimidade grande com o material, familiarizando-me com o roteiro de viagem e com os vaqueiros. Sentia-me como se estivesse acompanhando Guimarães Rosa na Boiada e crescia em mim o fascínio pelo sertão mineiro e pelo autor. Estabeleceu-se entre nós, como por encanto, uma amizade e cumplicidade e me surpreendia falando de Rosa e dessa viagem como amiga e viajante.

A pasta 26 do EO contém, em 50 páginas, anotações sobre bois e vaqueiros e dois ensaios (em elaboração) A SAÍDA (19.05.52) e A BOIADA (na Sirga) baseados nos dados da caderneta de campo. Além deste material encontram-se as notas da Grande Excursão a Minas feitas no período de 3 a 13 de dezembro de 1945, nas primeiras vinte páginas iniciais. O ensaio A SAÍDA começa sendo datilografado e posteriormente passa a ser escrito à caneta tinteiro de cor azul marinho. O outro ensaio, A BOIADA, alinhava e costurava as informações e percepções pontuais da viagem, tecendo um texto mais estruturado.

As pastas 27, 28 e 29 do EO apresentam apenas os registros da Boiada. A pasta 27 tem o caderno do vaqueiro Zito e oitenta e seis páginas com anotações e comentários feitos a partir das pastas 28 e 29, que tratam da viagem.

2.3.1. Um diário de viagem de Guimarães Rosa

As notas feitas por Guimarães Rosa durante a sua viagem ao sertão de Minas em maio de 1952 - que constituem o material utilizado na análise proposta nesta tese - foram denominadas pelo autor como Boiada 1 (B1) e Boiada 2 (B2) e estão contidas respectivamente nas pastas 28 e 29 do Estudo para Obras, às quais vou me referir daqui para frente como **Boiada**. Cabe ressaltar que as observações registradas nessas pastas constituem transcrições de anotações feitas por Guimarães numa caderneta de campo e permitem reconstruir, com precisão, toda a viagem do escritor ao sertão de Minas em 1952.

A fala dos vaqueiros ocupa grande parte do texto. Gradativamente eles passam a ser familiares. O leitor, como um espectador, embarca nessa travessia e assume o papel de um personagem que partilha com os vaqueiros a lida com o gado, a comida, as conversas fiadas no calor da fogueira e o descanso.

O que significa trabalhar com notas de campo de um autor falecido? Os primeiros problemas que aparecem ao analisar o material estão relacionados à impossibilidade de obter respostas para as perguntas, clarear passagens e informações, checar as contradições. A leitura do diário da **Boiada** indica às vezes com clareza quem fala, ou seja, Guimarães Rosa anota a autoria do depoimento. Mas às vezes não há identificação de nome e o leitor induz que ele está conversando com um dos vaqueiros, principalmente com o Zito, com quem mais proseou³⁰. Há outros momentos em que se percebe que o registro refere-se a um acontecimento da hora. Por exemplo: ele está vendo um pássaro e anota as informações sobre aquela ave. Em outras passagens, registra o que ouviu sobre determinado passarinho, independente de tê-lo visto. Outra dificuldade é encontrar o grupo original da **Boiada**, apenas dois vaqueiros estão vivos - Raimundo Bindóia e Zito. Manuelzão, encarregado da boiada, veio a falecer em 06 de maio de 1997³¹.

Guimarães Rosa investiga, sem nenhuma sistematização rígida, o saber empírico dos vaqueiros da comitiva, registrando o seu conhecimento do mundo natural. Apesar de sua preocupação ser literária, a forma com que o autor registra os depoimentos é muito significativa e lembra uma pesquisa etnobiológica. O autor registra, "olhando de dentro", a percepção e o saber empírico dos vaqueiros, ele penetra no uni-verso do sertão. Para "ver por dentro", o médico-diplomata transforma-se intuitivamente em "antropólogo". Pergunta tudo aos vaqueiros, deixando ao informante a liberdade de responder de acordo

³⁰ "O Zito não tinha outra coisa mais a fazer senão ser guia do gado. O Zito tinha mais tempo. Eu não tinha tempo de ficar explicando ele. Ele (Guimarães Rosa) via uma árvore queria saber finalidade daquilo, via um capim num lugar mais seco e outro mais úmido, queria saber porque ele tinha secado e o outro tava úmido. Nome de passarinho, estas coisas todas queria saber." (conforme depoimento prestado por Manuelzão, a autora, em 1993).

³¹ Em agosto de 1993, conversei muito com Manuelzão sobre a Boiada e tive oportunidade de gravar entrevista com ele e Bindóia, moradores de Andrequicé. Planejamos ir até à fazenda da Sirga, de onde saiu a Boiada, mas o caminho não ajudou, atolamos na terra, que parecia talco de tão fina. Aproveitei, então, para percorrer outras trilhas na redondeza por onde passou a Boiada. Encontrar e conversar com Manuelzão e Bindóia foi dar alma àquelas vozes ouvidas no diário. A leitura de alguns trechos da Boiada, principalmente daqueles em que há menção aos seus nomes, avivou a memória, mexeu com as reminiscências para ressurgir os momentos vividos em 52.

com sua lógica e conceito. E é esta lógica e conceitos que ele registra, na maioria das vezes, no seu diário de viagem, intercalando-os com suas anotações pessoais.

Esse jeito de pesquisar e escrever de Guimarães Rosa tem uma semelhança com a *metodologia geradora de dados* proposta por POSEY(1987a) para estudos em etnobiologia. Uma metodologia que apresenta resultados qualitativos, não impondo idéias, categorias culturais do pesquisador (de sua cultura) e não conduzindo uma inibição do fluxo de informações por parte do informante.

A releitura das **Notas** e o recorte para a análise da relação do ser humano com o mundo natural, realizados em função desta tese, permitem uma transformação dos dados à medida que eles vão sendo trabalhados de acordo com o objetivo da tese. O que não era familiar torna-se conhecido. Os nomes e as funções dos vaqueiros são identificados e é possível vê-los analfabetos lendo o mundo e guardando de cor e salteado caminhos, versos e causos. De quem é a **Boiada**? De Guimarães Rosa? Meu? Seu? Nosso?

2.3.1.1 Boiada 1

A BOIADA 1 é o título que Guimarães Rosa deu ao conjunto de suas notas de viagem que compreende o período desde a saída do Rio de Janeiro até a chegada e permanência na fazenda da Sirga. Todo esse material foi organizado por Guimarães Rosa em 80 páginas datilografadas numeradas sempre na margem direita. e arrumado com uma capa de papelão onde está grafado, com lápis vermelho e letras maiúsculas, bem no alto e centralizado, BOIADA e sob o nome, dentro de um círculo, o número 1 em cor azul marinho. No verso da capa há um pequeno índice manuscrito a lápis, ocupando a margem esquerda do papel. O índice cumpre um papel importante, pois facilita encontrar rapidamente a matéria de interesse e, ao mesmo tempo, indica o conteúdo geral daquelas notas:

Noite 7/9/20 etc

M.A. o Boi - 44 (I)

O gato e as rolas -50

Sambaíba - para limpar qualquer metal -76

Estouro - 28,35,36,37,59,78,79

Nomes vacas = 42,43

canôas que afundam = p.39

(índice da Boiada 1 transcrito da pasta EO 28)

Praticamente 90% dos registros da BOIADA 1 referem-se à Fazenda Sirga (da página 10 até o final, página 80). As notas são em sua maioria relacionadas à temática BOI: cores, nomes, aboios e berros, cheiros, comportamentos dos animais, saúde, doenças e remédios caseiros, reprodução, carrear, estórias, tipos de carro, estouros de boiada. Durante o período que passou na fazenda tomou notas todos os dias (raríssimo mencionar a hora), exceto no dia 17 de maio, sábado, véspera da saída da Boiada. Cada amanhecer, entardecer e anoitecer mereceram destaque. Aliás, as variações do dia estão registradas ao longo de toda a viagem, constituindo um verdadeiro diário.

Guimarães Rosa se interessa e se preocupa em nomear com exatidão tudo que lhe é significativo. A preferência do escritor pelas flores e aves, particularmente os passarinhos, se manifesta claramente desde o princípio da viagem. As flores lhe chamam atenção pela cor e pelo cheiro. Os passarinhos, pela cor e pelo som. Ele reproduz nas páginas o canto dos pássaros através de vocábulos onomatopáicos, especificando inclusive a hora.

A cultura popular está bem presente através dos causos, quadrinhas, versos e desafios marcando(ou pontuando) o som da viola e das danças, expressões da região, conversas dos vaqueiros e o conhecimento popular a respeito dos bichos e das plantas, aprendidos informalmente através das relações sociais de trabalho e de lazer. Guimarães Rosa faz questão de escrever o ser-tão do vaqueiro.

2.3.1.2. Boiada 2

A segunda parte do Diário de viagem ao sertão mineiro recebeu do autor a denominação de BOIADA 2, que se encontra na pasta Estudos para Obras 29, com 77 páginas. Nesta pasta estão guardados todos os registros datilografados da travessia da boiada da fazenda da Sirga à fazenda São Francisco. A apresentação do material é semelhante à Boiada 1. Através do índice (anexo I), constatamos a variedade de temas de interesse. O conteúdo dominante refere-se ao gado, como classificação da qualidade do animal, rastros, cores, chifres e berros de boi. Assuntos relacionados à vida sertaneja merecem também registro: porteiras, cercas, curral, selas, cangalhas, pelegos, simpatias, carro-de-boi, fazendas, animais e árvores do cerrado. Os “causos”, estórias, expressões, conversas, promessas, versos, brincadeiras não passam despercebidos. Tudo devidamente datilografado e copiado da caderneta de campo.

2.3.1.3. Caderneta de campo

Guimarães Rosa fez suas anotações numa cadernetinha de bolso pendurada no pescoço por um barbante tendo na ponta um lápis.³² Leve e fácil de carregar, possibilitava ao escritor escrever mesmo em situações adversas. A caderneta é do tipo “De Luxe” marca registrada, tamanho 15, pautada, capa dura de papelão cinza e espiral verde, possui 30 páginas numeradas contendo apenas os dois últimos dias da viagem. Confrontando as anotações manuscritas da caderneta com o material datilografado (pasta EO 29, BOIADA 2) percebe-se que Rosa transcreve na íntegra os registros de campo. Três páginas da caderneta correspondem a uma lauda datilografada.

O autor escreveu à lápis desde a primeira folha, anotando a data sempre à esquerda na margem superior. No princípio a caligrafia está bem legível e caprichada, mas

³² O barbante todo ensebado ainda se encontra na caderneta 6, que faz parte da série Estudo para Obra do Arquivo Guimarães Rosa

gradativamente a letra vai se alterando. Muitas notas foram, sem dúvida, registradas sobre o lombo da mula Balalaika, o que pode ser comprovado pelo traçado sacolejante da escrita.

O vaqueiro Manuelzão, em entrevista concedida para esta pesquisa, declara a respeito dessa caderneta:

Era um caderno espiral grande. Ele vivia com ele na mão escrevendo, da mania de perguntar e anotar - Eu tenho explicado isto pra muita gente. Em muitas entrevistas que tenho feito, explicando que tudo ele tomava nota. Muita gente acha que eu tô mentindo, e confessa - que de qualquer maneira a gente podia ter escrito, mas reconhece que lhe faltava tempo - Eu era responsável pela viagem, tinha que ficar olhando praqui e ali.

Eugênio Silva informa que durante os dois dias que acompanhou e fotografou a Boiada, observou que Guimarães Rosa perguntava constantemente aos vaqueiros assuntos os mais variados para logo a seguir anotar em sua cadernetinha pendurada no pescoço. Infelizmente, em todas as fotos a cadernetinha não aparece, *talvez ele guardasse no bolso da camisa*, justifica o fotógrafo. E confessa que se soubesse da importância desse material, sem dúvida, havia tirado alguns retratos de Guimarães em plena atividade registrando suas notas.³³

³³ Além das anotações pessoais de GR há o caderno do Zito, João Henriques Ribeiro, vaqueiro e guieiro da Boiada. O caderno é do tipo escolar, formato 15x21cm, pautado e com oito páginas apenas. A capa traz a ilustração de três pássaros, o nome completo do dono e a data: *Silva, 19-5-52*; na contra capa estão impressos os Hinos Nacional Brasileiro e da Bandeira. As páginas 1 a 13 (exceto 8 e 10) contêm as quarenta e seis quadras que compõem a "*Descrição dos vaqueiro do Jeraes*" de autoria do próprio vaqueiro, que em depoimento ao jornalista SILVA(1952) disse que *escreveu à noite, depois de lavar os trens, a luz frouxa, junto à trempo do pouso, com um caco de lápis num caderno escolar*. As quadrinhas contam a história da Boiada desde a saída até a chegada, mencionando, inclusive a presença dos repórteres. Após a última quadra há a assinatura do autor - *João Henriques Ribeiro*, e uma lista com o nome completo dos vaqueiros que fizeram parte da Boiada: *Manoel Nardy, Sebastião Leite de Moraes, Raimundo Ferreira de Nascimento, Grigório Leite de Moraes, Aquiles Luiz de Carvalho, Raimundo Santana e Sebastião Alves de Jesus*. As demais páginas do caderno se acham em branco. Encontrei ainda, solto, entre as páginas, um recorte de jornal - "*Um touro único no mundo*" não especificando a fonte, somente *BH, 22 - da sucursal*.

2.4. As anotações de Guimarães Rosa: *uma bela pilha de papel, sortida de vitaminas*

*...As palavras são de carne e osso, seres vivos. A carne macia das vogais e a ossatura das consoantes.*³⁴

Guimarães Rosa conversava sempre com os vaqueiros anotando causos, histórias, versos e cantorias, a lida com o gado, o conhecimento informal sobre bichos e plantas, a linguagem popular e a visão de mundo desse povo do sertão de Minas. O informante-sujeito primário é, então, o tipo dominante nos registros da Boiada (fonte primária).

Quanto ao material coletado durante a Boiada, o escritor datilografou³⁵ todas as notas manuscritas nas cadernetas de campo usando sempre o verso de uma folha de papel branco, sem pauta, formato 20x25cm, escrito em vermelho a palavra cópia. A maneira de inserir o papel na máquina é sempre a mesma, de tal forma que a palavra cópia fique invertida. Isto por si só demonstra como era metuculoso e sistemático no trabalho. Encontramos nas pastas, textos e rascunhos de versões dessa viagem a Minas. Nada era jogado fora, tudo devidamente arquivado³⁶.

O espaço ocupado no papel é sempre o mesmo. O lado direito da folha está reservado para o texto datilografado e o esquerdo para anotações, destaques e marcações posteriores com lápis de cores vermelha, azul, verde e grafite. As marcações no texto são constantes, assinalando partes com chaves, círculos, traços, grifos, setas, cruz,

³² Ver ROSA(1983:86)

³⁵ Provavelmente Guimarães Rosa, "catava milho", pois em carta à Paulo Rónay pede desculpas pela *batida desta, a tôda pressa, dactilografada com um dedo só.* (ROSA.1983:340)

³⁶ Entretanto, o arquivo do escritor de posse do IEB/USP não continha, até 1992, reproduções ou microfílmagens de toda a documentação.

exclamações, interrogações, xis, hachuras em várias direções ou até mesmo colorindo todo o trecho. Muitas vezes combina um tipo de sinal com outro, formando um escrito colorido e arquitetônico. Segundo Franklin de Oliveira³⁷, o escritor marcava não só aquilo com que concordava, como aquilo de que discordava. Os sinais de interrogação e exclamação em alguns trechos da **Boiada** confirmam esse depoimento, sugerindo conferência da informação.

As marcações no texto são tão perfeitas - sinalizadas sem pressa e com capricho - que não prejudicam a leitura. A letra, redonda e miúda, é impecável e bastante legível, nem parecendo caligrafia de médico. Além desses destaques, Guimarães escolhia uma palavra chave para o trecho assinalado, indexando desta forma seu material e anotando o nome do conto/estória em que o trecho foi usado ou seria útil. Um sinal muito característico nos registros é **m%**, ou seja, meu cem por cento, que antecede as expressões que cria ou recria a partir do vivido. O índice geral antecede sempre a primeira página para facilitar uma consulta posterior.

Guimarães Rosa utiliza na **Boiada** duas modalidades de escrita, a inscrição e a transcrição. Nas cadernetas há dados anotados no calor da hora, como expressões de vaqueiros, mugidos de bois, canto de pássaros, conversa fiada e cantorias. Através da leitura pode-se perceber que determinadas informações e observações foram registradas num momento posterior. É importante frisar que as notas de campo abrangem e incorporam o mundo natural na sua totalidade cheio de vida que pulsa no sertão. E mais, que Guimarães não tinha a intenção de produzir uma etnografia. As anotações contêm dados de uma realidade absorvida (uso de propósito o termo, pois percebo que ele vai tragando a viagem nos seus múltiplos aspectos, a natureza com seus cheiros, sons, cores, gostos e tatos fica impregnada na pele do autor).

³⁷ Amigo do escritor e estudioso de sua obra. Apud LEONEL(1985:8)

Um princípio geral guiava Guimarães Rosa, a idéia de um texto em constante processo de tessitura para que possa ser atingida a qualidade esperada. Desta forma, ele se preocupa em guardar todos os rascunhos - os textos “menos perfeitos” ou de “aperfeiçoamento problemático” e chega a reescrever um texto várias vezes³⁸. O arquivamento de várias versões sobre o mesmo texto/esboço tem uma explicação razoável dada pela filha, Vilma Guimarães Rosa³⁹.

Papai raramente destruía o que escrevesse. O patinho feio, mantido e cuidado, pode crescer cisne. O que escrevesse, guardava. Sob o título geral Rejecta, colecionava os seus escritos que julgasse menos perfeitos ou de aperfeiçoamento problemático. Em alguma hora, voltaria a procurar a desejada solução estética, insistindo sempre até encontrá-la.(ROSA,1983:78)

Vilma Guimarães Rosa reproduz uma conversa com o pai que demonstra mais uma vez a preocupação com a qualidade do material produzido:

Se estiver achando tudo o que escreve ótimo, cuidado. Descanse o material numa gaveta e depois releia, com outro espírito. Sem pressa. Lembre-se, não se fabrica livros como se faz macarrão. Qualidade é sempre mais importante do que quantidade (ROSA, 1983:61).

Como já dito anteriormente, Guimarães solicitava sempre aos amigos, e particularmente ao pai, que escrevessem e enviassem histórias contadas e ouvidas. Chegava ao ponto de lhe pedir que mandasse uma carta a fulano pedindo a história contada por sicrano sobre

³⁸ A existência de mais de cinco versões para registrar a saída da Boiada da fazenda da Sirga, arquivadas na pasta 26 do EO, exemplifica essa prática do autor.

³⁹ Cabe ressaltar que o material utilizado como corpus nesta tese segue os dados de referência do autor Guimarães Rosa e as publicações de textos de Guimarães Rosa pela sua filha Vilma Guimarães Rosa, segue apenas o último sobrenome da autora.

beltrano. Informantes em correntes, circulando como uma corrente para obtenção de uma graça:

Como já expliquei, não se trata de pequenas histórias ou casos, que dariam mais trabalho ao senhor, para selecionar, recordar e fixar. O que utilizo são as indicações sobre tipos, costumes, descrições de lugares, cenas; vestimentas, métodos de trabalho, palavras, termos e expressões curiosas ou originais, etc.etc. O senhor manda? Obrigado. Guimarães Rosa⁴⁰

Otto Lara Resende(1991)⁴¹ conta que para Guimarães Rosa o ato de escrever era um rito:

Começava por “limpar o aparelho”. Para isso tinha uns lápis de ponta fina. Fazia uns desenhos e escrevia algumas palavras soltas. Só trabalhava de pé diante de uma prancheta de desenhista, o que talvez refletisse a preocupação do médico com o próprio aparelho circulatório.

A ponta dos lápis e a cor eram imprescindíveis no ritual da escrita.⁴² Rasuras são poucas nos originais: quando havia necessidade de trocar ou acrescentar uma palavra, tudo era

⁴⁰ Carta escrita ao pai em 05/07/1956, ver ROSA(1983:180)

⁴¹ Este trecho faz parte da crônica “Levava pela mão um balão de criança” publicada pelo jornal Folha de São Paulo em 24/11/1991. Posteriormente, o jornalista a utilizou para escrever “Um biscoito que virou pirâmide”, uma homenagem ao autor publicada no livro póstumo “O príncipe e o sabiá”. São Paulo, Cia das Letras, 1994, p.198

⁴² Como a cor tem um significado para Guimarães Rosa e desempenha um papel de código estético nas marcações, copieei fielmente o conteúdo das pastas da Boiada com a transposição de cores. Outros escritores também usaram lápis de cor nos seus originais como Pedro Nava e Oswald de Andrade. CANDIDO(1993:47)) nos conta que o lançamento do caderno de Oswald reproduz *exatamente o amarelado do tempo, as manchas, os recortes colados, os rabiscos soltos, a cor das tintas de escrever: roxo, verde, vermelho*. Ver CANDIDO, Antonio. “O diário de bordo” In: *Recortes*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

feito com cuidado e capricho, à mão, com uma caneta tinteiro, sendo possível identificar a palavra substituída, talvez uma técnica rosiana para não perdê-la.

Todo o material coletado, após o ritual de processamento que exigia reler as notas, passar para um caderno, classificar e pôr em ordem, resultava: *uma bela pilha de papel. sortida de vitaminas*, como ele caracterizava o seu trabalho descrito em carta para o pai em 05 de julho de 1956

...agora eu estou justamente relendo as mesmas (notas), e passando para um caderno, classificadas e em ordem, tôdas as informações, para serem aproveitadas em futuros livros. É uma bela pilha de papel, sortida de vitaminas.
(ROSA, 1983:180)

A pilha de papel vitaminada servia para “alimentar” futuros livros e o próprio Guimarães, que declarou passar, às vezes, várias horas trancado, escrevendo sem interrupção. Sem dúvida, o Arquivo Guimarães Rosa é um rastro, uma pegada da travessia roseana na arte de ser e de criar.

*“A natureza é sábia e contém o néctar da sabedoria:
é a primeira mestra do ser humano” (Raumsol)*

CAPÍTULO 3

Concepções de natureza

3.1. Considerações Iniciais:

O objetivo deste capítulo é refletir sobre algumas concepções de natureza que se destacam nas relações dos seres humanos. Não tenho a pretensão de apresentar uma análise profunda seguindo rigorosamente uma cronologia histórica, mas trazer alguns pontos para discussão sobre o tema - especificamente para a Biologia e a Educação. THOMAS(1988), WILLIAMS(1989) e CORBIN(1989) foram três autores escolhidos como referência básica pela particular contribuição ao estudo da relação do homem com o mundo natural do século XVI ao XIX. O primeiro autor demonstra, através de uma série de citações históricas e literárias, como a sociedade ocidental (especificamente a inglesa) foi mudando de atitude em relação às plantas e aos animais, o segundo analisa as relações com o campo e a cidade e o terceiro, a praia e o imaginário ocidental.

Através da leitura dessas obras pode-se perceber como a relação do ser humano com a natureza vem sendo construída e se transformando ao longo dos séculos. GONÇALVES (1989:23) reitera esse processo de construção constante ao afirmar que *toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada idéia do que seja a natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens*. Considerando essa perspectiva, assumo que a relação que os grupos sociais vão estabelecendo com o mundo natural é múltipla e varia diacronicamente, sendo responsável pela elaboração de um conceito dinâmico e de um ambiente em contínuo processo de transformação. Desta maneira, não existe uma única natureza nem uma natureza natural, intocada; a natureza continuamente vem se construindo pela inserção do elemento humano como parte do mundo natural e como produtor de cultura.

Essa idéia de transformação permanente do ambiente é também encontrada em LEACH (1985a) que, apoiando-se na concepção moderna de evolução ressalta que:

- a. todas as coisas vivas modificam o ambiente;
- b. o ambiente está em constante processo de transformação pela ação humana.

Para esse autor a interação do ser humano com o ambiente difere radicalmente da interação que outros animais têm com a natureza por dois aspectos básicos - consciência e ação. A consciência humana permite distinguir entre *percepção* e *conceito*, a ação humana é determinada pela *escolha* e *intenção* e depende, entre outras coisas, da maneira de como *apreendemos* e *representamos* a organização do ambiente. Uma multiplicidade de percepções - possibilitada pela complexidade do ambiente - adquire significados próprios de acordo com os valores sócio-culturais. Ainda segundo LEACH (1985a:14)

quando "pensamos" e, sobretudo, quando exprimimos os nossos pensamentos empreendendo ações que impõem modificações no ambiente, simplificamos drasticamente o fluxo da nossa experiência direta. Antes de mais, segmentamos as nossas percepções, o que faz com que "vejamos" o mundo exterior como constituído por coisas separadas; depois, classificamos essas coisas em categorias, impondo assim uma ordem artificial, extremamente arbitrária e segmentada, ao universo caótico da experiência sensorial imediata.

O ser humano, ao expressar as percepções sensoriais da realidade apreendida, registrada e codificada, faz uma distinção e simplificação do *fluxo da experiência direta*. O que é percebido integrado passa a ser organizado, classificado e ordenado em partes. Desta forma, pensar, falar e agir são três características humanas que reordenam de forma simplificada, segmentada e artificial o mundo exterior. Dois aspectos humanos fundamentais se destacam e se distinguem nessas afirmações - uma percepção integrada e uma expressão desse sentimento dissociado do todo. Os constituintes da natureza - reino animal, vegetal e mineral - se entrelaçam na grande teia da vida, porém, quando nos referimos a eles, apresentamo-los isoladamente, reordenando-os em categorias que têm significados para nós.

As relações que a espécie humana mantém entre si e com os demais seres animados e inanimados e a reordenação do mundo natural se fundamentam em duas perspectivas sob as quais a natureza é concebida. A primeira focaliza **o ser humano separado da natureza** e se caracteriza pela postura antropocêntrica, utilitária, naturalista e civilizada. A segunda vê **o ser humano na natureza**, interagindo com os outros animais, vegetais e minerais. Essa segunda concepção apresenta um conceito dinâmico de ambiente, do qual o ser humano é um elemento ativo e interacionista, e faz oposição à concepção anterior, que mostra o ambiente como algo pronto, dado, destacado, em torno e periférico do homem. Este capítulo trata dessas duas perspectivas, buscando colocar em evidência as várias visões sobre a natureza.

3.2. O ser humano separado da natureza

A separação do ser humano da natureza se manifesta em diversas situações e tempos históricos. O primeiro livro de Moisés, ao apresentar o relato bíblico da criação, fornece os alicerces da concepção antropocêntrica e utilitária que assegura o domínio do homem sobre a natureza. Todas as criaturas foram criadas para prestar serviço ao homem, centro do mundo. Com a concepção naturalista se institui uma nova forma de olhar e de se relacionar com a natureza. O estudo científico dos animais e vegetais classifica e ordena os seres independente de sua serventia. A concepção civilizada representa a imposição da ordem humana através do extermínio, cultivo e domesticação da natureza selvagem.

Nessas concepções, a natureza pode adquirir vários significados como paraíso, inferno, cenário, paisagem, sendo concebida sempre como um objeto. A perspectiva de **conviver com** está ausente na maioria dessas concepções, sobressaindo as ações de usufruir, extrair, dominar, controlar e usar os recursos naturais. O binômio selvagem e civilizado fica em evidência quando se rompe a interação com o mundo natural, na tentativa de separar, afastar e distinguir os humanos dos demais seres.

A apresentação da perspectiva do ser humano separado da natureza está estruturada neste capítulo em três grandes grupos dicotômicos: **a. natureza edênica e natureza infernal**, **b. natureza selvagem e natureza civilizada** e **c. natureza natural e natureza artificial**. A concepção civilizada inclui as visões antropocêntrica, teológica e humanizada. A concepção de natureza natural inclui o pensamento naturalista e a de natureza artificial a abordagem didática e tecnológica. Essa divisão é aleatória e tem mais o caráter de organização do texto do que uma classificação propriamente dita.

3.2.1. Natureza edênica e Natureza infernal

A idéia da **natureza edênica** se fundamenta no Antigo Testamento, que apresenta uma versão da origem do mundo no livro do Gênesis. A criação do céu e da terra, a separação entre a luz e as trevas, a divisão entre a terra e os mares e o povoamento de seres vivos revelam o gesto criativo de Deus e a construção de um mundo belo, aprazível e farto para **servir ao domínio** daquele que é sua imagem e semelhança - o homem. O paraíso vai nascendo das mãos divinas do criador durante seis dias, deixando o sétimo para descansar e desfrutar de sua realização. A obra do Éden se completa com a formação do homem, a plantação do jardim e posteriormente a constituição da mulher.

Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. (Gn. 1:26)

*E a todos os animais da terra e a todas as aves dos céus e a todos répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhe será para **mantimento**.* (Gn. 1:30)

A justificativa para a criação do mundo sugere de início que a única função da natureza se restringe em servir, como um objeto, ao sujeito homem para que ele possa exercer seu domínio e extrair aquilo que é necessário à sua alimentação. A idéia predominante nessa

interpretação se encaixa dentro de uma perspectiva que vê a natureza apenas para ser manipulada e devorada. A preservação das espécies está muito ligada ao duplo aspecto benéfico e útil.

Através do relato bíblico podemos notar que a formação do homem e da mulher se confunde com a história da terra. O tempo histórico e o tempo geológico se reduzem a um só tempo. O paraíso surge antes do homem mas no mesmo tempo de criação, comprovando que a história geológica e a história evolutiva da terra e do homem são desconhecidas no Antigo Testamento⁴³. Inicialmente Deus tratou da *criação dos céus e da terra e de tudo o que neles há*, para posteriormente formar o homem *do pó da terra* e a mulher, *uma auxiliadora que lhe seja idônea, de uma das suas costelas*. Essa criação em etapas sucessivas mostra uma hierarquização do processo - primeiro o cenário, depois o ator principal e por último a coadjuvante. Desta forma, Deus concebe o homem - sua imagem e semelhança - separado da natureza e reserva à mulher uma posição periférica e serviçal, a mesma delegada à natureza.

Essa *concepção androcêntrica* (BOFF:1995a) instaura uma divisão entre os homens/mulheres e os demais seres e aproxima a mulher da natureza ao receber como significado a denominação de terra mãe. A fertilidade e a geração das criaturas garantem essa aproximação e revelam que ambas - terra e mãe - representam dentro de um universo simbólico a parte feminina. A ruptura do homem com o mundo natural, a separação entre matéria e espírito (corpo e alma), a distinção entre selvagem e civilizado fornecem o alibi para a matança dos animais peçonhentos e predadores, o extermínio de plantas tóxicas, a

⁴³ Com o advento da geologia e da evolução essa representação passou a não satisfazer e nem a responder aos questionamentos e avanços da ciência. Outras interpretações fundamentadas em novas e revolucionárias idéias científicas começaram a se esboçar e explicar a origem do mundo desconsiderando a presença divina no processo de criação. Ver Alain Corbin, especificamente o capítulo 2 - *As leituras dos enigmas do mundo - os arquivos da terra*. O autor mostra que o avanço da crítica científica juntamente com a dificuldade de associar a observação dos fenômenos naturais com o texto bíblico contribuiu para se buscar outras explicações sobre a teoria da terra. *“Ao tempo curto, ritmando a alternância dos dias e das estações, e ao tempo histórico, marcado pela sucessão dos séculos, vem juntar-se a imensidão do tempo geológico, correlato tardio do reconhecimento da infinidade do espaço pelos sábios do século XVII...Ao mesmo tempo, separaram-se a história do homem e a do planeta* (CORBIN, 1989:114)

justificação da caça, da domesticação, da vivissecção, do hábito carnívoro, dos maus tratos aos animais, aos selvagens e às mulheres.⁴⁴

Para CORBIN(1989) a criação do paraíso não representa a totalidade, pois o Jardim de Éden se caracteriza como uma *paisagem fechada*, em que vários elementos estão ausentes, como, por exemplo, o mar - elemento indomável que manifesta o inacabamento da Criação.

O oceano constitui a relíquia daquela substância primordial indiferenciada que tinha necessidade, para tornar-se natureza criada, de que lhe fosse imposta uma forma. Esse reino do inacabado, vibrante e vago prolongamento do caos, simboliza a desordem anterior à civilização. (CORBIN,1989:12)

O mar representa o caos, a desordem, o princípio de tudo indiferenciado. O que não pode ser dominado, domado e domesticado. Os ambientes que têm essas características - como o deserto, a montanha inacessível, a floresta, o pântano e o lago - estão fora do paraíso e conseqüentemente não podem constituir uma moradia civilizada. CORBIN(1989:12) acrescenta que

Uma criatura feita à imagem de Deus não saberia estabelecer sua morada fora do jardim ou da cidade. O texto bíblico, aliás, não menciona senão as criaturas dos ares e dos campos; as espécies marinhas, submersas na sombra misteriosa do abismo, não podem ser designadas pelo homem e, por conseguinte, escapam à sua dominação...Querer penetrar os mistérios do oceano é resvalar no sacrilégio...

A idéia de paraíso terreal também traz embutida uma natureza parcial em estado natural, dada, próspera e fértil, onde tudo que se **planta** se **colhe**. As qualidades de prosperidade e

⁴⁴ A ausência de uma utilidade imediata e benéfica ao homem não significava necessariamente um extermínio dos animais e dos vegetais. Como veremos na seção 3.3.3, algumas interpretações bíblicas recorreram aos princípios teológicos e sagrados para preservar certas espécies de uma matança indiscriminada

fertilidade estão associadas ao plantar e explorar, conseqüentemente a natureza vai sendo modificada, perdendo o encantamento original e sendo dominada. À medida que as populações vão ocupando e usando o solo produzem um outro tipo de natureza através das práticas agrícolas e culturais. Como veremos adiante, nos séculos XVI e XVII a terra inculta era condenada, pois simbolizava ausência de civilidade. Desta forma, um presente divino intocável, porque sagrado, convive com a terra objeto, para ser aperfeiçoada, civilizada e re-sacramentada.

Ao mesmo tempo que a natureza vai sendo remodelada e outras paisagens e elementos incorporados, a *nostalgia da condição edênica* (ELIADE,1989) é um sentimento presente e se perpetua ao longo dos séculos, manifestando-se constantemente na linguagem, nas imagens e comportamentos humanos. As expressões exaltadas de admiração de algum recanto como "um verdadeiro paraíso", "lugar paradisíaco", "uma beleza, parece o paraíso" revelam como o ser humano se sente atraído pelo mito do eterno retorno. A beleza e a nudez, somadas com ar "puro", fontes de água "cristalina", jardins verdes e ociosidade compõem muitas vezes, no imaginário da população, uma paisagem idílica, com contornos de uma ordem humana.

A idéia de uma natureza paradisíaca coexiste com uma idéia de natureza infernal. O século XVI corresponde a um período em que se evidenciam as visões paradisíacas e infernais no imaginário do colonizador. Segundo SOUZA(1987), ambas concepções não apareceram de forma linear, seguindo uma ordem entre edenização e detração; o que houve foi predominio da visão paradisíaca. O primeiro impacto e contacto do colonizador com a nova terra era marcado por sentimentos de exaltação com a exuberância e a beleza da paisagem e da população nativa, lembrando a idade de ouro. À medida que ampliava a ocupação do território e o período de permanência na região, os aspectos negativos e prejudiciais iam sendo descobertos e mesclados à imagem paradisíaca.

Nos relatos dos viajantes do século XVI⁴⁵, a visão infernal também era associada com os ventos mortíferos, perigosos e doentios; terra lassa e desleixada; bichos venenosos e imundos (moscas, aranhas, lagartixas, pulgas, piolhos, baratas, percevejos, mosquitos e traças).⁴⁶ A impossibilidade de o ser humano impor uma ordem ao vento, caracterizava-o como coisa diabólica: inclusive, algumas imagens demoníacas estão associadas com redemoinho. As tempestades no mar e na terra tornam-se violentas com a força do vento, capaz de varrer, arrasar, inundar, arrebentar e destruir. O dilúvio representa a destruição, o castigo divino em decorrência de o homem e a mulher terem caído em tentação, segundo CORBIN(1989:12) *um retorno temporário ao caos*.

Outra manifestação de uma natureza infernal, obra do demo, pode ser explicada pela existência de animais peçonhentos e venenosos, de plantas tóxicas e daninhas. Esses animais e plantas, em certos períodos históricos, não foram considerados criações de Deus, pois o Senhor não lhes delegou uma utilidade prática para o ser humano. Pelo contrário, causam prejuízos, transmitem doenças e morte, atacam os mantimentos, roem roupas e documentos. Enfim, tudo que sugere sofrimento, martírio, tormento ou que evoca sentimentos negativos agrupa-se num quadro típico de uma natureza infernal. Veremos, mais adiante, que essa interpretação se altera com o passar dos tempos, sugerindo que mesmo aqueles animais sem serventia foram criados com algum propósito. Mesmo assim podemos encontrar, nesta virada de século, velhas idéias desse gênero ainda remanescentes no meio popular.

⁴⁵ Ver por exemplo: GANDAVO, Pero de Magalhães. Tratado da terra do Brasil e CARDIN, Fernão. Do clima e Terra do Brasil. In: VOGT, Carlos & LEMOS, José Augusto Guimarães de. *Cronistas e viajantes: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*. São Paulo: Abril Educação, 1982

⁴⁶ Interessante observar que os seres humanos, de um modo geral, consideram esses animais repulsivos por excelência, associando-os com sujeira, falta de higiene, educação e civilidade. Entretanto, as grandes metrópoles, símbolo da civilização, estão povoadas de insetos e roedores.

3.2.2. Natureza selvagem e Natureza civilizada

A ausência de uma domesticação e de uma ordem humana recebem comumente a definição de um estado selvagem. A necessidade reinante de distinguir o natural do selvagem e o humano do animalesco, trouxe conseqüências nas relações sociais ao instituir uma divisão social e cultural entre os próprios semelhantes.

Para aqueles que consideravam-se cultos, a maioria dos homens e mulheres apresentava-se e portava-se como animais, sendo rotulados como seres inferiores. No período das grandes navegações, a atitude de exclusão do outro recai sobremaneira nos povos "primitivos", "selvagens". Pelo fato de os índios não disporem de atributos considerados "humanos" e "civilizados" foram, de imediato, rotulados de animais, de "bestiais". Como exemplo, a carta de Pero Vaz de Caminha ilustra o comportamento do europeu frente ao silvícola. A descrição inicial se restringe ao aspecto físico. O olhar pousa sobre a cor, o nu e o sexo, registra costumes nada civilizados como se apresentar sem cortesia, cuspir com nojo o que é oferecido como alimento, dormir sem se preocupar em cobrir as "vergonhas". O perfil animalesco se resume em:

gente bestial e de pouco saber, e por isso mesmo tão esquivas. Mas apesar de tudo isso, andam bem curados e muito limpos. E naquilo sempre mais me convenço que são como aves ou animais montesinhos. (cf. CASTRO, 1985:88)

O traço de semelhança humana, identificado na limpeza corporal, aponta a possibilidade de amansar, apaziguar e converter esse povo muitas vezes descrito como "bicho do mato". A possibilidade de civilizá-los se apresenta como uma tarefa semelhante à domesticação de animais.

Outro cronista do século XVI, Pero de Magalhães Gandavo, caracteriza os índios como selvagens, assinalando os comportamentos - *mui desumanos, não houvera razão de*

homem, vivem desordenadamente - que demonstram a ausência de três atributos básicos: fé, lei e rei. A (des)qualificação é reforçada quando Gandavo nota que são desagradecidos, só pensando em comer, beber, matar gente e fornicar. Reduzir a vida ao instinto animal, desconhecendo as regras da civilidade e da boa educação, aproxima "esses humanos" mais dos bestiais e do diabo. Gandavo não entende nem quer entender a organização social e a língua do nativo; conseqüentemente o autor/espectador não enxerga as "leis", a "fé" e os "reis" da comunidade observada. Ele vê e interpreta o outro sob o prisma de sua cultura.

Quanto à alimentação, os textos dos cronistas trazem também que os índios tinham o hábito de comer carne, inclusive a humana, o que reforça o aspecto selvagem. Em nenhum momento apontam o significado da antropofagia e os rituais de preparação dos alimentos. THOMAS (1988:342) relata que vários comentadores da Bíblia *concordavam em que a alimentação carnívora simbolizava a condição decaída do homem.*

O romance de José de Alencar "O Guarani", publicado em 1857, não foge a uma descrição deturpada do índio, mas aproxima civilizado e selvagem através dos dois personagens centrais, Ceci e Peri. BOSI (1993:177) ressalta que o índio de Alencar é convertido e batizado, *entra em íntima comunhão com o colonizador.* A visão romantizada do bom selvagem, Peri, convive com as idéias dominantes e contraditórias do ano de 1604, data em que se passa o romance. Assim, o patriarca D. Antônio apreciava o caráter de Peri *e via nele embora selvagem, um homem de sentimentos nobres e de alma grande* (ALENCAR, 1984:50), a filha Cecília compreendia *a sublime abnegação, toda a delicadeza de sentimento dessa alma inculta* (ALENCAR, 1984:42). No entanto, Dona Lauriana, esposa e mãe, não aceitava essa *praga... casta de gente, que nem gente é... capeta* (ALENCAR, 1984:52-53).

A rejeição ao aspecto animalesco nos seres humanos não se restringe a um período histórico. GEERTZ(1989), ao estudar as brigas de galos na sociedade balinesa, mostra como os nativos repudiam certos comportamentos que evocam os animais: aos bebês é

proibido engatinhar; limar os dentes faz parte do ritual de puberdade para não parecer presas de animal; defecar e comer são atividades desagradáveis, quase obscenas, que devem ser feitas apressadamente e em particular. Esses comportamentos considerados grosseiros revelam a inversão da condição humana.

Outra manifestação de desqualificação da condição humana se apresenta através dos insultos, a sociedade usa os animais para achincalhar o próximo. Cabe ressaltar que a animalização do ser humano não se restringe a uma alegoria, pois há casos em que os trabalhadores contam que se sentem como verdadeiros animais durante o exame admissional.⁴⁷

THOMAS(1988) registra que os viajantes que percorriam as regiões orientais mostravam-se impressionados com o tratamento que os hindus e budistas davam aos animais e aos mortos. Não entendiam os rituais religiosos e mostravam-se surpreendidos com certas práticas funerárias.

Ao mesmo tempo que esses povos respeitavam a vida insignificante dos animais não respeitavam os semelhantes pois lançavam na pira os parentes, como se a vida de um homem fosse de menos importância e consideração que a do bicho".(THOMAS, 1988:26).

Dentro do quadro mental da cultura ocidental era inconcebível que os animais fossem considerados seres sagrados e tratados com respeito. Este comportamento caracterizava o povo como inferior, primitivo, selvagem e sem civilização.

A relação selvagem/civilizado é marcada pelo olhar etnocêntrico. Cada grupo social vê e classifica o outro de acordo com sua visão de mundo e seus valores culturais. Brancos e índios podem ser rotulados de selvagens e civilizados dependendo de quem olha e fala. Há

⁴⁷ Pesquisando sobre educação, saúde e trabalho, entrevistei um operário sobre o que sentia durante o exame admissional. Ele foi categorico "Me sinto uma vaca". Ver: MEYER(1984) (Dissertação de Mestrado)

registros que revelam como os indígenas viam e tratavam o europeu como um Deus, exercendo poderes sobre o céu e a terra. TODOROV(1991) reproduz uma situação vivida que ilustra como o navegante genovês, Cristovão Colombo, se aproveita de um iminente eclipse da lua para pressionar os nativos a continuarem a abastecer gratuitamente de mantimentos as embarcações encalhadas na costa jamaicana. O não cumprimento da tarefa impunha o roubo da lua. O sucesso da ameaça foi imediato quando a sentença começou a cumprir-se diante dos olhos assustados dos caciques naquela noite de 29 de fevereiro de 1504.

No século XVI, a responsabilidade e obrigação moral do homem branco de converter os índios, levando-os à benção da civilização, colonizando-os, se assentava nas idéias de Buffon. Este naturalista considerava o selvagem como homem, mas caracterizava-o negativamente, com atributos de estúpido, ignorante, inerte, depravado e preguiçoso. Buffon foi um segregacionista, oposto a Rousseau, defendendo uma evolução linear e hierárquica onde os seres julgados como superiores (brancos, civilizados, colonizadores) ocupam o topo e os inferiores (selvagens, primitivos, escravos, serviçais) a base da pirâmide. Essa estruturação social desigual serviu para a subsequente justificação do colonialismo por parte da burguesia liberal.⁴⁸

A concepção de uma natureza selvagem se opõe a uma **natureza civilizada**. O ser humano, ao autodenominar-se um ser superior, desnaturaliza-se para naturalizar à sua maneira o mundo. Tentando ordená-lo, apropria do espaço como único dono, toma a posse, inventa técnicas, define processos produtivos e estabelece uma hierarquia para dominar recursos naturais e humanos, acumular riquezas. A visão contemplativa é substituída pela manipulativa. A ordem natural por uma ordem artificial. O selvagem pelo civilizado.

A natureza civilizada indica manipulação, a imposição da ordem humana através do cultivo, da domesticação, do extermínio e da organização do tempo. O Renascimento

⁴⁸ Ver o texto de LEACH (1985b) no que se refere "Natureza/cultura".

funda uma racionalidade com o mundo natural onde o ritmo da natureza se contrapõe com o ritmo humano. Re-nasce um espaço ordenado onde o tempo é medido e administrado. Definem-se novas etapas, regras e rituais. Os diferentes grupos sociais se mobilizam e estabelecem um calendário paralelo ao dos fenômenos naturais. Assim, comemora-se o dia das árvores ou dos animais em datas previamente determinadas.

A desordem é abominada, pois sugere abandono e descuido lembrando os ancestrais primitivos. A noção de civilizado não convive com a de selvagem. O adjetivo desleixo é usado em várias situações corriqueiras e quase sempre para desqualificar o próximo. Uma casa desleixada se caracteriza, aos olhos do outro, com aranhas, lagartixas, moscas. Um pardieiro. Sem se ater aos diferentes conceitos culturais de limpeza, o desleixo e a imundície são considerados indicativos de estado selvagem, atitudes repulsivas em que a ordem humana deve reinar e impor sua organização⁴⁹. O aspecto bestial e grotesco diminui as fronteiras, aproximando os homens dos animais.

Ser civilizado significava conquistar a natureza através do desenvolvimento da agricultura, represamento das águas, uso regular dos metais, domesticação dos animais, manipulação de ervas. Todas as práticas associadas à vida animal eram rejeitadas, tais como comer com a mão, nadar, trabalhar de noite, dar leite ao recém nascido. A civilidade requeria boas maneiras à mesa, postura ereta, higiene física, vestir com moderação, conter os impulsos físicos.⁵⁰

A civilização significava o predomínio humano, que também se manifestava na necessidade de distinguir os homens dos animais. Vários atributos caracterizavam o homem para separá-lo e diferenciá-lo dos seus próprios semelhantes e dos animais. O manual de boas maneiras surge para regular normas e comportamentos importantes no

⁴⁹ Um domicílio desarrumado lembra mais uma espelunca do que um lar. Etimologicamente, essa palavra vem do grego *spelaiou* que originou espeleologia, estudo das cavernas. A gruta é justamente a primeira moradia do homem pré-histórico, chamado de primitivo e selvagem - duas características usadas para desqualificar o ser humano. A expressão popular retrata essa situação ao dizer que "Fulano vive igual bicho".

⁵⁰ Ver THOMAS (1988), particularmente o capítulo I "O predomínio humano".

processo civilizatório⁵¹. Todas as atitudes e hábitos de condutas que aproximavam de algum aspecto animalesco eram rejeitados e inferiorizados. THOMAS(1988) exemplifica várias práticas como o trabalho noturno, a natação, a nudez, os cabelos longos, entre outras, que eram apontadas como bestiais.

Entretanto, para justificar as desigualdades sociais entre os membros da espécie humana abusou-se, no século XVI, da naturalização das relações sóciohistóricas construídas, invocando exemplos do reino animal, como a vida comunitária de formigas, de abelhas e de cupins. THOMAS(1988) afirma que o paralelo entre a sociedade humana e a colméia foi muito popular na Inglaterra durante a dinastia Stuart dominante entre 1603 e 1714.⁵²

A ciência de Descartes celebriza a diferença entre homens-animais ao recorrer à posição mecanicista. Tanto o corpo humano como os animais se apresentam como máquinas ou autômatos, mas *“a diferença está em que no seio da máquina humana há a mente e, portanto, uma alma separada, enquanto os seres brutos são autômatos desprovidos de almas ou mentes. Só o homem combina, ao mesmo tempo, matéria e intelecto.”*(cf.THOMAS, 1988:39). A discussão sobre ter ou não ter alma esteve em pauta nos séculos XVI e XVII com o propósito de estabelecer a diferença e justificar a dominação. Embora tivessem alma, muitos homens, mulheres e crianças eram vistos como animais justamente para serem escravizados e submetidos à exploração.⁵³

As representações de uma natureza dadivosa e selvagem que precisa ser civilizada se refletem na literatura. Daniel Defoe escreve as aventuras de Robson Crusoe (1719) numa ilha, após o naufrágio de um barco. Defoe valoriza o trabalho que ordena o caos do mundo natural, ideologia muito marcante no século XVIII. Robson Crusoe, além de lutar

⁵¹ Ver ELIAS (1994)

⁵² O historiador inglês cita alguns antropólogos, entre outros, Claude Lévi-Strauss, Yi-Fu Tuan, Mary Douglas, Marshall Sahlins, que sugerem que o pensamento humano tem uma tendência a projetar, principalmente no reino animal, categorias e valores derivados da sociedade humana, justificando determinado arranjo social ou político. Ver especificamente o capítulo "História natural e erros vulgares".

⁵³ Charles Darwin registra que *“aos animais, que tornamos nossos escravos, não gostamos de considerar como semelhantes”*(cf. THOMAS, 1988:42)

e conquistar a natureza através da sua labuta, representa o mito do indivíduo, em que a sociedade não existe e em nada contribui para o processo civilizatório. O romance de Defoe resgata o paraíso perdido e recapitula simbolicamente as etapas da civilização dentro de uma perspectiva prometeica. Para CORBIN(1989:25),

A ilha de Robinson apresenta todas as características do Éden após a queda: a felicidade serena ali se realiza, com a condição de que o homem não poupe seu suor, de que organize o tempo e administre minuciosamente seu trabalho.

O escritor Júlio Verne também adere à temática de conquista do mundo natural ao publicar no século XIX o livro "A Ilha Misteriosa" (VERNE,1984), que conta a aventura de um pequeno grupo de naufragos que passam a viver numa ilha da qual extraem, com técnica e sem dificuldades, os recursos necessários à sobrevivência. Tudo que necessitam provém da pequena porção de terra fértil que salva, acolhe e protege os filhos das profundezas do mar. O trabalho humano dos sobreviventes para conquistar e transformar a natureza prodigiosa não aparece no texto, dando a impressão de uma transformação mágica, o oposto do encontrado no romance de Defoe.

TOURNIER(1991) descreve detalhadamente a tentativa humana de ordenar o paraíso no livro "Sexta-feira ou Os limbos do Pacífico", que apresenta uma releitura e uma reescrita das aventuras de Robinson Crusoe. Robinson representa o mundo civilizado, enquanto Sexta-Feira representa o mundo natural, selvagem e caótico. Robinson decide civilizar a terra, pôr ordem no caos. Com intenso e contínuo trabalho, ele se esforça para organizar e dominar cada parte da terra recém pisada pelo branco. Os animais e o índio Sexta-Feira são domesticados. Robinson aprisiona o tempo, inventando um típico relógio. Planta, colhe e armazena alimentos numa produção frenética. Mede, prova, certifica, cadastra, etiqueta e inventaria palmo por palmo da terra. Cria códigos e normas. A ilha, domesticada em mais alto grau, não condiz com "Desolação" e "Speranza" passa a ser o seu novo nome. Sexta-Feira, integrado com o mundo natural, estabelece relações

completamente diferentes e acha graça na conduta do outro, ao ponto de seu riso infantil incomodar.

O domínio humano é a essência da visão **antropocêntrica e utilitária**. Esse olhar estreito e limitado da natureza permaneceu por longo período ⁵⁴ e teve o respaldo da ciência, além da igreja católica. Tanto Aristóteles como Bacon ⁵⁵ consideravam o homem o centro do mundo. Na época das grandes navegações, todos diários, tratados e cartas referentes ao Novo Mundo fazem questão de mencionar o que o europeu poderia extrair da terra em benefício próprio e gozo.⁵⁶

THOMAS(1988) demonstra, através de vários exemplos, como alguns ingleses achavam que todas as criaturas foram pensadas para atender a três propósitos - *prático, estético e moral*.

Os moscões, especulava o fidalgo virginiano William Byrd em 1728, foram criados para que "os homens pudessem exercitar suas faculdades e engenho ao se protegerem contra eles". Os macacos e papagaios foram feitos "para o contentamento do homem". Os pássaros canoros foram projetados "com o propósito de entreter e deliciar a espécie humana".(THOMAS,1988:24)

O autor acrescenta outros exemplos de insetos e mamíferos, como o piolho, o boi, a ovelha, o cavalo e o cão. Entre os crustáceos, a lagosta recebe menção especial e todos os vegetais e minerais são considerados sempre do ponto de vista humano. A existência de cada ser era justificada apenas pela utilidade.

⁵⁴ Como a formação ocidental e latina se assenta nesses princípios religiosos é comum, na atualidade, encontrar a idéia utilitária regulando as práticas populares.

⁵⁵ Francis Bacon ponderava *"Se procurarmos as causas finais, o homem pode ser visto como o centro do mundo"* (cf. THOMAS,1988:23). Para Aristóteles *"a natureza não fez nada em vão e tudo teve um propósito. As plantas foram criadas para o bem dos animais e esses para o bem dos homens. Os animais domésticos existiam para labutar, os selvagens para serem caçados."*(idem.:21)

⁵⁶ O Tratado "Do clima e Terra do Brasil" Fernão Cardim é um verdadeiro manual prático de sobrevivência e atitudes, contendo uma descrição dos animais nativos, especificando quantidade e utilidade. Veado, anta, porco, paca e tatu aparecem na lista elaborada pelo jesuíta como exemplares dos animais que fornecem carne, couro e pele. Ver VOGT & LEMOS (1982a)

A concepção utilitária desencanta a natureza e transforma o bem natural em recurso. A lógica de uma economia fundamentada na busca de um enriquecimento rápido, implica em apropriar-se do ambiente com a finalidade de extrair matéria prima que pode ser convertida em riqueza. O processo de apropriação da natureza se restringe ao interesse econômico imediato e não se interessa, de um modo geral, em conhecer os processos ecológicos. Os naturais recursos servem como guias e indicadores de fortuna e a exploração desenfreada causa desastrosos impactos ambientais, interferindo na vida local. Com o passar dos anos, o patrimônio natural começa ser dilapidado, revelando a forma brutal de exploração e colocando em pauta questões como preservação e devastação do ambiente e repensando o próprio modelo de desenvolvimento e progresso.

A concepção de natureza antropocêntrica estabelece uma associação entre explorar e conhecer. O conhecimento advém da utilidade e o que não tem serventia permanece na maioria das vezes desconhecido. A lógica dominante é a utilitária, que favorece a exploração do ambiente. SAHLINS(1979:196) lembra que a *lógica simbólica* também organiza a demanda e demonstra esse enunciado de uma maneira simples recorrendo ao modelo da refeição americana. A carne bovina e/ou suína, alimento comestível central nos Estados Unidos, determina a exploração do ambiente e a relação do americano com a terra. O autor deixa claro que antes dos objetos adquirirem um valor de uso e valor de troca, eles precisam ter significados para as pessoas. Desta forma, a lógica simbólica pode se unir à lógica utilitária, favorecendo tipos de relações como mundo natural. O que não tem significado passa despercebido e desconhecido.

O ser humano permanece na berlinda até o século XX, quando os estudos ecológicos apresentam uma outra maneira de se olhar a natureza. Subverte-se a ordem reinante: não existe um centro e um entorno. Uma nova educação do olhar se inicia focalizando a interligação de tudo e de todos numa grande teia da vida. Com o advento da ecologia os processos ecológicos passaram a ser estudados e considerados em projetos, políticas e questões ambientais. A sensibilização para os problemas ambientais garante por um lado

uma construção cognitiva constante, que repercute tenuamente em mudanças de práticas sociais onde a lógica simbólica, a lógica utilitária, a lógica econômica e a lógica política se manifestam fortemente.

Voltando ao século XVIII, a maior parte dos cientistas e teólogos defendia que todas as espécies da criação tinham um papel necessário a desempenhar na *economia da natureza*:

Esta planta (sensitiva) deve ter alguma virtude mui grande, a nós encoberta, cujo efeito não será pela ventura de menos admiração. Porque sabemos de todas as ervas que Deus criou, ter cada uma particular virtude com que fizessem diversas operações naquelas coisas para cuja utilidade foram criadas e quanto mais esta a que a natureza nisto tanto quis assinalar dando-lhe um tão estranho ser e diferente de todas as outras. (cf. VOGT & LEMOS, 1982b: 31)

Esta citação revela que a ausência de uma utilidade prática não indicava necessariamente um desprezo pela forma de vida. A planta sensitiva, no exemplo dado, ganha um significado especial e como uma parábola oferece uma lição divina. Se o inútil deveria ser descartado, a justificativa dada à planta como desígnio divino - *virtude a nós encoberta* - tinha forte apelo preservacionista. A teologia, nesse caso, cumpriu um papel importante na manutenção do equilíbrio ecológico. A sensitiva, por apresentar uma qualidade secreta - reagir ao toque -, subverte a distinção genérica entre o animal e a planta.

CORBIN(1989) demonstra que o surgimento de uma *teologia natural* (França) ou de uma *físico-teologia* (Inglaterra), entre 1690 e 1730, representou uma ruptura entre os sistemas populares de apreciação da natureza. Os religiosos, mantendo-se fiéis ainda à concepção antropocêntrica do universo (apesar dos avanços da ciência), propõem uma outra interpretação:

Em sua modernidade, a teologia natural cessa de analisar o homem e o universo em termos de analogias: constitui o mundo exterior em espetáculo...Esses sábios

religiosos propõem um sentido ao espetáculo da natureza e ao mesmo tempo censuram a indiferença diante dele; percebem o mundo exterior como uma representação dada por Deus à sua criatura mais perfeita, o que explica a importância então atribuída ao tema do paraíso perdido...A beleza da natureza atesta o poder e a bondade do Criador. Este ordena o espetáculo, a uma só vez, através de leis que fixou em sua infinita sabedoria e de intervenções imediatas de sua Providência ...A terra atual apresenta-se assim como um livro redigido pelo Criador em dedicatória ao homem...O homem deve tornar-se o leitor piedoso do livro de Deus. É para que ele glorifique o poder e a bondade divinos que o Criador lhe concedeu cinco sentidos. (CORBIN,1989:34, 35)(grifos meus)

A teologia natural converteu a natureza em **espetáculo**, um espetáculo divino, dado à criatura mais perfeita - o homem. Todos os seres vivos passam a ser admirados como obras de Deus. Os cinco sentidos concedidos ao *leitor piedoso* servem para apreciar o espetáculo natural e estreitar os laços com o Criador. A observação empírica se direciona mais para enaltecer a grandeza da obra e da bondade divina do que para um aprendizado sobre as criaturas. A teologia natural reforça a concepção fixista que atribui a Deus a criação do espetáculo do universo.

O aspecto religioso exerceu, e exerce, forte influência no conhecimento e comportamento humanos. A Bíblia determina no terceiro livro de Moisés, Levítico, várias restrições alimentares ao classificar os animais em limpos e imundos em cada habitat. Os quadrúpedes terrestres que têm unhas fendidas, casco dividido em dois e ruminam, são comestíveis - *esse comereis* (boi, ovelha, cabra e veado). Aquele animal que não apresenta uma das três características está excluído e imundo será - *Destes porém não comereis o porco, porque tem unhas fendidas e o casco dividido mas não rumina, este vos será imundo.*(Lv 11-7)

Para DOUGLAS(1976:74) esses tabus alimentares são uma *metáfora da santidade*:

as leis dietéticas teriam sido como signos que a cada momento inspiravam meditação sobre a unidade, pureza e perfeição de Deus. Pelas regras de evitação, à santidade foi dada uma expressão física em cada encontro com o mundo animal e a cada refeição.

As restrições alimentares são sugestivas, pois trazem a idéia de santidade e de reedificação. O homem e a mulher caem em pecado quando **comem** da árvore proibida. Não ingerir certos alimentos significa não cair em tentação e nem ser expulso do paraíso. A dimensão normativa traz embutida os passos para se redimir do pecado e ir em busca da salvação. Seguindo os mandamentos de Deus a pessoa torna-se pura, uma santa, continuando a viver no Jardim do Éden.

A santidade, sendo um atributo de divindade, se materializa na benção. Abençoar é uma prática comum para trazer proteção, felicidade e prosperidade. Fábricas, lojas comerciais, escolas, casas, recebem a benção de um religioso para afastar os maus presságios e maus-olhados e desejar sucesso aos proprietários.

A cerimônia de lançar benção aos animais de estimação é uma prática adotada pela população. Domesticar o selvagem para torná-lo dócil e companheiro. A benção representa um tipo de batismo e, desta forma, cada bichinho, inclusive os de brinquedo, adquirem a dimensão humana, tornam-se fiéis e protegem o dono como um verdadeiro anjo da guarda. Observamos aqui que o processo de integração se dá ao contrário, é o animal que se integra à sociedade humana.

A qualificação de um animal como companheiro determina práticas sociais e culturais distintas. Na sociedade americana dificilmente preparam um hambúrguer com carne de cachorro. Bois e porcos fazem parte do cardápio americano, pois são animais anônimos que não compartilham o cotidiano. Não tendo proximidade com os humanos podem ser

comestíveis. Cavalos e cachorros, ao contrário, são caracterizados como sujeitos e às vezes considerados como um membro da família.

A cultura religiosa indiana hinduísta considera a vaca como animal sagrado, mantendo-a viva e em liberdade. Mas não são as múltiplas utilidades da vaca (transporte, combustível, fertilizante, alimentação, pavimentação, vestuário, limpeza) que justificam a veneração. Os hindus veneram as vacas porque são *o símbolo de tudo que é vivo* (HARRIS, 1978: 17).

A existência e a conservação da fauna e da flora, em determinadas culturas, não se deve necessariamente a uma racionalidade consumista ou ecológica. Segundo LEACH (1983), a essência do mito é justamente a sua não-racionalidade. A mitologia dos povos indígenas, que se consideram parte de um todo animado, conduz a práticas de respeito aos espíritos dos animais e das plantas. TURNER (1990) afirma que os aborígenes americanos preservavam alguns exemplares das árvores para alojar os espíritos expulsos daquelas que haviam sido derrubadas. Neste caso, a lógica da preservação é o sagrado e não o ecológico para manutenção e perpetuação da diversidade biológica. Entretanto, o sagrado engendra uma concepção de natureza percebida como um todo (não compartimentada) e dependente (o ser humano faz parte do todo).

A criação divina adquire as mais diversas interpretações. Existem diferentes explicações dadas à existência da fauna, mas todas convergem para a posição de servir a algum propósito humano, prático, moral ou estético. THOMAS (1988: 24) resgata o papel instrumental que exerceram os animais selvagens para a aprendizagem humana, citando que *necessariamente eram instrumentos da ira divina, tendo sido deixados entre nós a fim de serem nossos professores*.

Quanto à ordenação do mundo natural, a Bíblia apresenta uma classificação sui "gênesis" dos animais, bem diferente da sistemática zoológica. A serpente é denominada como a *mais sagaz que todos os animais selváticos* (Gn 3.1) e cumpre uma função específica na

cosmologia católica - persuade a mulher a comer o fruto da árvore proibida. Consequentemente:

visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos, e o és entre todos os animais selváticos: rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida. (Gn 3.14)

A condenação da serpente retém o aspecto negativo e maldito, mas conserva no campo simbólico outros atributos os mais contraditórios possíveis. O Dicionário de Símbolos lista uma variedade de atribuições com destaque às valências positivas na poesia, artes e medicina. A serpente está intimamente ligada à fecundidade e à menstruação, sendo inclusive considerada *mestre das mulheres* (cf. CHEVALIER, 1991:822). Na Bíblia, ela orienta a mulher para provar do fruto proibido - *é certo que não morrereis*(Gn3.4). Considerada maldita pelo que faz, é também a mestra que inicia a mulher na procriação.

LEACH(1983:61) analisa a criação do mundo demonstrando a estrutura binária do mito através das discriminações recorrentes no Gênesis - humano/sobre-humano, mortal/imortal, masculino/feminino, legítimo/ilegítimo, bom/mau. A criação do mundo em sete dias se divide em **mundo estático** (morte) ocupado pela chuva, céu, oceano, terra, relva, cereais, árvores e **mundo móvel** (vida) ocupado pelo sol-dia, a lua-noite e pelos animais. o homem e a mulher. Com a criação do Jardim do Éden, o mundo estático e o mundo vivo ganham fertilidade. Mas *o mundo "ganha vida" com o uso das categorias de "mulher" e "coisas rastejantes" para fazer a mediação dessa oposição.*

A cobra serve como um exemplo para ilustrar a estrutura binária do mito cobra - boa e má. Estas características aparentemente ambíguas conferem significados que marcam e interferem na prática das pessoas. "Fulana é uma cobra cascavel", "beltrano é cobra no assunto", "sicrano tem uma cobra!" A cobra, humanizada nessas expressões, ganha outras dimensões e conceitos, fazendo uma mediação entre os homens e as mulheres.

Como vimos, a concepção de uma natureza civilizada engendra várias interpretações em que os aspectos sociais, econômicos, religiosos e culturais contribuem para diminuir e aumentar os laços entre os seres humanos e os animais.

3.2.3. Natureza natural e Natureza artificial

Com a **concepção naturalista** se instituiu uma nova forma de olhar e relacionar-se com a natureza. Os naturalistas ultrapassaram a visão estreita de uma classificação limitada a utilidade para se debruçarem no estudo científico das plantas e dos vegetais em si. Toda a sistemática e ordenação do mundo natural começou a basear-se em critérios mais objetivos, imparciais e menos antropocêntricos, caracterizando o olhar e fazer da ciência.

Segundo THOMAS(1988), a botânica do século XVIII deixou de descrever as plantas apenas pelo seu teor prático (utilidade, abundância, dimensão, cheiro e cor), concentrando os estudos na estrutura intrínseca das plantas, como anatomia interna, disposição e forma da raiz e da flor. A zoologia moderna, influenciada por Aristóteles, também esforçava em classificar os animais dedicando atenção para a sua estrutura anatômica, habitat e modo de reprodução.

A emergência e consolidação de um outro modo de percepção do mundo natural passou por uma fase de transição, em que os critérios antropocêntricos continuaram ainda sendo adotados pelos naturalistas para agrupar os animais em cinco categorias

comestíveis e não comestíveis.

utilidade geral

selvagem e domesticado

vis e generosos

belos e feios

Apesar de algumas dessas categorias reproduzirem os mesmos padrões adotados anteriormente, elas adquiriam significados diferentes. Quanto à comestibilidade, THOMAS(1988:64) exemplifica que a proibição alimentar não era mais regulamentada pelas abominações do Levítico (divide os animais em puros e impuros para o consumo), e sim *a natureza da dieta específica de cada animal é que determinava seu estatuto comestível*. Entretanto, o autor menciona que a dieta animal não constituía o único fator importante: era proibitivo matar animais indispensáveis para o trabalho, como bois, cavalos e cães, havendo uma aversão à carne dos animais que apresentassem uma semelhança humana, como os macacos.

A utilidade geral, estabelecida pelo critério humano, ainda agrupava cada animal de acordo com sua serventia⁵⁷. A distinção entre selvagem e domesticado era popular entre os naturalistas (como até hoje), e aqueles animais, como as abelhas, que apresentavam características dúbias eram enquadrados numa faixa intermediária. Os critérios de beleza e feiúra marcaram o início do período moderno, criando uma atração e repulsa por certos animais.

THOMAS(1988:68) aponta que os répteis, insetos e anfíbios eram especialmente detestados, pois enquanto outros animais tinham seu habitat determinado *muitos répteis e insetos moviam-se ambigualmente entre a terra, o céu e a água. ao passo que as cobras, conquanto animais da terra, botavam ovos e não dispunham de pés*. Essa repugnância decorrente de uma triade ocupação territorial pode se somar a uma interpretação demoníaca. A existência de cobras e sapos podem ser explicadas como obra do diabo, as figuras de bruxos e feiticeiras podem se associar a pessoas más e hereges.

⁵⁷ THOMAS(1988:67) assinala que Lineu, naturalista sueco, em meados do século XVIII manteve esse tipo de classificação quando *"distinguiu os cães fiéis dos lobos e dos cães bravos, subdividindo-os em variedade tais como cães pastores e animais de cozinha."*

As descrições da natureza recorriam com frequência ao uso de metáforas que espelhavam a organização social. A categoria vil e generoso se assentava nos pressupostos sociais dominantes nos séculos XVII e XVIII. À medida que a tendência antropomórfica ganhava adeptos, usando e abusando de características humanas para classificar a fauna, os animais também serviam como referência natural para justificar a estrutura e hierarquia social. THOMAS(1988) afirma que a diversidade das espécies animais serviu, inúmeras vezes, para dar apoio conceitual à diferenciação social entre os seres humanos.

Essa tendência antropocêntrica e antropomórfica atesta como o processo de re-leitura do mundo natural e a instituição de novos modelos foi lenta. As categorias (comestibilidade, beleza, utilidade e estatuto moral) definidas para ordenação do mundo natural não serviam mais aos propósitos científicos e foram gradativamente rejeitadas pelos naturalistas. O interesse se voltava para as qualidades intrínsecas das espécies animais e vegetais. Apesar dos sistemas de classificação serem artificiais e buscarem uma ordenação inexistente, eles revelam uma nova percepção e relação do ser humano com a natureza.

Em relação à **natureza artificial**, os livros didáticos e as estórias infanto-juvenis estão recheadas de representações sobre o ambiente natural. O lobo, que sempre é mau, come a vovó querida, derruba a casa dos três porquinhos trabalhadores, come as galinhas da vizinha que vive em dificuldades financeiras. Afetividade, trabalho, economia - três categorias usadas para caracterizar os males da natureza do lobo selvagem. A floresta não é um caminho aconselhável, seguro. Vá sempre pela margem do rio.⁵⁸

A visão utilitária, manipulativa e antropocêntrica predomina nos textos didáticos, desconsiderando-se os conceitos fundamentais de ecologia. Ao se isolar do ambiente, o ser humano não se enxerga dentro da teia das relações ecológicas e não entende os

⁵⁸ O zóologo e ambientalista Angelo Machado reescreveu e publicou a história do Chapeuzinho Vermelho dentro de uma abordagem ecológica. Ver MACHADO, Angelo. *Chapeuzinho Vermelho e o Lobo-Guará*. São Paulo, Melhoramentos, 1993.

impactos ambientais como resultados de determinadas práticas econômicas e culturais. Desta forma, muitas vezes a poluição passa a ser vista como parte inerente do progresso.

O trabalho e a cultura, elementos transformadores do mundo natural, estão ausentes na maioria dos textos didáticos que apresentam uma natureza reificada, sem sujeito social. Tudo dado divinamente, "pelas mãos de Deus", tal como na "A Ilha misteriosa"(VERNE,1984), ou, magicamente, pela bondade de uma fada madrinha que agita no ar a varinha de condão ao mesmo tempo que pronuncia as palavras mágicas, transformando sonhos em realidade. ECO (1972:113), estudando as mentiras dos livros didáticos italianos que aparecem como verdades inabaláveis, pergunta e responde como o texto escolar reage aos problemas ambientais: *Simplesmente procurando acostumar o jovem cidadão ao que o espera*. NOSELLA (1980:115), seguindo nessa mesma direção, pesquisa a ideologia subjacente aos textos didáticos brasileiros do primeiro grau e constata que a maioria dos livros pesquisados mascara as especulações econômicas e não possibilita *um despertar crítico de maior profundidade sobre as extensões da devastação ecológica*. A desordem ecológica não aparece como uma resultante da desordem econômica, o que contribui para naturalizar o que é construído sócio-historicamente.

A natureza representada didaticamente aparece como coisa isolada, ausente de relações sócio-históricas construídas e de processos ecológicos em curso. Vários exemplos ilustram essa abordagem em que o trabalho e a cultura estão completamente ausentes. É comum encontrar textos sem mencionar o trabalho humano para transformar a matéria-prima em objeto com seus significados e valores. As calamidades públicas, como as enchentes, muitas vezes são apontadas como excessos da natureza e o uso e a ocupação desordenada do solo desconsiderados como causa dos problemas das inundações. Na mesma linha aparecem as doenças. O livro didático, geralmente, enfatiza o agente biológico sem abordar os aspectos ecológicos, políticos e sociais.

As configurações e a proporção natural dos espaços são reconstruídas. Os modelos simplificados e artificiais da natureza passam a ser valorizados. As curvas irregulares e as

múltiplas simetrias aproximadas são rearranjadas de acordo com as formas e a simetria humanas. Retas e retângulos ocupam e valorizam a paisagem.⁵⁹

A reconstrução do ambiente natural ordenado e controlado pelo ser humano tem sido uma medida adotada na criação de parques de divertimento. A natureza reproduzida tem como melhores exemplos os parques americanos, destacando sobremaneira a Disneylândia (Califórnia) e a Disneyworld (Orlando). O natural e o artificial se confundem e a cópia passa a ser mais valorizada do que o original.

A viagem pela Disneyworld possibilita muitas aventuras, como um safari nas savanas africanas sem tirar os pés da Flórida. Plantas, bichos e nativos participam do ambiente modelado em ilhas, palhoças e cachoeiras. A companhia de um guia vestido a caráter e com arma em punho para qualquer eventualidade dá um toque especial à expedição. Emocionante! A umidade relativa do ar mais elevada do que em outras partes do parque, simulando uma floresta tropical, aumenta a sensação de estar em território africano. E os cheiros! Todos os detalhes foram observados pelos planejadores para propiciar ao visitante uma experiência incomum. A paz reina entre a bicharada, nada de competição, luta pela sobrevivência, intempéries. Nada se compara aos filmes da National Geographic. Um "teatro ecológico" onde todos são civilizados.

Essa viagem na irrealidade cotidiana remete a ECO(1984:62), que denuncia a legitimação da *indústria do Falso*. Neste *teatro ecológico* vários esforços foram empreendidos e muito dinheiro gasto para obter mais, mais, mais, muito mais dinheiro. Uma indústria de dinheiro, onde a natureza falsa é o grande filão.

A *indústria do Falso* apresenta uma visão de natureza maniqueísta - boa e má. O paraíso é reconstruído com baleias, golfinhos e focas amestradas que bailam na água e no ar como criaturas doces, amigas e simpáticas. Desfaz a qualidade intrínseca desses mamíferos. O selvagem e o feroz não existem e homens e animais interagem harmoniosa e

⁵⁹ Ver o texto de LEACH (1985b), no que se refere a "Natureza/cultura".

graciosamente em comunhão. A platéia, respingada de água, aplaude e pede bis a cada salto e reviravolta. De acordo com ECO(1984:64), parece que *os animais alcançam a felicidade se humanizando, os visitantes animalizando-se*. Os papéis se invertem.

A natureza também se produz como má, ingrata e perversa na figura descaracterizada de uma casa mal assombrada, um trem fantasma, uma baleia assassina, um tubarão sanguinário, explorados comercialmente pelo cinema. Um furacão violento, um tufão arrasador ou um terremoto destruidor compõem o cenário da natureza inimiga ao ser humano. O paraíso não é tão belo assim, o inferno se aproxima. Protege! Se na sua cidade não tem furacão, terremoto e você deseja sentir essas emoções, embarque numa viagem em terceira dimensão ou numa participação sinestésica. O som do abalo sísmico evoca a imagem da catástrofe fazendo tremer os espectadores. *Excitar-se com a garantia do Bem, mas também com o calafrio do Mal* (ECO,1984:70)

A *festa tecnológica* aproxima a natureza natural da natureza artificial, onde se paga ingresso para satisfazer desejos, provocar emoções e tirar do tédio. Essa transformação-deformação do natural permite ao mesmo tempo sentir medo do monstro sem precisar correr, sentir a mordida do tubarão sem seqüelas, matar os inimigos sem correr sangue, viver a catástrofe sem prejuízos. Enfim, um verdadeiro paraíso comercialmente sob o comando humano.

No ramo da construção civil e paisagístico há uma tendência em exterminar a natureza para moldá-la em blocos de cimento. A primeira medida consiste em limpar o terreno, ou seja , "tirar o mato" para plantar de preferência as paisagens exóticas reproduzidas nas folhinhas e cartões postais. Organizar a natureza de acordo com o modelo cultural importado, de modo que tenha significado pessoal, é uma política que convive com outras de valorização das espécies nativas, deixando que a sucessão ecológica dê o contorno ao ambiente. Desta forma, a natureza vai sendo construída dialeticamente: o natural e o artificial coexistem.

A reconstrução do natural também se evidencia na edificação contemporânea dos cemitérios. Nada fúnebre, escuro, triste e cheio de mausoléus. Amplos espaços gramados, com árvores, lagos e fontes, verdadeiros parques e bosques, inclusive usando essa denominação. O ciclo da vida vegetal se torna metonímia da vitalidade corporal. A decomposição do corpo em seus nutrientes básicos alimenta um outro corpo que germina, floresce e frutifica sobre a superfície da terra. Um reencontro com Deus no paraíso. Para ECO (1984:69) a *indústria do Falso Absoluto consegue dar uma aparência de verdade ao culto da imortalidade através do jogo das imitações e das cópias, e realiza a presença do divino como presença do natural - mas o natural é cultivado.*

3.3. O ser humano na natureza

Esta seção aborda o ser humano **integrado na natureza**. A natureza aqui é concebida como um conjunto maior que engloba os animais, os vegetais, os minerais, a água, a terra, o ar e o céu. Dentro desse contexto todos os três reinos e os quatro espaços são regidos pelo mesmo estatuto, não conferindo a nenhum a posição central e dominadora. O ser humano, compreendido como um dos elementos integrantes da natureza, retorna à sua condição de igualdade ocupando uma posição semelhante aos demais, apesar das diferenças entre uma pedra, uma planta, um bicho, um homem e uma mulher.

SERRES(1991), interessado em rever os contratos dos seres humanos com o mundo natural, analisa como a cultura ocidental formou uma idéia local, vaga e cosmética da natureza, tantas vezes vistas apenas como um cenário.⁶⁰ Ao mencionar a Declaração dos Direitos do Homem, SERRES(1991:48) reconhece que a declaração teve o mérito de mencionar “todo homem” *mas a fraqueza de pensar “apenas os homens” ou os homens sozinhos, não estabelecendo nenhum equilíbrio em que o mundo seja levado em conta, no balanço final.* Para o autor *a natureza se conduz como um sujeito.* Estabelecer com a natureza esse *contrato natural* aparece como uma necessidade na virada deste século, que nos obriga rever a posição antropocêntrica e o contrato com a natureza. .

Considerar a natureza como um sujeito significa estabelecer outra relação sócio-cultural, que se fundamenta no reconhecimento de uma igualdade. E, principalmente, tecer novas formas de apropriação dos “recursos naturais”, onde a economia e a ecologia se alinham na procura de outros estilos de consumo e, especialmente, novos modos de vida. Abandonar as idéias de natureza como objeto, meio, cenário e espetáculo tem sido um processo lento de aprendizagem de relacionamento com o outro, seja ele da mesma espécie ou não.

⁶⁰ Inclusive SERRES(1991:13) chega a afirmar que *nossa cultura tem horror do mundo.*

Numa linha revolucionária, a teoria de Gaia de LOVELOCK(1989) propõe um novo olhar sobre a vida evolutiva no planeta, cuja história geológica e biológica é uma relação construída através da reciprocidade entre as criaturas e a terra. Gaia é um ser vivo em contínuo processo de transformação. Desta forma, a evolução não pode ser concebida como dada e pronta, e nem como resultante apenas de uma seleção natural. Gaia representa uma linha de pensamento que reintegra o ser humano na natureza.

Outros autores também sugerem novos paradigmas que buscam integrar o ser humano na natureza. LEFF(1986) propõe articular as leis ecológicas com os processo sócio-históricos, tendo a cultura como mediadora. UNGER(1991) busca religar o mundo social e o espiritual, recuperando o individual e o coletivo. Um pouco nesta direção, segue GUATTARI(1990) propondo uma união ético-política denominada de *ecosofia*, que considere três registros ecológicos - o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana. Esses três autores incorporam a idéia de natureza como um sujeito.

A integração do ser humano com a natureza fica bastante visível nas comunidades que, afastadas e isoladas dos grandes centros urbanos, estabelecem uma relação de extrema intimidade com o ambiente em que vivem. As tarefas e os rituais diários são regulados pelo ritmo biológico e cultural do corpo e da vida em comunidade, em consonância com o ritmo da natureza.

A pesquisa de MUSSOLINI(1980) aponta que o contexto de *vida fechada* que se desenvolveu no litoral brasileiro possibilitou uma aproximação intensa e íntima das populações rurais litorâneas com a natureza, onde quase tudo para a sobrevivência provém do meio imediato. O trabalho da pesca artesanal demonstra uma estreita relação entre o pescador, a terra, o mar e o céu, o que torna difícil determinar os limites entre um espaço e outro. A pesca artesanal revela os fios que entrelaçam seres e espaços de forma semelhante aos fios que fazem uma rede de pescar.

O contexto de vida fechada sem dúvida estreita os laços entre as pessoas e o ambiente. Em tempos de globalização, em que as informações navegam via satélite, de variedade de produtos tecnológicos e de bens de consumo, há povos que vivem em estreita intimidade com a natureza, como os povos do polo Ártico, os aborígenes australianos, os indígenas das florestas tropicais. Mesmo reconhecendo que o contato externo e as tecnologias alteram as relações com a natureza, a incorporação de novas práticas sociais entre os membros de uma população constitui uma opção fundamental para manter a identidade cultural desses povos.

A perspectiva de interpretar o ser humano integrado na natureza demonstra outras concepções de natureza, em que ela pode se manifestar como sujeito, mãe, sobrenatural e espiritual.

3.3.1. Natureza sujeito

O homem não tramou o tecido da vida, ele é simplesmente um de seus fios...A terra não pertence ao homem: o homem pertence à terra....Há uma ligação em tudo.

Este trecho faz parte da carta do cacique indígena Seattle⁶¹ em resposta ao presidente dos Estados Unidos da América, Franklin Pierce, que apresentou por escrito, em 1854, uma proposta de compra do território da tribo duwamish. O pensamento do cacique demonstra com clareza uma concepção de natureza radicalmente distinta da do chefe americano. A interação do índio com a natureza se estabelece através de uma reciprocidade em que ambos são considerados e respeitados como sujeitos. Isto implica um tipo de contrato natural entre as partes em que não há posse nem dono; conseqüentemente, não se pode vender nem comprar. *A terra não pertence ao homem.* Para os duwamish a terra é um sujeito - e não um objeto ou uma mercadoria que pode ser comercializada pelo valor de uso e de troca:

⁶¹ Esta versão foi publicada na revista *Nova Escola*, São Paulo, v. 3, n.19, mar.1988, p.34-5.

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa idéia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los? Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

Na cultura duwamish *cada pedaço da terra é sagrado*. A vida pulsa num ramo brilhante, num punhado de areia, numa penumbra, num zumbido de um inseto inscrevendo-se na memória e na experiência desse povo. A existência em si de cada elemento natural e a relação de parceria garantem então a sacralidade. *A seiva que percorre o corpo das árvores* (repare que não é um tronco) *carrega consigo as lembranças do homem vermelho*. Essa cumplicidade só se estabelece entre sujeitos que se interagem e convivem num mesmo espaço.

Reconhecer-se em condições de igualdade com as plantas, os animais, os minerais, as estrelas, a lua, indica uma **natureza-sujeito** vivo e mais uma **natureza-significativa** e uma **natureza-social**. BRANDÃO(1994-21), tomando como referência o relacionamento dos grupos tribais com o mundo natural, demonstra como essas três concepções de natureza estão bem articuladas.

Os índios estão “naturalmente” imersos no mundo natural, vendo-se a si mesmos como as plantas e os animais com os quais convivem prática e simbolicamente. Há um conhecimento científico indígena do mundo e cada cultura particular o faz variar de acordo com a maneira como combina os seus próprios termos de significado da realidade. Dentro de uma lógica de explicação da origem dos seres humanos, uma tribo pode imaginar-se descendente de uma união entre sol e a lua, enquanto uma outra pode considerar-se gerada por um casal de animais totemicamente tido como ancestral. Os índios vêem-se no interior de uma trama

de relações ativas, intencionais e significativas no mundo da natureza. Isso com a condição de sentir este mundo como alguma coisa não apenas viva, mas vitalmente significativa, ou seja, algo animado e reciprocamente social. Social no sentido de, por exemplo, poder rege-se de acordo com as regras tribais de aliança e parentesco. Um mundo em que o homem se inclui justamente porque pode “trocar” bens, serviços e significados de alguma maneira, tal como as pessoas o fazem, fazendo disso a possibilidade da própria vida social. Neste amplo e generoso campo de permutações, os homens indígenas vêem-se em trocas continuadas com a natureza e, também, em sistema de trocas entre eles, por meio da natureza. Assim, o mundo em que vivem e o mundo que conseguem imaginar são, ao mesmo tempo, um sujeito de trocas e um contexto de trocas.(grifos meus)

Nesse campo de permutações não existe uma adaptação passiva do índio à natureza. As sociedades indígenas intervêm socialmente no ambiente e são o resultado de séculos de convivência com o mundo natural. CASTRO(1992:26) ressalta que *a natureza é natureza para uma sociedade determinada, fora da qual se reduz a uma abstração vazia*. O autor, tomando como referência o índio brasileiro, assinala dois aspectos fundamentais: a) as formas de organização sociopolítica dos povos indígenas determina a relação com a floresta amazônica. b) os índios e o ambiente amazônico têm uma história em comum, evoluíram em conjunto, ou seja,

Hoje se começa a descobrir que a floresta amazônica, nos aspectos fitogeográficos, faunísticos e pedológicos, condicionou tanto a vida humana quanto foi condicionada por ela: a Amazônia que vemos hoje é a que resultou de séculos de intervenção social, assim como as sociedades que ali vivem são o resultado de séculos de convivência com a Amazônia.

Ainda sobre os duwamish, observa-se que as relações do povo com a terra se caracterizam como relações de parentesco. A terra é concebida como mãe e os índios se consideram filhos, uma parte da terra. O fato de todos pertencerem à mesma família representa uma

classificação **una**, que revela que todos tecem a mesma teia da vida. Não se separa as rochas da campina nem os animais dos humanos. Minerais, vegetais e animais se entrelaçam no mundo social indígena impregnado de significados, constituindo assim uma única família que evolui em conjunto.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela faz parte de nós. Os picos rochosos, os sulcos úmidos nas campinas, o calor do corpo do potro e o homem - todos pertencem à mesma família.

...Essa água brilhante que corre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados...cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida de meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção da terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando ele a conquista prossegue seu caminho. Deixa para trás o túmulo de seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura de seu pai e os direitos de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas, como carneiros ou enfeites coloridos.

Nesses dois trechos da carta o cacique acentua inicialmente que a morte para o branco significa esquecimento da terra de origem. Na concepção do homem branco, a terra e o céu são considerados como coisas e inimigos a serem conquistados, dominados e explorados. Quanto à posição indígena, a terra é um ser vivo próximo, um parente a quem se chama de mãe e de irmã. Em hipótese alguma os elementos naturais são coisas e objetos. A água se inscreve no tempo e na memória, significando o sangue e a voz dos

antepassados. No dizer do índio, a história do homem branco tem sido mais uma história contra o mundo natural:

Não há um lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum lugar onde se possa ouvir o desabrochar de flores na primavera ou o bater das asas de um inseto. Mas talvez seja porque eu sou um selvagem e não compreendo. O ruído parece somente insultar os ouvidos. E o que resta da vida se um homem não pode ouvir o choro solitário de uma ave ou o debate dos sapos ao redor de uma lagoa, à noite?

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro - o animal, a árvore, o homem. Parece que o homem branco não sente o ar que respira...O ar é precioso para nós, que o ar compartilha seu espírito com toda a vida que mantém. O vento que deu a nosso avô seu primeiro inspirar também recebe seu último suspiro.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo. Tudo o que acontecer à terra acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspidos em si mesmos. Isto sabemos: a terra não pertence ao homem: o homem pertence à terra. O homem não tramou o tecido da vida, ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo.

Essa *ligação em tudo* é fundamental para resgatar e reintegrar o ser humano no mundo natural. E mais, para que ele reconheça que não está só, que mesmo adotando ainda uma postura antropocêntrica partilha a terra e a vida com outros seres. Que toda atitude humana se desdobra em ações que se voltam contra si próprio. *Tudo o que acontecer à terra acontecerá aos filhos da terra.* A visão fragmentada e dissociada do ambiente, mesmo ainda sendo predominante, começa a se embaralhar, indicando o grande quebra-

cabeça da vida onde todos são sujeitos e se entrelaçam. O enfoque centralizador, a atitude egoísta e possuidora, a relação manipulativa com a natureza, apresentam resultados que estão exigindo uma tomada de consciência do ser humano, levando-o a repensar sua inserção no mundo e, principalmente, suas relações sociais, buscando estabelecer um vínculo fraternal e solidário com os demais seres.

BRANDÃO(1994:26) destaca três princípios de relações que orientam o sentimento e o saber dos índios a respeito de mundo em que vivem e os seres naturais com que se envolvem:

a terra e os seus elementos não são uma coisa, mas um dom; tudo o que existe e é dado ao homem estabelece a obrigação de uma reciprocidade que dissolve a dualidade entre a natureza e a sociedade e que se atualiza continuamente por meio de trocas de parte a parte: a terra não é somente um lugar, mas um tempo realizado de símbolos e de memórias.

A idéia de dom significa mais uma vez que a natureza não é um objeto a ser espoliado, saqueado e depredado. Ela é um patrimônio universal que une as gerações passadas, presentes e futuras (repare que o verbo é de ligação - unir - e não de pertencer, que denomina posse.), inscrevendo-se em vários tempos. Para estabelecer tais vínculos de união as relações têm de estar assentadas em bases de reciprocidade, de constante trocas de parte a parte, em que cada parte adquire significados específicos mas sem perder a característica central de igualdade entre sujeitos diferenciados. Num tipo de sociedade que se estrutura por uma atividade econômica de exploração de recursos naturais e de recursos humanos, sem considerar os aspectos ecológicos e simbólicos, compreender a natureza como um sujeito igual requer uma mudança de mentalidade e de modo de vida.

Uma outra maneira de entender a relação íntima entre o índio e a natureza é através do ciclo de fenômenos terrestres e celestes. Esse calendário ecológico estrutura e rege, como uma orquestra afinada, a vida sócio-cultural na aldeia, determinando as atividades de

pesca, agricultura, caça, lazer e cerimoniais. Tomando como exemplo o calendário dos Mebêngôkre⁶², índios Kaiapós-Gorotire, Sul do Pará, podemos observar que a vida na aldeia flui entre dois períodos, um seco e outro chuvoso.

O período seco, o mês, ou tempo bonito equívale aproximadamente aos nossos meses de abril a setembro. Este período tem início, quando o rio mantém alto o nível das águas durante duas luas, com o final da festa da mandioca (Kwyrá Kangô) e com o milho ainda com a palha seca. Durante a terceira lua (meses de junho/julho), começa-se a ver bemp nhô djà (raios coloridos) típicos do verão, surgindo a partir do sol poente. Este evento avisa aos índios que chegou a época para começar as preparações para a festa do bemp. Nestes meses, o nível das águas do rio começa a baixar, o kubyti (guariba) gordo começa a emagrecer e a "cantar". Ocorrem as últimas colheitas de batata, mandioca e banana e começam a se intensificar o lazer e o convívio social nas praias e nas aldeias, com grande dedicação às pinturas corporais. É no final dessa época que começam as preparações para as puru metero (festa das roças). Com o início do mês de agosto, o rio já está baixo (ngô ngrà) com as praias grandes (pyka ti ngrà) e ilhas grandes (apetê). Aparecem a flor do pente de macaco (akôrãti), a fruta da banana brava ou alecônia (tyryti djô), o canto do gavião real (kàikwa Kam àk), a brocação das roças e a intensificação da pesca que culmina no uso do timbó (akrôre). Durante a lua seguinte (setembro), termina a época do cerimonial do bemp com a grande festa.

O nível das águas do rio, o número de luas, os animais (guariba e o macaco), as colheitas de raízes e frutas (batata, mandioca, banana, alecônia) são sinais que marcam o ritmo social e cultural entre os Kaipós no período seco. Esses fenômenos naturais regem o ciclo vital dos índios, entrelaçando um com os outros e entrelaçando céu, terra, água e ar num grande universo cósmico. O período chuvoso se inicia quando

⁶² Ver CIÊNCIA dos mebêngôkre. alternativas contra a destruição. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1987. p.46

Terminado o cerimonial do bemp (início de outubro), a aldeia é invadida pelas mrum-Krã-ti (saúvas de asa), e, na beira do rio, surge a Kaj Krit Krã Kamrek (flor do sarão) e as wewe jaká (borboletas brancas). Nas trilhas é vista a ture rã (flor amarela). A atividade de plantio, que já havia começado na lua passada (setembro), termina aqui, e esse é também o período da festa da Krukryt metoro (anta). A atividade intensa da pesca chega ao fim na lua seguinte (novembro) com a busca do tracajá. Pouco depois, pode-se notar, nas roças queimadas, o crescimento do plantio que foi feito no final do cerimonial do bemp. Três a quatro luas depois do bemp, quando o rio já apresenta a ngõ-tàm (água funda), tem início o período da festa da Kwyrã kangô (mandioca), que se estende por cinco luas até o início do próximo verão. O milho maduro aparece com penachos e é colhido juntamente com a melancia, o jerimum e ainda a banana. No final das chuvas, os frutos da floresta como a bacaba, a castanha e outros caem. Com isso o macaco guariba está engordando e a caça é encontrada no pé dessas árvores, pois come os frutos caídos. Caça-se mais o porcão, onça, tamanduá e gavião.

Os indícios do período chuvoso na aldeia Gorotire aparecem com a presença dos insetos, especialmente a saúva e a borboleta branca, e de algumas flores. Gradativamente os índios vão ficando liberados do trabalho de pesca e de plantio, pois com o nível das águas dos rios subindo a pesca intensa torna-se difícil e a roça pronta começa a brotar. A atividade social e cultural se organiza em torno das festas da anta e da mandioca. A coleta do milho e o amadurecimento dos frutos da floresta sinaliza o final das chuvas e o reinício da caça. O ritmo ecológico marcado pela seca e pela chuva ensina o aprender e o fazer do kaiapó, ou seja, a observação atenta dos fenômenos e o conhecimento minucioso, aprimorado e prático da fauna e flora entrelaçam numa mesma teia cultura e natureza. Desta forma os Kaiapós convivem com as plantas, os animais, o céu, a terra, as águas.

Essa maneira particular e integrada de conviver com a natureza possibilita um saber científico que vai sendo transmitido oralmente de geração em geração. A classificação do

mundo natural indígena - ordenado em categorias - permite descobrir a utilidade de cada componente do mundo natural para a sobrevivência e identidade do grupo. O índio estreitou os laços na teia da vida, identificando e compreendendo as relações ecológicas entre os seres vivos. Fez a leitura do mundo natural para ler a si próprio e estabelecer uma interconexão com as formas de vida para incorporá-las e não excluí-las. Essa concepção difere da dos naturalistas e dos biólogos que, ao procurarem conhecer e estudar as plantas e os animais em si, ultrapassaram a visão antropocêntrica estreita e limitada, mas acabaram criando uma ordenação que afastou, isolou e excluiu o ser humano da natureza.

A cultura indígena se interessa inicialmente em conhecer as espécies animais e vegetais independente de uma função prática. LÉVI-STRAUSS (1989:24) ressalta que a ciência do concreto das comunidades indígenas não é primeiramente de ordem prática:

as espécies animais e vegetais não são conhecidas porque são úteis; elas são consideradas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas. Pode-se objetar que uma tal ciência não deve absolutamente ser eficaz no plano prático. Mas, justamente, seu objeto primeiro não é de ordem prática. Ela antes corresponde a exigências intelectuais ao invés de satisfazer às necessidades.

A extrema familiaridade das comunidades nativas com o ambiente em que vivem, se vincula a uma capacidade apurada de observar, o que possibilita um aprendizado rico sobre o mundo natural. A vida dos animais e vegetais, a qualidade e o manejo do solo e da água, o movimento dos astros são constantemente estudados, classificados e agrupados. A natureza é manipulada e ordenada de acordo com os valores culturais. Os significados que a natureza adquire para cada povo determina a maneira de relacionamento entre os seres. Desta forma, a ciência do concreto vai construindo uma cultura que não se dissocia da natureza.⁶³

⁶³ Ver LÉVI-STRAUSS (1989), particularmente o capítulo I. "A ciência do concreto".

Tanto a carta do cacique Seattle como o calendário astronômico e ecológico dos Kaipós correspondem a exigências intelectuais e, sobretudo, a um modo de vida sócio-cultural que se organiza na relação de convivência com a natureza-sujeito. Os trabalhos com populações caiçaras e indígenas de MUSSOLINI(1980), POSEY (1987a, 1987b.) e CAMPOS(1982), as pesquisas com trabalhadores rurais de CANDIDO(1987) e de pescadores artesanais de CUNHA(1990), apresentam e revelam como o modo de vida dessas criaturas está totalmente integrado à natureza, conferindo suas identidades e estruturando as relações sociais.

3.3.2. Natureza mãe e Natureza humanizada

A comparação da natureza como mãe/mulher, mãe/santa, está representada em vários discursos: "Mãe natureza", "Terra mãe", "Fecundar a terra", "Terra virgem". Uma Mãe santa e virgem, como Nossa Senhora, sempre prestes a servir os filhos e as filhas. Uma mãe dadivosa e fértil para se extrair todos os recursos naturais, "desdobrar fibra por fibra", para "fazer das tripas o coração". Assim como a natureza está para servir ao homem, a mulher lhe serve também, gerando inclusive os herdeiros. Fecunda a terra. Fecunda a mulher com as melhores sementes. Não é à toa que os adultos, para falarem de reprodução humana com as crianças, utilizam como analogia as "sementinhas" depositadas na "grutinha"...

As culturas sacralizam e santificam a terra. ELIADE (s.d.:153) refere-se à associação terra-mulher-fecundidade como *uma estrutura cósmica. A sacralidade da mulher depende da santidade da Terra. A fecundidade feminina tem um modelo cósmico: o da Terra mater, a Mãe Universal.* A relação mítica da mulher com a terra se deve à fertilidade, à fecundação e ao fato de dar à luz seres vivos. A origem da palavra natureza vem de nascimento. A representação de terra-mátria aparece em várias situações.

A mãe universal está muito presente entre os povos primitivos. Na teogonia ameríndia todas as espécies animais, vegetais e minerais tinham mãe. A mãe bastava, não

interessando se havia ou não um progenitor. Para CASCU DO (1983)⁶⁴, este verdadeiro matriarcado é o inverso da triade suprema da religião católica, Pai, Filho, Espírito Santo.

Em várias manifestações socioculturais podemos identificar a associação entre a natureza e a mãe. Na literatura, o romance de TOURNIER(1991) apresenta uma passagem que significa o mais alto grau de domesticação da natureza e de aproximação terra-mulher-mãe. Robinson Crusoe humaniza de maneira incomparavelmente profunda a ilha, ao manter relações sexuais com a terra que passa a ser, então, sua esposa - *o sexo penetrou-lhe no solo como relha de arado e aí ejaculou, numa imensa piedade por todas as coisas criadas.* (TOURNIER,1991:122) No campo fecundado nasceram umas florzinhas exóticas, mandrágoras, com uma raiz carnuda, branca e bifurcada (simulando as pernas abertas) que representavam o corpo de uma mocinha.

No campo simbólico, a flor adquire significados diversos dependendo da espécie e da cor. Como órgãos reprodutores das angiospermas se associam mais às mulheres do que aos homens, apesar de muitas espécies terem no cálice as estruturas masculinas, o androceu. Flores **brancas** trazem **paz**, **vermelhas** representam **paixão**. **Comigo-ninguém-pode, guiné e espada-de são-jorge** formam um conjunto de três plantas conhecidas e usadas popularmente nos estabelecimentos comerciais para **espantar** mau-olhado. Na religião católica, a florescência da quaresmeira sinaliza o período da quaresma, quando as imagens religiosas são cobertas com um manto roxo durante a semana santa.⁶⁵

A **natureza humanizada** aparece na escolha de nomes próprios femininos. Rosa, Margarida, Hortênsia, Violeta, Amáris, Perpétua, Flora são escolhidos para as meninas. Difícil, porém, encontrar pessoas do sexo masculino com o primeiro nome de flores,

⁶⁴ Camara Cascudo registra que no entendimento indígena, o elemento fecundante diverso do fecundado não existiu, durante muito tempo. Os deuses da teogonia tupi são andróginos. O longo período do matriarcado teve seu fim quando Jurupari, filho de virgem, entregou o governo para os homens.

⁶⁵ SOUZA(1987:35) reproduz uma passagem do livro de Sebastião da Rocha Pita(1730) em que o autor associa a flor do maracujá com a paixão de Cristo - "*misterioso parto da natureza, que das mesmas partes que compôs a flor, lhe formou os instrumentos da sagrada paixão*". Esta associação revela como a predominância do edênico se manifesta em várias descrições da natureza.

quando ocorrem fazem parte do segundo nome como João FLOR, usado genericamente, ou do sobrenome como Guimarães ROSA. A flor como órgão reprodutivo da planta corresponde à mulher. Inclusive na linguagem diária um gesto carinhoso para com as mulheres é chamá-las de flor, florzinha. Tal atitude, em relação aos homens, tem conotação ofensiva e pejorativa. Os animais podem ter nomes de flores, apesar de pouco comum, como chamar papagaio de Cravo.

LÉVI-STRAUSS(1989) assinala que a prática de tomar nome às flores para batizar crianças do sexo feminino tem um valor de metáfora. Assim a menina é bela como a Rosa, delicada como a Hortênsia, modesta como a Violeta. O ser humano, ao personificar qualidades subjetivas, valoriza certos modos de ser e de se comportar humanizando a natureza. Culturalmente cabe às mulheres serem belas, delicadas e modestas. Denominar o gênero masculino com esses predicados significa retirar-lhe a porção macho, transvestindo-o em fêmea.

Na linguagem popular, vários animais têm seus nomes mencionados para qualificar ou desqualificar os humanos como gata, gato, urso, coelho, cadela, burra, besta, cavalo, anta, cascavel, cobra, veado, vaca, maritaca, papagaio, galinha, piranha, porco, asno, cachorro, vaca. Observamos que a menção à fauna é mais empregada para desmerecer do que enaltecer. O diminutivo, quando usado, altera o sentido da palavra e o que antes era insulto passa a ser carinhoso e sensual, como gatinha e coelhinha. Para LEACH(1983) o insulto animal é um tabu simultaneamente comportamental e linguístico, social e psicológico. Ele se manifesta justamente na brecha entre o dito e o não dito, sendo preenchido com ambigüidade que se torna tabu.

Os animais servem também para eufemismos obscenos, designando partes do corpo humano consideradas tabu. Para a genitália masculina valem metaforicamente peru, pomba-rola, pintinho, ganso. Para a feminina adotam perereca, aranha. Geralmente a denominação dada ao sexo masculino faz menção a alguma ave, ser alado, insinuando a

liberdade e aceitação de outros parceiros; já para o sexo feminino, as criaturas escolhidas saltam, sugerindo uma transgressão.

Outra situação que denuncia a animalização humana são os divertimentos. A briga de galo estudada por GEERTZ(1989) desvenda o moralismo cotidiano balinês, onde o galo é uma figura masculina metafísica significando vários tipos de homem: um homem pomposo se compara com um galo sem rabo; desesperado, equipara-se a um galo moribundo; avarento, com um galo seguro pelo rabo; casadouro, é chamado de galo lutador. Na rinha os insultos fazem parte da briga, onde os homens humilham alegoricamente os semelhantes, sem mudar o status de ninguém:

Tudo que você pode fazer é aproveitar e saborear, ou sofrer e agüentar, a sensação engendrada de movimentação drástica e momentânea ao longo de uma semelhança estética dessa escala, uma espécie de salto de status por trás do espelho , que tem a aparência de mobilidade, mas não é real.
(GEERTZ,1989:310)

É justamente essa aparente mobilidade que faz os animais serem mais do que animais, alegorias humanas que revelam e mantêm a sociedade. As brigas de galo, de pássaros, a farra do boi, expressam mais do que a cultura de determinados grupos sociais, refletindo a comunidade.

3.3.3.Natureza sobrenatural

Na época das grandes navegações, o hábito de ouvir dizer trazia elementos puramente fantásticos que contaminava a maneira de ver dos descobridores. Enxergavam o que ouviram e não o que de fato estavam vendo. LEACH(1985) sinaliza que a matéria dessas fantasias provém diretamente da mitologia. LÉVI-STRAUSS (1986) reconhece que a identificação de animais reais com figuras mitológicas não era tão absurda quando se contextualiza essa época, onde havia pessoas se preparando para descrever o algodoeiro

como árvore de carneiros. Segundo LÉVI-STRAUSS(1986:71) faltava ao século XVI uma qualidade indispensável à reflexão científica - *sensibilidade ao estilo do universo* -

as sereias e a árvore dos carneiros são mais qualquer coisa do que simples erros objetivos que, apesar do seu gênero, do requinte que manifestavam noutros domínios, eram incapazes do ponto de vista da observação

As sereias sempre se destacaram no imaginário dos povos navegadores. Esta figura mitológica, metade mulher e metade peixe, tem o dom de atrair com a sua bela voz e a magia do canto os humanos, arrebatando-os para as profundezas da água. A existência de uma natureza sobrenatural articula o visto com o imaginado. Atrás de uma incapacidade aparente de ponto de vista da observação, percebemos fantasias e visões que compõem e movem o espírito humano.

LEACH(1985b) mostra que os conceitos de natural e sobrenatural podem ser entendidos como invenções do espírito humano. O primeiro é constituído por objetos empiricamente observáveis e, o segundo, pela combinação, na imaginação, de elementos díspares, extraídos do mundo da experiência empírica. O antropólogo representa a relação dessas idéias com a cultura através de um modelo triangular. Na base, encontramos num vértice o homem cultural habitando o mundo doméstico, no outro o animal natural em ambiente selvagem e, no ápice do triângulo, Deus, ente sobrenatural. Considerando a estrutura interna que se encontra no Gênesis (Novo Testamento), o homem é apresentado simultaneamente como criatura feita à imagem de Deus e colocado no ponto de encontro entre o mundo natural dos animais e o mundo sobrenatural dos espíritos. À natureza selvagem é confiada em igual medida um papel de mediação entre o mortal e o imortal. A posição da esfera do sobrenatural é ambígua, pois domina o homem que domina o mundo natural. Raramente a intervenção divina interfere na esfera selvagem (as calamidades naturais são muitas vezes consideradas pelas vítimas conseqüências não-naturais da intervenção divina). As esferas sobrenatural e cultural têm em comum o fato de serem ambas "não-naturais".

As situações vivenciadas no cotidiano revelam que cultura e natureza estão articuladas e que não há independência entre o mundo natural e o mundo social. DAMATTA(1993b) demonstra como a economia extrativista engendra uma lógica relacional que oscila entre o imaginário e o utilitário, a teoria e a prática, criando uma zona intermediária que liga a sociedade com a natureza. Esta faixa intermediária sugere zonas de passagem entre o mundo humano e o universo natural, em que a fauna, a flora e a sociedade são concebidas como entidades morais, governadas pelas mesmas regras que comandam o universo humano.

A vida entre os povos indígenas ilustra o imbricamento entre cultura e natureza. Para os índios Guaiaguais ⁶⁶ é proibido às mulheres pegar o arco, instrumento masculino, pois atrai o pané, azar na caça; aos homens é vetado o consumo de carne de suas próprias presas, também para não atrair o pané. A crença no panema entre os Guaiaguais não representa apenas um tabu. A doação da caça para o vizinho obriga o consumo de carne caçada pelo outro, impedindo desta forma a dispersão do índio. Neste caso, *a panema significa um princípio estruturante*. A oposição sócio-econômica entre os membros da tribo - caçar como atividade masculina e coletar como atividade feminina - estrutura também espaços e tempos diferentes. O espaço de existência autêntica da mulher é o acampamento onde ela se dedica as atividades de esposa e mãe. O espaço do homem é a floresta onde ele se realiza como caçador. O instrumento da mulher é o cesto e do homem o arco, que na verdade são signos contrários. Por detrás da panema existe, então, toda uma lógica onde não há diferença entre cultura e natureza. O arco e o cesto exemplificam uma dualidade onde a diferença sexual do trabalho estrutura o espaço e o tempo masculino e feminino, mas essa divisão não opõe lugares e pessoas e, sim, tecem os fios da complementaridade.

⁶⁶ Ver CLASTRES(1978) que descreve a vida dos índios Guaiaguais.

3.3.4. Natureza espiritual

Dentro do contexto de vida ocidental, a natureza, outrora um sujeito animado, passou a ser coisa, objeto para ser admirado, manipulado, explorado e transformado. Na modernidade capitalista predomina uma concepção antropocêntrica e hierárquica, segundo a qual o ser humano se sente excluído da natureza e se posiciona na esfera da vida num patamar superior. A aparente ruptura entre cultura e natureza estabelece uma separação entre os seres humanos e demais seres vivos. Ser "civilizado", "moderno", num determinado período histórico, significou romper com o mundo natural e com o outro considerado "selvagem", "primitivo", "atrasado", "ignorante". Paradoxalmente, ser civilizado passa a denominar, após a Conferência de Estocolmo, preservar e cuidar do planeta Terra⁶⁷.

A revolução industrial criou uma outra visão de mundo em que o ritmo do relógio, artificial, mecânico e arbitrário, marca e altera o ritmo da natureza. A idéia de progresso tem o seu apogeu e a tecnologia desponta, avançando e modificando principalmente os processos de produção. O filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, é uma sátira à industrialização que fraciona o trabalho e o homem. O ritmo da linha de montagem acaba por massacrar e engolir o trabalhador, tão bem encenado por Carlitos prensado no meio das engrenagens da máquina.

Ao longo dos anos, a preservação das espécies, justificada pelas virtudes divinas e farmacológicas, foi perdendo lugar para formas industrializadas de exploração da natureza. Com a introdução dos estudos ecológicos e a organização dos movimentos ambientalistas, as práticas de uso e manejo dos recursos naturais começam a ser conhecidas, o que traz como consequência outros modelos de produção e desenvolvimento.

⁶⁷ A Conferência de Estocolmo, realizada na capital sueca em 1972, foi um marco e uma conquista importante na luta ambiental ao vincular desenvolvimento, qualidade de vida da população e ambiente. Os representantes de 113 países aprovaram a Declaração sobre o Ambiente Humano, popularmente conhecida como Declaração de Estocolmo.

A crise do modelo capitalista e a tomada de consciência dos impactos ambientais movimentam a sociedade em outras direções e reorientam os posicionamentos e as ações. Nesta passagem de século, alguns grupos sociais, ao considerarem o ser humano como parte de um todo, reconhecem os outros seres vivos como parceiros e buscam “assinar” um contrato natural com relações mais harmônicas. A religiosidade cresce no sentido de religar-se ao mundo natural e nesse novo processo há um reencantamento com a natureza. O planeta terra - Gaia - passa a ser concebido como um organismo vivo em constante mudança⁶⁸.

Alguns grupos sociais ao descentralizarem-se de uma postura antropocêntrica, superiora, dominante, utilitária e funcionalista, reencontram sua posição dentro da teia da vida e procuram tecer novas relações e contratos com o mundo natural. A tentativa é de minimizar os impactos ambientais e possibilitar que os outros seres, dentro de suas diferenças, tenham garantido o seu lugar neste planeta e contribuam para que os seres humanos se conheçam melhor. Cresce uma nova concepção religiosa, no sentido de **religar** o ser humano com o universo. *Reinserir-se no mundo* como escreve Hélio Pellegrino, que completa

Religião é coisa da terra, é antiatomização desintegradora, anti-solidão. Somos parentes de tudo - do Outro, da terra, da água, da pedra. Somos parentes, ligados, tecidos no tapete do Cosmos... Ser religioso é antes e acima de tudo, acreditar no mundo e no Outro: amar o Próximo, amar o mundo, suas colinas, seus gramados, seu peixe, seu vinho. Ser religioso é ter a coragem de crer que o homem tem, como destino último, a vocação de ligar-se, de encontrar-se, de afirmar sua pertinência a tudo o que existe. Este processo de ligar-se de encontrar-se é, por sua vez, dialético. Ganha-se e perde-se, encontra-se e desencontra-se, dia e noite,

⁶⁸ Ver UNGER (1991); GUATTARI (1990) e SERRES (1991). Esses autores propõem outro paradigma ambiental de inspiração ético-estética.

escuridão e claridade, silêncio, palavra. Tudo são pedras para construir o encontro - presente de Eros.(cf. UNGER, 1991:18-19)

A mensagem de Pellegrino relembra a carta do cacique Seattle que sublinha as relações de parentesco entre todos do cosmo. A reinserção do ser humano no mundo natural é um processo ativo, mutável e dialético, e deve se encaminhar para um encontro de solidariedade do hominal com os reinos animal, vegetal e mineral. Essa nova concepção de espiritualidade abandona as velhas idéias antropocêntricas e egoístas, tecendo relações a partir da unidade fundamental do todo. O ser humano deve ser compreendido não mais como criatura isolada, em destaque e, sim, em comunhão com o conjunto dos seres animados e inanimados. Para BOFF(1991:13) *conhecer é antes de tudo, um ato de comunhão*. Um ato de comunhão que reconhece a diferença e acolhe o diferente. Um conhecimento que traz união e crescimento do poder de amar. Ao celebrar a união rompe-se a visão de um mundo estático, morto e coisificado, e assim pode ser estabelecido o diálogo com a natureza.

UNGER(1991) aproxima a ecologia e a espiritualidade, visando ao re-encantamento do mundo. Ao chamar atenção para o fato de o homem ser cosmopolita - habitante do cosmos- ele traz consigo a experiência da unidade e do sagrado. Como um sujeito sempre aberto é o canal de expressão da realidade, no sentido de a real-idade que manifesta o majestoso dos reinos. Como um sujeito obediente - ob-audire - deve escutar os sinais da natureza para exercer sua função como *testemunho desta epifania do ser*. Nessa perspectiva, o humanismo não se traduz em preservação daquilo que é útil e, sim, em auto-conhecimento para ser-vir.

Na hora de carregarem os caixotes no burro "Retrato", diz-me o Quim: - Dr. João, se essa (na hora em que essa armadilha) rolar tôda no chão, que escrita bonita que o Sr. vai fazer, heim? (B2, p.1)

CAPÍTULO 4

A natureza de Guimarães Rosa

4.1. Considerações iniciais

Neste capítulo busco depreender das anotações de **Boiada** a concepção que Guimarães Rosa tem de natureza, mais exatamente, mostrar que o comportamento de Guimarães Rosa em relação a todos os seres encontrados durante a viagem revela uma concepção de natureza que não se restringe a um conjunto de elementos naturais.

Interessante observar que esse material aqui examinado possibilita outros recortes para leitura e análise (tais como: recortes da percepção geográfica do espaço, do levantamento do folclore popular, da presença das aves e das árvores do cerrado, etc.) e constitui um registro não só de um sertão mineiro, um pedaço de Minas, ainda pouco estudado e pesquisado, mas também de fatos ocorridos num tempo cronologicamente definido. Em 1952, o Brasil atravessava um período de efervescência na política com o governo de Getúlio Vargas⁶⁹; a campanha do "petróleo é nosso" e a criação da Companhia Siderúrgica Nacional sinalizavam novos tempos e rumos para o país; o desenvolvimento do país progredia e indicava a mudança de um perfil agrário para um industrial. Nesse contexto nacional Guimarães Rosa vai exatamente buscar a natureza menos manipulada, menos transformada pelo modelo capitalista; segue para o sertão de Minas, para a região de sua terra natal, Cordisburgo, a cidade do coração, outrora Bela Vista: ao invés do carro, uma mula; ao invés do urbano, o rural; ao invés de diplomatas, vaqueiros e bois; ao invés de documentos oficiais, anotações.

⁶⁹ Em **Boiada** está registrado o seguinte versinho: *O Getúlio quem ganhou, quem perdeu o Brigadeiro. Quem vende fiado perde; eu compro e vendo a dinheiro...*(B1, p.15)

A **Boiada** representa um inventário informal da fauna e da flora do sertão mineiro na década de 50 e uma descrição da vida sócio-cultural⁷⁰ do vaqueiro. Há mais de uma centena de Notas sobre bois e pássaros. Entre os passarinhos, os mais citados (sem considerar as quadrinhas) são nhambu, pássaro-preto, gaviões, coruja, rolinha-fogo-apagou, periquitos, maria-branca, pica-pau, pombas-verdadeiras, seriemas, papagaio. Os insetos aparecem em menor proporção e os mais observados foram os marimbondos, as abelhas e as borboletas. A flora está representada com espécies típicas do cerrado e os capins ganham destaque na vegetação. Guimarães Rosa registra o trabalho do vaqueiro, as crenças e expressões populares, as músicas, brincadeiras, jogos e danças, os remédios caseiros; enfim, o corpo a corpo do vaqueiro com o sertão. O que pretendo nesta Tese é, portanto, depreender a concepção de natureza revelada por esses elementos registrados.

Este capítulo contém mais duas seções: a primeira seção descreve sinteticamente a viagem de Guimarães Rosa a Minas Gerais em 1952, e a segunda analisa o material de **Boiada**, buscando demonstrar que, em Guimarães Rosa, "diversas naturezas" se fazem presentes através: (a) de sons, cores e cheiros; (b) do ritmo do tempo; (c) de uma ordenação de diversos elementos registrados.

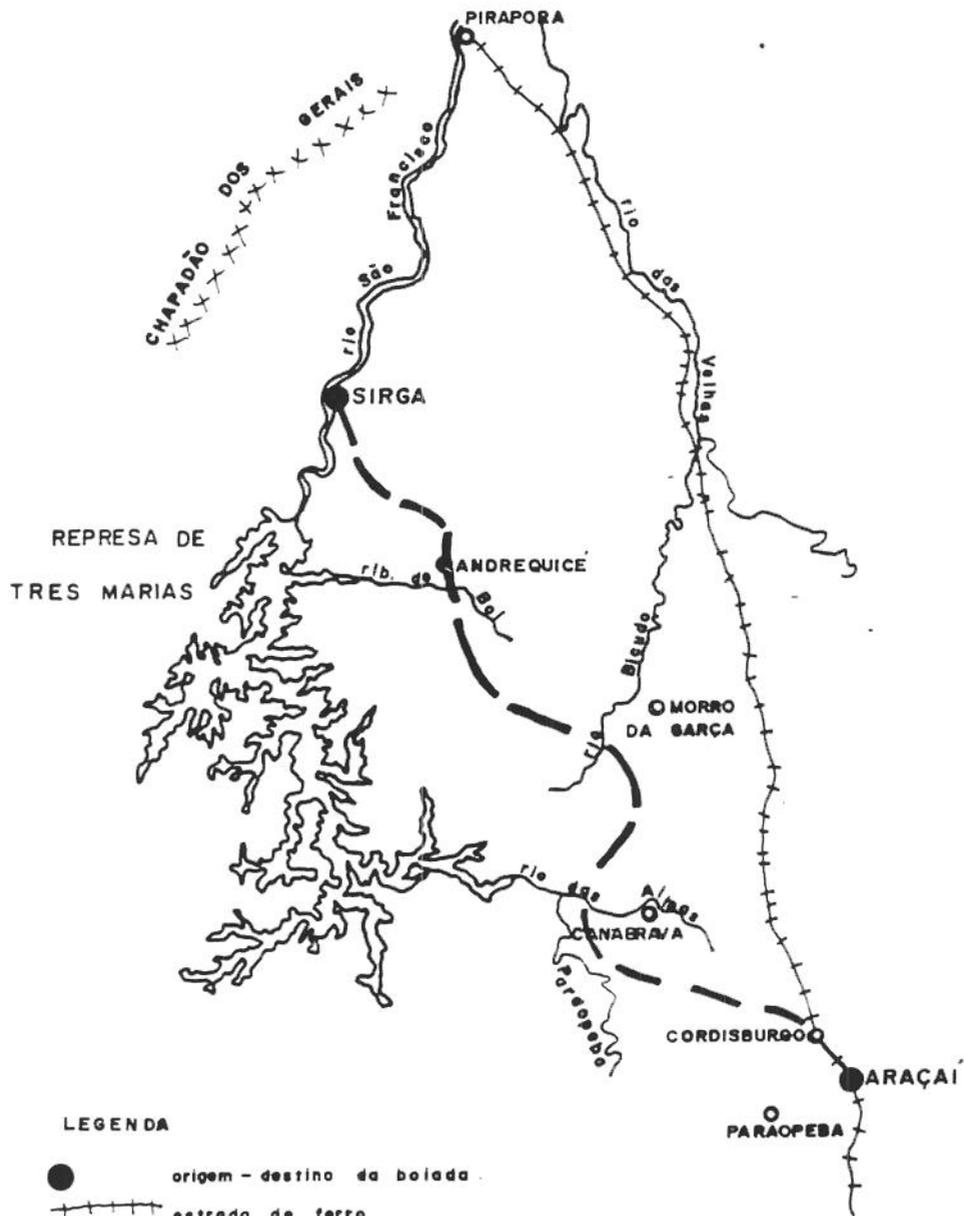
4.2. A viagem de Guimarães Rosa a Minas Gerais

As anotações de **Boiada** registram a viagem de Guimarães em quatro etapas. A primeira, realizada de trem, que partiu do Rio de Janeiro com destino a Belo Horizonte, no dia 10 de maio de 1952 às 9:00 horas da manhã; a segunda, feita de carro, saindo de Belo Horizonte no dia 12 de maio, com pernoite em Paraopeba e chegada à fazenda da Sirga, de propriedade de Chico Moreira, no dia seguinte à tarde; a terceira etapa corresponde ao

⁷⁰ A leitura das Notas lembra a pesquisa de CÂNDIDO (1987) que analisa a vida do caipira tradicional brasileiro através dos vários modos de apropriação do mundo pelos homens e pelas mulheres. Cândido descreve as mudanças ocorridas em Rio Bonito (nome original do município paulista Bofete) em seus vários aspectos econômicos, sociais, culturais, como: povoamento, alimentação, trabalho, relações ecológicas, técnicas, usos, crenças, representações mentais, sociabilidade. O caipira e o vaqueiro como autêntica realidade é *uma síntese de múltiplas determinações* (MARX, 1980).

FIGURA - 01

A TRILHA DA BOIADA



- LEGENDA**
- origem - destino da boiada
 - + + + + estrada de ferro
 - ~~~~ rios
 - x x x montanhas
 - — — trilha



BELO HORIZONTE

Fonte: Mapa Rodoviário DER/MG, 1993
 Org.: MEYER, M. A. A., 1998

período de uma semana em que Guimarães permaneceu nessa fazenda; finalmente, a última etapa, a travessia da boiada que saiu da Fazenda da Sirga no dia 19 de maio de 1952 e chegou a Fazenda São Francisco, sediada em Araçáí, no dia 28 do mesmo mês. (FIG.01).

Guimarães Rosa faz questão de anotar diariamente em **Boiada** os referenciais geográficos (como em *Avistamos, a Nordeste, o Mórro da Garça. Ao norte dele, outros cimos, mais chatos e mais baixos.*(B2, p.62)), a data, o número de léguas percorridas e o horário de suas observações (*Dia 20-V-52,...Da Sirga à Tolda: andamos 4 léguas...10hs menos 15' Cabeceira da Vereda de Carapiá* (B2, p.10)). O autor registra o nome de cada lugar (mencionando, inclusive, os novos nomes das cidades, como *Angueretá: antiga Soledade* (B1, p.8) e o nome de cada coisa e ser para nomeá-los com precisão (*Cambito = é o pau grande, a atar a cangalha* (B2,p.11); *A flor - (pareceu-me caeté) - chamada casa-comigo.*(B2, p.17)).

O roteiro da viagem (ou seja, da boiada) corresponde a cada dia da travessia e indica os lugares para pouso. Manuelzão é o responsável por traçar a rota e, conforme atesta o *Roteiro da Boiada* (B2, p. 66), transcrito abaixo, usa como referência os nomes das fazendas (ou de seus proprietários) e das cidades:

ROTEIRO DA BOIADA

- 19, segunda - Sirga/TOLDA
- 20, terça-feira - Tolda/ANDREQUICÉ
- 21, quarta-feira - Andrequicé/SANTA CATARINA
- 22, quinta-feira - Santa Catarina/CATATÁU
- 23, sexta-feira - Catatáu/RIACHO DAS VACAS
- 24, sábado - Riacho das Vacas/MELEIRO
- 25, domingo - Meleiro/ETELVINA (Barreiro do Mato)
- 26, segunda - Etelevina/JUVENAL
- 27, terça - Juvenal/TABOQUINHA

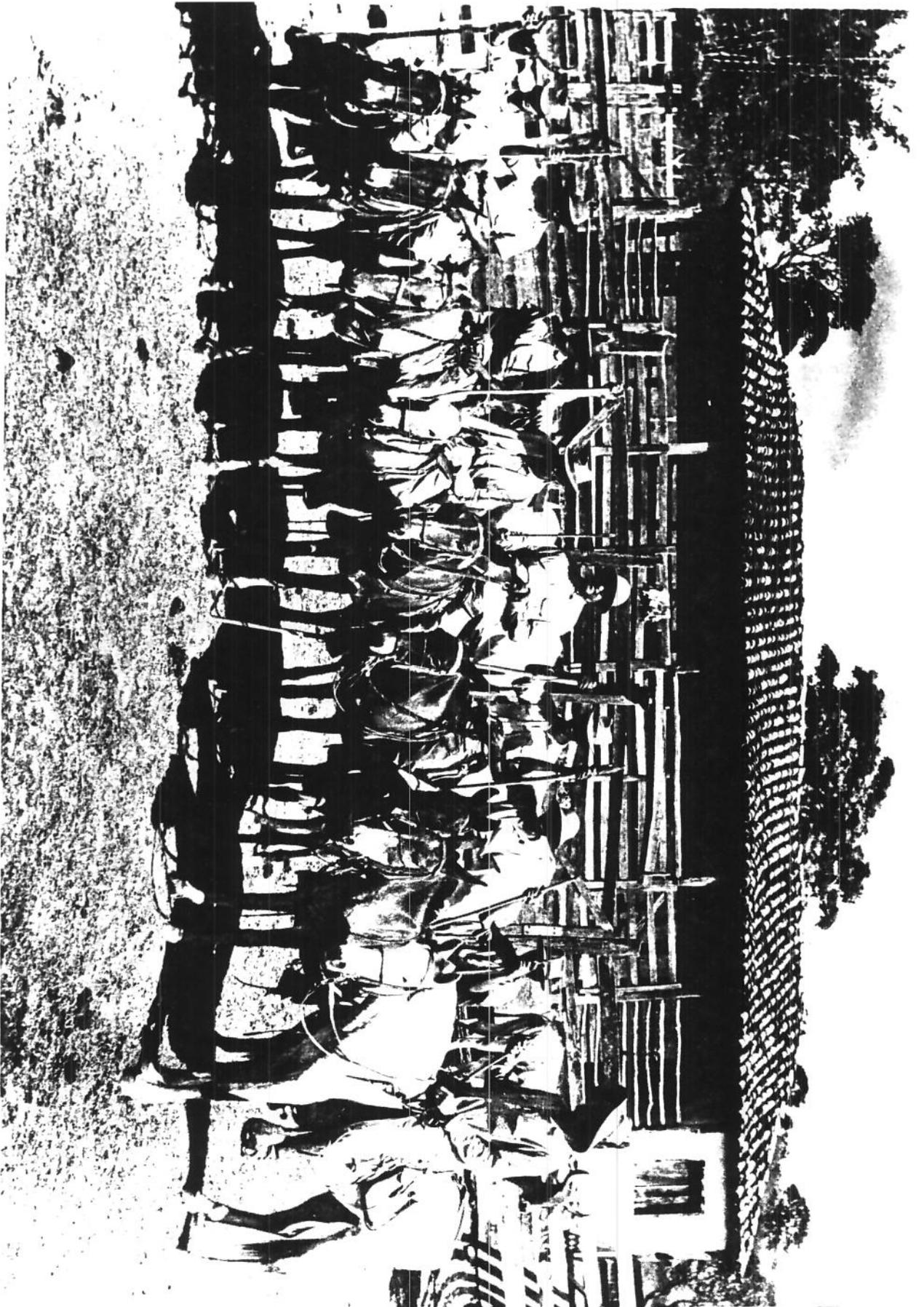


FIG. 02 - A Comitiva

28. quarta - Taboquinha/ARAÇAI

Paralelo a esse roteiro (oficial), Guimarães Rosa anotava o roteiro secundário que compreendia as veredas, córregos, ribeirões, morros por onde a boiada ia atravessando, registrando inclusive, com toda precisão, a hora local. Durante a montaria a escrita se restringe ao essencial. Afinal escrever na mula Balalaika não é tarefa fácil...

A comitiva definitiva era formada por oito vaqueiros: Manoel Nardy, mais conhecido como Manuelzão, o capataz; João Henrique Ribeiro, o Zito, "guieiro", poeta, laçador e cozinheiro; Raimundo Ferreira de Nascimento, o Bindóia, "campeiro", cantador de versos, animador da Boiada e mais cinco vaqueiros ⁷¹ - Sebastião Leite de Moraes: "*Olhando boi a vida inteira*", Gregório Leite de Moraes: "*silencioso*", Aquiles Luiz de Carvalho: "*violeiro, dançador de lundú e cantador de desafio*", Raimundo Santana: "*Vaqueiro-mestre*", Sebastião Alves de Jesus: "*aprendiz de vaqueiro*". (FIG.02)

A rotina durante a viagem foi de levantar às 5 horas, buscar os bois no pasto, almoçar às 6 horas e depois partir em direção ao próximo pouso, com uma parada de descanso lá por volta do meio-dia. A refeição diária era feijão, farinha, arroz e carne seca. As variações no cardápio foram poucas, uma vez houve galinha e outra carne de porco com abóbora. Segundo SILVA(1952), na fazenda de Pedro Mendes, Guimarães Rosa ganhou de presente uma garrafa de pimenta e manifestou "*um dom de Deus para temperar o eterno menu*".

A leitura do mundo natural sertanejo enche as páginas de **Boiada**. A vida no sertão pulsa no diálogo sobre cercas e porteiras, nas conversas sobre nomes e descrições de flores e passarinhos, nas artimanhas para negociar gado, nos jogos de cartas, como o truque, na observação atenta do comportamento dos bezerros, vacas e bois, nas cantorias de quadras recitadas pelos vaqueiros, nas brincadeiras de adivinhação, na forma e no jeito do pessoal se expressar, na beleza descomunal da aurora e do crepúsculo, nos casos contados sobre o

⁷¹ A caracterização desses vaqueiros foi feita por SILVA(1952).



FIG. 03 - O descanso

Um dedo de prosa, um gole de café

fazendeiro maluco, os estouros de boiada, os bichos da noite, na classificação de chifres, rastros, berros, cores e bois de carro. O vivido documentado! (FIG.03)

As anotações de Guimarães Rosa revelam uma preocupação pelos desmatamentos (em ritmo crescente àquela época), ao apontar trecho do percurso Paraopeba/Sirga, onde era possível encontrar - *um mato virgem - (coisa já rara aqui) - na maioria itapicurus, grandes. Vinháticos também.* (B1, p.7).

Em 1952 as siderúrgicas mineiras já estavam produzindo a pleno vapor, consumindo o carvão vegetal, lenha boa do cerrado. Hoje, após 46 anos, praticamente toda a região encontra-se ocupada por grandes extensões de plantações de eucalipto, salpicadas por pouquíssimas veredas em estado adiantado de assoreamento.⁷²

4.3. A natureza percebida por Guimarães Rosa

Os seres vivos são dotados de percepções sensoriais extremamente ativas e integradas que traduzem modos específicos de ouvir, ver, cheirar, tocar, degustar. HARAWAY(1991) discorre sobre a persistência da visão humana e o saber, criticando a utilidade dos olhos usados para significar uma habilidade perversa, distanciando o sujeito cognoscente de todos e tudo no interesse do poder. A autora mostra como a tecnologia da visualização, aparentemente sem limites, oferece uma *feira tecnológica* que permite uma mobilidade à visão onde se pode ver tudo de lugar nenhum, transformando o mito em prática comum. A partir dessa crítica, HARAWAY propõe redimensionar a noção de objetividade, dentro de uma perspectiva parcial que abre possibilidades de um saber localizado e responsável, na

⁷² Manuelzão ressalta a alteração no perfil da paisagem e o impacto das plantações de eucalipto no ambiente, em entrevista concedida a autora em 05 de agosto de 1993:

"Hoje tudo é eucalipto. Aqui tem umas 8 ou 10 companhias. Aqui a roda tá quase cercado de companhia. Quando eu passei aqui a primeira vez, arranchei numa fazenda ali embaixo, lá de casa vê até uns pé de manga que tinha lá na fazenda.. Eu passei em 42 vindo de Formosa, de Goiás. Tudo diferente, só cerrado. Aqui é a Vereda Grande. Na vereda tem só água que nasce na vereda. Mas assim memo, a areia daqui deste lugar vem com o trator limpa a vereda, limpa o eucalipto. A água da enxurrada carrega areia prá veredas vai entupindo as vereda. Vai indo até que as vereda acaba secando. Mas hoje não encontra quase nada, não. No meio do eucalipto não tem nada (enfático - não tem nada). Nem maribondo gosta de eucalipto."

qual não haja a divisão entre sujeito e objeto. Além disso, deve-se considerar a visão como uma percepção moldada pelo indivíduo - o que se vê depende do olho do observador; só se enxerga aquilo que é significativo.

Em **Boiada**, a visão que Guimarães Rosa tem dos elementos naturais - ora imparcial e precisa (nomes, datas, horas, etc.), ora impregnada por peculiaridades resultantes de experiências pessoais (como a descrição do vôo do pica-pau, por exemplo) - abre a possibilidade de se olhar o ser humano integrado à natureza; os registros revelam uma proximidade entre o homem (nas figuras dos vaqueiros e do próprio o autor) e as plantas, os bichos e as coisas. O olhar rosiano não distingue a natureza enquanto sujeito ou enquanto objeto; os elementos se misturam numa comunhão religiosa - todos os seres vivos comungam o mesmo chão, ar e água do sertão (é uma intensa e borbulhante vida impregnada de beleza que conduz à descoberta do outro como um sujeito ao mesmo tempo igual e diferente) e se envolvem através de uma religiosidade traduzida pela irmandade com o universo, que possibilita encontrar os fios que tecem a mesma teia da vida.

Na percepção de natureza revelada em **Boiada**, um dos sentidos mais em evidência é a visão. Guimarães Rosa vê o mundo animadamente e faz uso da audição, do olfato, do tato e do paladar para captar a intensidade do momento vivido. A natureza se revela em múltiplas sensações experimentadas. As descrições detalhadas de belas auroras e crepúsculos, do canto e da plumagem dos pássaros, da cor e do cheiro das flores, do morro da Garça, são registros sertanejos que se apresentam com graça ao leitor redimensionando o universo em constante processo de transformação. A cor, o som e o cheiro dos Gerais exalam do texto. O tato aparece no corpo a corpo com a boiada e com os vaqueiros e também está presente nas cordas da viola dedilhadas pelos vaqueiros. O paladar se manifesta através da comida, especialmente no tempero (quando tem), e da bebida de um gole d'água diretamente na fonte. Desta forma, ao saborear a viagem Guimarães Rosa conjuga sabor com saber.

O tempo é registrado de duas maneiras: através dos fenômenos naturais e através do relógio de pulso de Guimarães, que faz questão de anotar a hora e os minutos. A natureza descrita nas Notas está em movimento constante. Guimarães Rosa não assiste a um espetáculo da natureza que tem como cenário o sertão mineiro; ele convive, está integrado com o cosmos. A vida fala através dos sentidos e uma maneira de apreender a natureza está em ordená-la em categorias.

Em vista disso, a leitura de **Boiada** é uma espécie de viagem sem deslocamento geográfico, através da qual o mundo natural pode ir sendo sorvido em pequenos goles. Esse processo de transformação de notas de campo em fatos “presenciáveis” permite que o leitor vá construindo um outro diário, pessoal, de acordo com sua imaginação; a leitura passa a ser um ritual de passagem para se entrar no mundo do vaqueiros e do sertão.

4.3.1. As cores, os cheiros e os sons da natureza

A cor como um elemento importante de percepção do mundo natural é sempre mencionada nas páginas de **Boiada**. Ela está presente na descrição do caminho, dos morros, das coleções de água, dos animais, dos vegetais, do céu. Todas as descrições estão impregnadas de cores que formam uma verdadeira aquarela:

*Morros azuis me percorrem; desenharam-se do céu.(B1, p.5); Ao fundo , a Serra dos Gerais - mal levantada, chata, mas se estirando num movimento sensível, suave movimento, via norte. Com sua espinha e base verde-escuras, entre êsses o flanco verde-claro, onde se hospedam as úmidas veredas. O céu é uma poeta azul. Papagaios no voo-loiros verdadeiramente.(B1, p.61)*⁷³

Coleio de serras, de verdes e azuis. Longísimas, doçura de paisagem... Limite (nordeste e este): a última serra verde ondula; a serra azul é (quase) uma reta.

⁷³ Daqui para frente, os grifos que aparecem nas citações de Boiada são de minha autoria.

(B2, p.40) Reflete-se no pescoço (tábua do pescoço) da mula, os moventes reflexos de sol e sombra das folhas com seus interstícios. Uma libélula grená (vermelha episcopal).(B2, p.37)

Os morros e as serras parecem que surgiram do azul do firmamento, ou melhor, desenharam-se do céu. Num movimento suave e sensível, os morros despertam, alongam-se e ondulam como num grande mar azul e verde cujas ondas esbarram no horizonte. A cor voa com os papagaios e a libélula, saltando no espaço. A incidência dos raios solares altera os tons e cria um jogo de luz e sombra que se alternam animadamente, bordando rendados no pescoço da mula.

Os referenciais geográficos estão presentes, sobressaindo-se sempre o Morro da Garça - *9hs menos 20' avistamos o Morro da Garça, é uma pirâmide azul.(B1, p. 8)*. À medida que a viagem avança, Guimarães vê o morro de formas diferentes. As imagens de figuras de animais predominam: *Pirâmide rasa. Corcova de camelo, às vezes. Às vezes uma tartaruga. Escuro...Morro da Garça, daqui parece um bisão (bisonte) a emergir(B2, p.38)*. Cada uma dessas caracterizações é elaborada para que o leitor possa visualizar um morro vivo, como um bicho, com a capacidade de alterar a forma e o volume. Uma natureza em processo de mutação. A metáfora com os animais reincide em outras passagens da **Boiada**: são nuvens que parecem bois, árvores que parecem focas - *Boiada de nuvens brancas...O pau-d'óleo saindo do barranco, como uma foca empinada (B2, p.41)*.

A descrição minuciosa do caminho reproduz uma natureza que abre espaços para que o leitor possa imaginar a superfície do solo em camadas coloridas, como um tapete por onde a boiada passa em procissão:

Paramos à beira de um córrego. À sombra de um landim. Fazer café. Margem de um tauá em lâminas (estratos). Diversas côres: branco, amarelo, côr-de-rosa, azulado. (No cerrado, atrás, (perto do capão grande): aquelas pedras

pretas (quase verdes) parecendo bosta de vaca - são tapiocanga. (Por dentro, ela é róxo (avermelhada); ficam com a casca preta por fora, por causa de pôrem fogo nos campos)(B2, p.36)

A argila aluvional colorida por óxido de ferro - tauá - lembra um arco-íris e a tapiocanga revela a riqueza do ferro das minas gerais. A travessia da boiada se faz também pela água e o rastro representa a fusão de terra, água e ar, momento em que as cores se misturam e os espaços (terrestre, aquático e atmosférico) se entrelaçam. Pela poeira da estrada se avista a boiada. Pela cor do rio se faz a leitura dos ciclos da natureza:

Os rios estão sujos (B1, p.5); O São Francisco - barrento - recebe o rio de Janeiro - de água verde. (B1, p.16); O São Francisco, visto de longe - e mesmo do Alto da Capelinha, é um rastro de lesma entre a folhagem do cerrado (às 4hs 30' da tarde, brilhando de solsim).(B1, p.77)

São 6hs e 20', e o sol ainda não despona. Mas dia já claro. Lindo, no poente, o "barrado" côr-de-rosa ("reflexo vermelhado" que dá nessas distâncias"). Vê-se o São Francisco, com dois grandes pedaços. Cobre-o fumaça, que reflete o "barrado" - também rósea. Outros córregos, são também fumaças longas - tanto mais fumaça, quanto mais próximos.(B2, p.8)

A boiada vem lá no cerrado. Olha a poeira dela (por cima das árvores)...(B2, p.11) A bela travessia do gado! O pôço fica côr de terra (límpido, lá em cima)! (B2, p.50); 12 hs.10. Córrego da Canabrava,. É um verdadeiro ribeirão. Verde e correndo muito. Ponte com guarda-mão. O gado passa mais abaixo, num ponto de muita correnteza. água verde, bela. Para baixo do gado a água se suja, mas primeiro pelas margens terrosas (o meio é de fundo de pedras). Mais abaixo, os dois sujos se juntam, o ribeirão fica todo côr de barro.(B2, p.56)

O aspecto da água que mais chama a atenção de Guimarães Rosa é justamente a cor. As características - incolor, insípida, inodora - são contrariadas pela percepção roseana. Vários tons tingem, dão sabor e cheiro às águas, mostrando um líquido em constante ação e transformação: *água de vereda, quando sêca, represada - só então fica com gôsto de água de brejo* (B1, p.76). Desta forma, pelo paladar também se registra o tempo do calendário natural.

O roteiro de **Boiada** é redesenhado nas anotações, sendo a cor o elemento dominante na descrição. Guimarães mergulha no cerrado, predominantemente *Amarelo: a côr de flor que predomina no cerrado* (B2,p.28), e consegue captar uma pluralidade de tons, como se cada amarelo fosse único. A menção de uma diversidade de tons de amarelo registra, com precisão, o que foi percebido. É como se Guimarães Rosa guardasse um pedaço daquele chão em cada palavra, para posteriormente “ruminar”. Provavelmente, a leitura das Notas resgatava o cerrado dentro do autor, levando-o a viajar e se sentir naquele lugar novamente:

O capim com florinhas, amarelas. 1h 45' - A forquilha florida (ramo) de páu-dôce, que ficou prêsa no pescoço da rés!... (doiradas flores, em cacho). Florinhas rôxas do câi-na-lama. (B2, p.3); 10hs.menos 15' - Cabeceira da Vereda do Carapiá. Um bosquete de páu-doce... Cabo-verde do campo = o gado come as folhas. Flores amarelas. É um arbusto abundante...PAU-DOCE: em verde e amarelo (bandeira brasileira), seus cachos são candelabros (velas). Flores para cima, folhas para baixo. Lindo! (B2, p.10);

Fedegoso brabo - com florinhas amarelas. (B2, p.20); Resfriado Vereda à esquerda. Capim e "juncos" (finos) com florinhas amarelas balançando nas pontas das longuinhas hastes. tudo de amarelim....10hs.5' Continuamos transpondo o Cerradão do Buriti Comprido. Sambaibinha - arbusto com flores amarelinhas. (B2, p.28.29); O jempapeiro claro. Está amadurecendo as fôlhas.

Estão amarelecido. Caem em julho, brotam em agosto. Todos os anos, trocam as folhas. Todos os anos, muitas árvores trocam.

O jenipapeiro, êsse é atual. (B2, p. 32); Bate-caixa florido. Suas flores, brancas, são cachos erectos, velas. Os botões são amarelos. (B2, p.47); Ramo de pacaré - lindo, com frutas côr de vinho, estriadas, e flores de cálice muito colorido, pétalas amarelo-frio, e longuissimos estames cabeçudos, antenares...Capa-rosa brancas - erigem lindas flores amarelas. (B2, p.76); Fazenda São Francisco: hibiscos amarelos; língua-de-sogra= aquelas palmas, erectas, rajadas, como espadas; perpétuas= pequeninas, redondinhas, rôxas. (B2, p.77)

As anotações acima demonstram nesses seis tipos de amarelo (amarela, doiradas, amarelim, amarelinhas, amarelecido, amarelo-frio) como a percepção da cor é sinestésica, pois sugere gosto e cheiro quando o gado come as folhas de pau-doce. Sugere luminosidade ao mencionar doiradas. Sugere tamanho ao usar o diminutivo - amarelinhas. Sugere vitalidade ao indicar mudança fisiológica - amarelecido. Sugere temperatura ao discriminar frio. Guimarães procura registrar e traduzir para o papel uma multiplicidade de sensações que permitem ao leitor sentir a natureza em sua totalidade. Como um conto de encantamento parece que o cerrado mineiro foi transportado para o diário. Em contrapartida, a leitura do diário transporta o leitor para um cerrado mineiro que hoje, obviamente, já não existe.⁷⁴

A cor amarela dos animais também chama atenção e ganha destaque nas **Notas**. A impressão é que o amarelo transbordou sobre os insetos:

Pela manhã: "A roça do Zito...muitas borboletas, na roça.", "Borboleta amarela - como se voantes flores de algodoeiro.", "Besourinho amarelo é que pica as

⁷⁴ Não existe mais o sertão mineiro de 52 (nem ele virou mar como profetizava Matruga). Só fragmentos remanescentes de uma época e desbotados no tempo. Grande parte da área por onde passou a Boiada está coberta por extensas plantações de eucalipto, existindo ainda algumas poucas veredas, mas parcialmente assoreadas.

fôlhas da batata", "muitos insetos , na horta."(B1, p.48); No cerrado::flores e borboletas amarelas, em ampla predominância."(B2, p.37)

O amarelo traduz a paixão de Guimarães Rosa pelo cerrado, declarado durante o discurso de posse na Academia Brasileira de Letras - *eu gosto do amarelo*⁷⁵. Além de uma paixão, o *amarelim* representa um elemento de ligação e de transcendência de Guimarães Rosa com o cosmos. Segundo ALBERGARIA(1977:50), *um dos elementos da trindade taoísta, Houang-lao Kiun, o velho Senhor Amarelo, aparece como o princípio que participa do céu e do corpo humano simultaneamente.*

Nessa aquarela do cerrado, outras cores pintam a vegetação. A boiada atravessa o sertão como se fosse um jardim cheio de flores e frutas que exalam cores e perfumes:

A cagaiteira com flor.(B1, p.11); A árvore (eirado) - um tingui: com frutas maiores que laranjas. Frutas pardas.(B1, p.12); Aquele cipó roxo (olho-de-boi), nas altas árvores da beira do rio: chama-se mucunã: é um feijão bravo.(B1, p.18) Laranjais cheios de laranjas maduras.(B1, p.5); Laranjeira-do-campo= com flores.(B2, p.50)

Chegamos à TOLDA às 4hs e 10'. A bica, entre pés de mentrasto (florindinho em azulzinho), rosinha-anã e caeté (flores vermelhas). (B2,p.5); flor - (pareceu-me caeté) - chamada casa-comigo, é branca, parece um lírio. E é muito perfumosa. (B2, p.17); Uma latada de flor-da-quaresma: linda flor, rôxo=azulada (não,violeta!).(B2, p.61); Uma sempre-lustosa, 2 (na rua dos Paca= Rua Virgilio de Mello Franco"-- alta, grande latada, belas flores de carmim escuro, veludoso.(B2, p.70)

⁷⁵ O Verbo & O Logos. Discurso de posse de João Guimarães Rosa na sessão de 16 novembro de 1967. In: *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro:José Olympio.1968.p.68

A flor e a cor são características observadas para a sistemática das plantas. A maneira de Guimarães Rosa identificar as árvores, flores e frutas realça a cor, o cheiro e o nome popular, o que difere das descrições técnicas dos especialistas. As anotações reproduzem uma natureza multicolorida que possibilita ao leitor imaginar a vida naquele sertão, inclusive incorporar os elementos sobrenaturais que fazem parte da cultura popular. A cor branca da sucupira ganha um registro sugestivo quando Guimarães Rosa anota - *algumas claream muito (deve assombrar)*(B2,p.4).

Além das flores, que revelam uma parte do ciclo evolutivo, há outros sinais, percebidos através da cor, que indicam processos de mudanças. O pó vermelho da estrada depositado sobre os arbustos do cerrado é um sinal que indica a estação do ano e marca o tempo no calendário da natureza:

Toda a faixa de arbustos das margens da estrada estão vermelhas , sujas, empastadas de poeira vermelha...Uma barriguda cheia de flôres cor-de-rosa...Assa-peixe: Florido. Cachos(?)brancos. Dão o melhor mel!(B1,p.1-3)

Maio é um mês seco em que a poeira cobre, como um manto, a vegetação marginal. Estação das paineiras se arreentarem *toda em flôres róseas linduchas* (B1, p.7) e de encontrar *por todas as beiras da estrada: o assa-peixe florido* (B1, p.8). A descrição desses fenômenos naturais sugere, mais, que Guimarães Rosa viu e exalou o perfume do Assa-peixe lambuzando-se como se fosse mel.

A presença e a intensidade do cheiro de flores e frutas está associada com determinados períodos do ano, o que serve como um calendário (cheiros da natureza). Guimarães Rosa assinala os *Cheiros no cerrado*:

Mata-barata: fruta (moutazinha) no "alegre". Está de vez. Cheira muito. Em junho, quando maduro, sente-se seu cheiro de longe. (É um cheiro entre o de

grão-de-galo e o do pequi). **CHEIROS: bate-caixa (flor), laranjeira-do-campo, cagaiteira (flor), pequi (flor) - fede!** (B2, p.36)

A idéia de intensidade (muito), de distância (longe), de qualidade (fede) caracteriza os cheiros como sensações palpáveis. A associação do olfato com o paladar possibilita outras sensações: *Poeira: cheiro de pó. Sentese o gosto de terra (m%: geofagia)...O delicioso cheiro da pimentinha vermelha* (B1, p.2,3). Dá realce e volume ao cheiro da terra e da pimenta que podem ser degustadas. A presença do boi também pode ser percebida através dos cheiros, de doce produzido pelo atrito dos cascos nas pedras: *O cheiro bovino se acentuando mais e ficando doce, como o de mel na tacha, cheiro de engenho. Raimundo Bindóia explica: é dos cascos, nas pedras!*(B2, p5)...*O vento traz um cheiro mais forte de boi.* (B2, p. 6), e de *bosta e mijo. O cheiro bom.* (B1,p.54)

As sensações experimentadas estimulam a memória e como um fio alinhavam lembranças e como um fogo reacendem outras vivências e revivem outros sentimentos ⁷⁶. Guimarães Rosa, através do cheiro, recorda da mãe: *Mamãe: travesseiro com macela; cheiro suave, travesseiro e colchão para meninos pequenos recheio de perpétuas (flor), seca: a roxa e a branca (macio).*((B1,p.5). A intensidade do cheiro *muito* (mata-barata) e *suave* (macela) sugere idéia de quantidade, de volume mesmo, como se o cheiro pudesse ser pesado.

Desta forma, o olfato, o tato e a visão se entrelaçam para embriagar Guimarães de sensações aprazíveis. As mãos guardam o aroma impregnado na pele que tocou as plantas - *um canto do eirado (ou pateo sujo) - moitas, bamburral de mentrasto. Tem aromazinho (pegado à mão)* (B2, p.6). Mas nem tudo são flores...Os cheiros desagradáveis também estão registrados como o de um *negro que chegou com os outros bois e os prendeu no curral: bodum às léguas* (B2,p.6).

⁷⁶ O olfato desempenha um papel importante na memória e consegue inserir as pessoas em situações vividas. LEVI-STRAUSS(1986) assinala que a cor vermelha da madeira do pau-brasil desenha em sua imaginação um país completamente aprazível e olfativo. Na década de 30, a menção do nome Brasil para o antropólogo cheirava a "brasido", levando-o a pensar no país, em primeiro lugar, como um perfume queimado. Esse depoimento revela que as imagens criadas estão impregnadas de uma percepção sensorial, sendo impossível separar um sentido do outro.

O cheiro difunde no ar em movimento e viaja no tempo. Nas páginas de **Boiada** há menção ao vento, um fenômeno que varre os “gerais” e proporciona sensações variadas dependendo do mês do ano. O vento parece trazer em seu redomoinho um saci-pererê que pratica peraltices:

O vento tinha derrubado os mamões, alguns quase maduros. Quebrou o pessegueiro. (B1, p.3)...Quando venta muito (ou está perto de chover, assim em setembro, outubro, não dá orvalho, não. Ou, se dá, cai no chão outra vez, desaparece, a gente não vê. (B1, p.60)...O que mata naqueles "gerais" é o vento. Os beijos trincam...(B1, p.77)

O vento faz barulho (de riacho) nas folhas do milharal seco.(O barulho mais forte no canavial: as folhas chamam uma na outra. No cerrado, há pouco: os uivos bufos) repentinos (lúgubres) de vento, nos chapéus, nas folhagens.(B1, p.48-49)Pelo curral de Pedras: há muito vento e pouca água para o gado .(B1, p.74)

12hs.20' -, Costeamos bela larga vereda - a mais bela - com buritis grandes e meninos, verde e amarelo oiro. Nêles o vento zumbe. As fôlhas altas, erectas, se dedeiam. Vários leques, cada um.(B2, p.16)...Zune o vento, em meu chapéu. (B2,p.38)

O vento tem a capacidade de mudar as formas e dar animação. O capim lembra uma cabeleira solta ao vento, as nuvens brancas a travessia de uma boiada, as palmas do buriti as crianças brincando. O vento com sua linguagem particular carrega diferentes sons - riachos, chiados, uivos, zumbidos - de intensidades variadas: forte, fraco, muito, pouco.

Outros tipos de sons viajam no vento, como a cantoria dos pássaros que alegra a travessia. Muitas vezes Guimarães Rosa identifica os passarinhos pela visão e pela audição, outras vezes apenas pela audição e há ainda momentos em que o registro independe do que se vê.

O importante é deixar registradas com precisão as características de cada espécie que favorecem a identificação:

SOCÓ: cró-cró-cró. O canto da SACACURA. O belo pio do NHAMBU(B1, p.9)
ROLA CALDO DE FEIJÃO: pia diferente: ela tem um arrulhozinho como o da juriti, mas mais fraco(B1,p.14)...AGUA-SÓ: O canto é tiriririri-chóo-chóo-chóo-água só,água só...!(reza-povo, reza-povo!... outros dizem que é como ele canta)
Canta esprivitado:água-só,água-só... fica em beira d'água, beira de vereda.
SARIEMA: Káu! Káu! KáuKáuKáuKáuKáu. JAÓ - (do baixio, não dos gerais):
assovia: (canta clara, positivamente: - Eu sou jaó! ZABELÊ: é menor: Eu sou zabelê!...PERDIZ: assovia chamando o cachorro, claramente ANHAMBU : canta bonito (B1,p.19, 20)

CORUJA BATUQUEIRA: seu canto é quase o choro de uma criança. Também faz: -Quên!Ken!Ken! CORUJA GRANDE DE ORELHA: canta de todo jeito. Ela grita feito uma pessoa: Hú! (E outras de sistema esquisito, que a gente aqui não pode fazer comparação) (B1,p.20)...Quando a gente passa, ela (a coruja) dá um grito feio -um barulho de chiata: cuic cc`KiKiKiKiK! - e entra no buraco. (Isto de manhazinha, ao nascer do sol)... Coruja - a coruja pequena, batuqueira, não faz ninhos. Põe ovos no cupim, ou em buraco de tati. Elas gostam de ficar na porta - no buraco do cupim ... Curiango - ele choca e no pé. Surpreendido, carrega o ovo na mão. Só choca um ovo” (B1,p.59).

João-fazendeiro: passarinho cinzento, mais escuro que o duro-vai. Fica nos campos. É do tamanho de um pintassilgo. Gosta de fazer ninhos.(B2, p.48)...Dois quem-quem gritam e voam, aqui perto da moenda.(B2, p.58)

Guimarães Rosa é um apaixonado por passarinhos. Ele descreve cada espécie baseado em observações empíricas e, mais, reproduz os sons de cada ave através de vocábulos

onomatopéicos. Essa linguagem canora invade as páginas do diário principalmente ao amanhecer e entardecer, e o conjunto dá a sensação de uma orquestra:

PEGA: Nhé-nhé-nhé-nhé!(B1,p.46)...PAPAGAIO: o "cravo" (papagaio simpático) --aú! (chora como criança, imita grugulejo de peru. Assovia e diz - "meu cravo, com diferentes vozes.(B1, p.66)...PÁSSOPRETO: " dão alarme, no meio da noite. Os outros arrancam. E gritam: Chico! Chico!...MÃE-DA-LUA: grita de noite: Foi, foi,foi,foi!(B2,p.23)

ANÚS-BRANCOS: " Três anús brancos, arrupitados, quentando sol,nos ramos da bolsa-de-pastor. Esses cantam muito: tiram leite. É como leite no balde: chorró, chorró, chorró, chorró!...é pintado de branco e preto. O ANU-PRETO tem um piado feio, exquisito: - Piúm! Piiúm! ... (B2, p.45)...Pairam ANÚS BRANCOS, forte chilro; pairar e pousar exhibicionista; chilra e estal. É baio e preto. O anel preto no rabo. Termina seu claro chilro e estalo com um chorró variado, que às vezes muda fino. Eles imitam outros pássaros, assim como também é imitador o galo-do-campo. Chochorream.(B2, p.48)

DURO-VAI: "O duro-vai canta: "zuns.zuns.zuns. Cristo! (B2, p.46)...O Duro-vai: é pardo, tamanho de um canário. Fica no meio do campo. Quando vê a gente, pula em cima do pau e canta: "Dur'dur'duro - vái!.... O outro (zuns,zuns, etc ... é o canto normal. (B2, p. 48)

PICAPAÚS: "O casal de caracarás voando manso - os bicos vermelhos. Os picapaús dão o alarme: Tchê-Tché-Tché!Tché-Tché-Tché!(B2, p54)... Maria-tôla ou maria-viúva = preta, com topete, com os encontros brancos. Canta: eu sou viúva! Eu sou viúva! - Mãe da lua: "Floriano foi, foi! (noite de luar principalmente).(B2, p.65)

MARIA-BRANCA: "É num raminho da grimpa do pau-terra, geira, dôce, dobrado, com notas de caixa de música, com molas molhadas em mel, com vozinha de boneca, mas com variações e estribilho ... um maria-branca. Até que a fêmea chegue. Afasta ela uma asa, para coçabicar a axila. Ficam longamente cantando e pousados. (É a Maria-branca)(B2, p.45)...É verdadeiramente o pássaro do cerrado. Faz: *Birr, birr!*(B2, p.64)...MARIA-TOLA OU MARIA-VIÚVA: *preta, com um topete, com os encontros brancos. Canta: -Eu sou viúva - Eu sou viúva!...* (B2, p.65)

O autor desenvolve a acuidade auditiva. A presença dos animais é identificada na maioria das vezes através de sons característicos e peculiares. O gado é perceptível através de movimentos ondeados na vegetação - *Rumor estranhamente aquático (maresia)(marulho) do gado se roçando nas folhas (folhagem)*(B2,p.4), dos *mugidos Mõõõe...Môn'hh...* (B1,p.45), do tilintar do cincerro - *o toque de lata do cincêrro...*e do *sôpro surdo dos zebús.* (B1,p.10)

Além dos bois e dos passarinhos, existem registros de macacos que chamam a atenção pela algazarra nas proximidades da fazenda Sirga. Os lobos também têm espaço garantido e são reconhecidos através do grito (audição) e das fezes (visão e olfato). Os vocábulos onomatopéicos aparecem com frequência nas **Notas**:

Na Sirga: as guaribas gritam "como engenho moendo (engenho de páu), macaco castanho, maior que o saguim. "São raposos: em bando: assoviam". SAGUIM: "sssit! sssit! sssit!" pulando de páu em páu. (B2, p.56)

Lobos? Têm achado muita bosta deles. E urrarem, neste tempo de frio."(B1, p.75)... *Os lobos gritam é no tempo de frio, à boca da noite, ou até às 8 horas da noite. Gritam na cabeceira da vereda...Uôhh! Uôuhh (grito feio). A fêmea grita: ...Uáh! Uáh!* (B2,p.22)

O som das águas bole o tempo todo com o autor que registra a fala aguosa e grossa do córrego, um ser vivo que sussurra, ao pé do ouvido, segredos - *Perto (sobre o) do Córrego, belo, que murmura grosso mormôr*(B2, p.56). Os sentidos se voltam também para apreciar e degustar o rumor que os animais fazem à medida que vão bebendo água e atravessando o poço:

Delícia: rumor de vacas sorvendo água nos poços, a um metro de nós, se tanto. Forramos as raízes do landim com os pelêgos. Manoelzão e eu; um burro (o do cargueiro) pasta no barranquete. Rumor de um novilho atravessando água. Lá do outro lado, em cima, os bois pastam. Vaqueiros a cavalo os vigiam. A vaca bebe, pára e sopra (tomando respiração), e torna a beber. O tauá forma degraus lamelados(B2,p.36-37).

Guimarães Rosa sugere que estar no sertão *é estar no meio de todas alegrias e de todas as grandiosas comoções!* (B2,p.31)⁷⁷. Alegria e comoção de ouvir o estraçalhar de galhos - *belo* - que se contrasta com o ruído longínquo de um caminhão. No meio de sons naturais, o familiar barulho da máquina torna-se anacrônico - *O estraçalhar (bulha) de galhos, sêcos ou verdes (Belo!)...O ruído de um caminhão, invisível, fica despautério ou anacrônico. Só pode ser algum touro monstruoso! (Caminhão de creme)*(B2,p.4).

Gritos, cantos, aboios, risos - marcam *a maravilhosa saída da Boiada. Luz, alegria, festa, gritos. Multidão de vaqueiros. O gado sobe a encosta. Alegres. Encaracolam as caudas. Maravilha!* (B2,p.2). Essa festividade se apresenta também em outros momentos da viagem, quando os mais variados sons vão sendo percebidos: um córrego marulha; grilos estridulam; viola toca; rapazes gritam, cantam e roncam:

⁷⁷ Guimarães Rosa insere no meio das Notas de **Boiada** um pequeno texto sobre Paris, copiado do livro *Novo terceiro livro de leitura*, de Hilário Ribeiro, que diz: “*Estar em Paris e estar no meio de todas as alegrias e de todas as grandiosas comoções!*” (B2, p.31).

Durmo na banca de forma de rapaduras. O córrego marulha. Grilos. Os rapazes jogam truque. Outros cantam(B2, p.59)... Sebastião roncou mais do que um tatú peba...(B2,p.60).

Acompanhamento : (viola): re - tintim, tintim, retintim, tintim, retintim tem-tem (B1.,p.28)

Morena, não sai lá fora/que lá fora está ventando.

Olha a fôlha do coqueiro/está só balanceando.

Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeii!ôôô - êêê - ohôhi.....

Eu fui vaqueiro sete anos/na fazenda do Capão.

Lidava com o gado todo/e com a filha do Patrão.

Eêêê - ôôô -

Querer bem é muito bom/mas é muito perigoso:

se eu morrer, eu perco a vida,/se matar, sou criminoso...

Vaqueiro quando viaja/viaja la pro sertão

Mulher dele fica em casa,/não tira o lenço da mão(B2,p.2)

No meio das cantorias, o carro de boi dá o seu tom - *Um carro do Pompéu, que cantava fino, que nem uma rabeca. O carro daqui canta grosso: tem o eixo grosso e o carro pega no eixo em 3 lugares (em vez de dois): 2 cocões dos lados, e, no meio, um chumaço ("chumação").(B1,p.65).* No meio das cantorias o silêncio corta o ar e rasga o céu - *papagaios passam no vôo batido e mole, silencioso (B2,p.9).*

Guimarães Rosa se interessa também em colher informações precisas e minuciosas da vegetação ao longo do caminho. Anota as variações cíclicas das plantas, as interações com os animais e o valor medicinal. As flores são as partes que mais lhe atraem, e geralmente a descrição facilita a identificação da planta. Essas informações, muitas vezes repassadas pelos vaqueiros, traduzem um conhecimento empírico do sertanejo que vive em sintonia e intimidade com o mundo natural.

Limão dá flor quase todo o tempo. Em geral tem sempre flor e limão, verdes e maduros...Figos verde, na figueira.O cafeeiro com frutas verdes (já devia estar maduro). Boneca (no pé de milho sêco) é uma espiga falhada. Figueira, em lugar bom, dá figo o ano todo...No tempo de chuva é que há muita coisa nas hortas. Agora não.(B1, p.3)

FAVEIRA: árvore. o gado gosta imenso de suas vagens, quando estão sêcas. Desviam-se da boiada, as rêses, para comê-las. É uma amolação. Seca de junho em diante. Está sêca só em junho e julho.(B1. p.78)

No campo: a santóra (raminho com flôres róseas - parecem-me pequenos cravos, às vezes (Nelke, carnation). Adorête (ADORETE): lindas florinhas piúrpuras róxa (m%: porpôr róxo). Não dá no baixio, só dá nos gerais. São pequenos arbustos, moitas roxas, tudo flor. Há muito, aqui, Diz o Sebastião (da Sirga) que é ótimo para reumatismo.... Jatobá com vagens verdes; folhas hachureadas, sardentinhas, pintadinhas, cagadinhas de ferrugem.... Esta florzinha (plantinha, talinho, com flores enfiadas, lembrando cravos) == Gregório diz que ela se chama bôca-de-cobra (É a mesma Santora).(B2, p. 35,36)

Um extenso florida de santora (bôca-de-cobra). Lobeira grande, com flores azul-rôxas, e grandes frutas. (Fruta: parece jaca (por dentro); é uma drupa?)....(Zito): Lobeira: côr de folha (vai nascendo já tem espinho) É verde "na diária", mesmo na maior seca: é verde e tem espinho. Ela e o jenipapeiro são as que ficam sempre verdes, mesmo no rigor da sêca. Podem secar, mas só para morrer, ambos. (Jenipapo - se ele não tiver folha, ele tem frutas). Lobeira - verde-claro, desmaiado, pálido (cor que tem "separamento". Páu-terra: por comum, o Sr. não vê um páu-terra direito. Não dá galho certo. Tudo é tôrto, toda tória, tortuosa. É uma das árvores mais tortas que tem (Cerrado).(B2, p.46-48)

O registro do nome popular das plantas predomina nas Notas e representa uma maneira de catalogar o saber do povo do sertão. Nas correspondências com o tradutor italiano Edoardo Bizzarri, Guimarães faz questão de mencionar também o nome científico de cada espécie vegetal ou animal, a etimologia da palavra e a descrição do exemplar, o que demonstra interesse e paixão pelo conhecimento.⁷⁸

As pessoas, como parte integrante da natureza, estão sempre presentes nas Notas em atividades de trabalho e de lazer. Guimarães Rosa, ao visitar a horta de D. Joaquina, registra a beleza da cor da acelga que lhe chama a atenção, criando uma nova tonalidade de verde - *verde-acelga*, que sinesteticamente está associada a cor, ao cheiro, ao tato e ao paladar da hortaliça. As cores se sobressaem como fios que tecem com vida tudo o que é observado, dando uma continuidade ao olhar. As formas e as tonalidades variam, mas o conjunto permanece enquadrado:

7hs.40' Algodão empoeirado. Os capulhos, já (com róseo das "maças") brancos, ainda não abertos. Este ano as culturas estão atrasadas, 8hs.20' - Mulheres apanhando algodão. (B1, p.7)

A porta de uma venda: milho na calçada, secando (milho macio, colhido precocemente) (B1, p.2)...Dois homens descascando milho e pondo nos balaços. Enfrente do paiol.(B1, p.6)...Casa do Quim, na Vereda da Sirga. Banco baixinho, quase ao rês do chão. Arroz colhido, no quarto da sala. Colhido em março e abril.(B1, p.75)

Nessas anotações percebe-se que as mulheres que colhem algodão estabelecem uma relação muito próxima e íntima com o trabalho, diminuindo as fronteiras que separam um ser do outro. Ao ler as notas pode-se imaginar uma figura mitológica ou encantada.

⁷⁸ Ver J. Guimarães Rosa [1980:37]. Por exemplo: "Mariola - A planta (*Abrus precatorius*.L.) tem também os nomes de JEQUIRITI e ÓLHO-DE-POMBA. É uma leguminosa, das Papilionatas, trepadeira..."

mescla de algodão e mulher, ou ainda a humanização do algodão e a “vegetalização” da mulher. O mesmo acontece com a imagem dos homens beneficiando o milho - de um espantalho que ganhou um cérebro. Guimarães anota a época da colheita de arroz de acordo com o calendário natural, o que demonstra como o tempo rege e marca as atividades laborativas no campo e cria a cultura da terra - agricultura.

A visão da natureza em muitos aspectos é antropomorfizada, seja na descrição de uma árvore, seja na descrição de um morro ou de um tipo de capim. As características do landim - *folha comprida e dura. Casca grossa. Várias raças de orêlhas-de-pau (líquens). O natural da casca do landi se arroxeia (róxo vinho). Pendem barbas-de-páu, dos galhos* - sugere a visão de um velho enrugado com longas barbas. A paisagem em plena fertilidade se reproduz em metáforas femininas e masculinas. O morro, a grotta, o mato tornam-se sensuais, eróticos e férteis: *Perfil de um morro: grotas (pubis feminino) - com mato (capão); pedreira: blocos azuis de calcáreo; sobre os blocos: o mato (na fertilidade). Predominam as gameleiras.(B1, p.2)*

Os tipos de capim que compõem a paisagem são minuciosamente observados e registrados, sendo a cor, novamente, colocada em destaque. O roxo se sobressai ganhando várias tonalidades, como se a trilha fosse atapetada com bordados em degradé que bailam com o vento. O capim descrito por Guimarães Rosa jorra vitalidade e sugere múltiplas sensações como tamanho, movimento, umidade, aroma, textura, frescor, paladar, volume:

O belo provisório alto, seus pendões = o oscilar róxo, lindo... (Heide, Erika)Ou ruivo, melhor.(B1,p. 48)...Às 3 da tarde, o provisório já começa a se umedecer e orvalhar. ...O melôso e o provisório "passaram", estão pendoados. O melôso em flor= em grande extensão, parece um veludo róxo.(B1,p.74,75)... Passamos a cavalo um provisório alto, maduro - ruivo; lindo (e fresco); os pendões ruivos dando-me no rosto (ruivo arroxeadado é o provisório. O melôso é róxo mais belo).(B1, p.77) O melôso em flor - bôrra de vinho.(B2, p.56)...Lindas extensões

rôxas, na encosta: florido o melosal.(B2, p.69)...A bruma sobre o melôso. Aruvalho (orvalho) pesa, (m%) pesa na ponta da folha...(B2, p.74)

*Capim-de vargem (florido, **arroxeado**, na vereda) (B2, p.10)...Vereda = Capim em flor (pendãozinho-arroxeado, **rôxo-prata, rôxo-cinza**; e acolá no mais fundo, **avermelhado** (por mais alto, no mais úmido)(B2, p.16)...Capim sereno: baixinho, raso, rôxo. **Rôxo ferrugem, rôxo acastanhado**. Macio na mão, parece um cabelo de pessoa. Se alaga, em manchas (está com sementinhas) Mas é sempre rôxo. ("Na sêca dura, ele morre. Depois torna a brotar; quando brota, é sempre desse jeito...") Sempre pequenino.(B2, p. 38)*

A beleza do que se vê se funde com o cheiro que se aspira, com o tato que se apalpa, com o gosto que se prova. O capim roça a pele em sensualidade revelando a sua essência animada. A cor, como elemento descritivo dominante, ganha uma vitalidade e parece saltar do pendão quando oscila com o vento. A variedade de tons e texturas de roxo anotadas com sensibilidade - *veludo, ruivo, ruivo arroxado, roxo mais belo, arroxado, roxo-prata, roxo-cinza, avermelhado, roxo-ferrugem, roxo acastanhado, bôrra de vinho* - indicam pluralidade e singularidade. Na classificação geral de roxo encontramos nuances que conferem a cada tipo de capim uma especificidade e diferença: *ruivo arroxado é o provisório. O melôso é rôxo mais belo.*(B1, p.77)

O capim também aparece antropomorfizado - *Capim sereno: baixinho, raso, rôxo. Rôxo ferrugem, rôxo acastanhado.Macio na mão, parece um cabelo de pessoa.*(B2, p.38). O leitor imagina um sujeito com cabelos castanhos, curtinho, macios e sedosos. O vento pode ainda transformar o capim, que baila no ar, em pó, e volatizá-lo como gás. Nessa conversão o vento e o gás adquirem cor, verdejam - *O vento no capim - poeira verde, gás verde...*(B2,p.3)

Durante o período noturno a audição é a percepção dominante.⁷⁹ À medida que o dia vai clareando, a visão se destaca e os elementos do céu e da terra ganham destaque. A lua cheia navega no céu - *pronta a ir-de-* dando lugar aos coloridos das nuvens. Precisamente: *às 4hs 30' marca as nuvens cinzento-verde, leve. Hora em que as nuvens isoladas refletem os verdes do mundo. Depois, elas ficam azul e rosa.*(B1 p4). Após o amanhecer, plantações, pessoas, rios, morros e bichos readquirem forma, cor e ação. O tempo marcado pela luminosidade interfere na percepção da natureza, assunto da próxima seção.

4.3.2. O tempo da natureza

A observação dos ciclos cósmicos sempre atraiu o ser humano. A relação dos homens e das mulheres com a natureza torna-se extremamente íntima quando cada um consegue decodificar os signos naturais⁸⁰. A agricultura, a pecuária, a coleta, a caça e a pesca artesanal são algumas atividades que possibilitam um corpo a corpo com a natureza e uma leitura cotidiana dos fenômenos naturais. Para os Nuer (EVANS-PRITCHARD, 1978), povo que vive em estreito contato com o gado, o tempo se fundamenta numa abordagem ecológica e social. O tempo ecológico é marcado pelas transformações cíclicas da natureza e pelas relações dos seres vivos com o habitat. O tempo social representa as diversas atividades humanas sintonizadas com o tempo ecológico - hora de acordar, comer, trabalhar, descansar, festejar, dormir. Desta forma o ritmo social dos Nuer se entrelaça com o ritmo da natureza.

Para os vaqueiros de **Boiada** o tempo é semelhante ao do povo Nuer. O curso do sol serve como ponto de referência, indicação de acontecimentos e direção das atividades. Logo ao amanhecer as tarefas se iniciam (recolher o gado, comer, beber) cumprindo um

⁷⁹ Na primeira etapa da viagem, saída de trem do Rio de Janeiro para Belo Horizonte, o barulho do trem e as conversas das pessoas dominam. Guimarães Rosa registra: *"De noite: da minha cama, escutava na outra cabine, a conversa dos dois rapazes: o que fôra à Europa, no Andes, etc...O som do trem (seu de desleixo) forma uma linha quebrada (regular)"* (B1.p.4).

⁸⁰ CASA NOVA(1996:37) define essa capacidade do homem do campo sensível às forças da natureza como semiótica em primeira instância, ou seja, *"o processo de semiótica que se opera no sistema de comunicação homem-natureza: como a natureza informa e como o homem decodifica dentro de suas possibilidades."*

ritual de preparação para reiniciar a viagem. No caminho, a percepção do comportamento dos bois indica o momento de uma pequena parada para descanso. Com dia ainda claro, chega-se ao local de pouso previsto no roteiro, onde os animais e os vaqueiros comem, passam a noite e recuperam as forças perdidas.

Os acontecimentos em **Boiada** seguem uma ordem lógica natural. O cálculo e o controle do tempo se processam pelo aparecimento e pelo comportamento periódico de certos pássaros, pela floração de algumas espécies vegetais, pela sucessão de tarefas e relações mútuas com o gado. Entretanto, o tempo abstrato é marcado pelo relógio de Guimarães Rosa que toma nota diariamente da hora e dos minutos de saída e de chegada da boiada, das refeições, das pausas e dos fenômenos naturais, o que demonstra um interesse em determinar a precisão dos acontecimentos.

De acordo com CASA-NOVA(1996:28) *foi olhando o céu que o homem aprendeu a conhecer o tempo, a decifrar signos naturais. A natureza é um princípio de significação. Ela é o grande referente, o princípio de realidade que estrutura a produção e recorta significados.* A percepção rosiana está em harmonia com o movimento da Terra. Observando o céu dia após dia, Guimarães Rosa decifra os signos naturais através da cor, do som e do cheiro. A duração do dia e da noite, o avançar da aurora e do crepúsculo marcam o tempo da viagem e o tempo das mudanças. A madrugada vem chegando e as aves dão o sinal:

Anhambu. Ela dá até a madrugada. Madrugadinha pequena (umas 3 horas)(B1, p.20)...Mutum - no meio do mato, de madrugada, ele geme: hum...Uhhum... (B1,p.23)...Hoje, madrugada: curiango(B1, p.7)

A luz exerce uma influência enorme sobre os seres e está magistralmente registrada nas Notas. À medida que a luminosidade aumenta, várias ações acontecem e se sucedem simultaneamente. Os animais diurnos entram em cena e começam a ocupar o espaço e o tempo - vaca anda, pinhé grita, fogo-apagou canta, muitos pássaros aparecem na beira do

riacho. Esses signos naturais revelam a intensa movimentação que acompanha a anunciação do dia:

Canta um galo rouco. E a rola fogo-apagou...Évem lá voando, um papagaio... A vaca andando, com o pinhé nas costas. O pinhé volta. Grita como se o espremessem. Pousa noutra rês (B2, p.8)

Canta a fogo-apagou. Voa uma verdadeira. Voa muito alto. Vêio do capão, onde mora. 8 hs. Muitos pássaros na beira do riacho (na árvore). Três anís brancos, arrupitados, quentando sol, nos ramos da bolsa-de-pastor...Antes de 8hs 25': casal de pica-paus, voando. 8hs 25' duro-vai (pássaro). Pairam anís brancos, forte chilro; pairar e pousar exhibicionista; chilra e estala. É baio e preto. O anel preto no rabo. (B2, p.44, 45,46, 48)

Ainda no lusco-fusco, a coruja buraqueira procura abrigo, marcando sua presença/ausência com um típico canto - *krriú! Krriúy -kliklikli! (Krii!krii- kli kli kli kli kli! (erres rolados): é uma coruja batuqueira (E os bois mugem) (B2, p.72-73)*, e os bois parecem responder e celebrar essa passagem da noite para o dia.

A cantoria de pássaros desperta o sertão anunciando que é hora de se levantar, arrumar a tralha e reiniciar viagem. Uma profusão de sons toma conta do lugar e forma um coral, uma orquestra de canários, periquitos, fogo-apagou, pássaros-pretos, pomba-verdadeira, saracura, galo, papagaio, pinhé, anú, pica-pau, duro-vai, seriema, bem-te-vi, caracará. A atividade sonora é intensa:

Trinam canários...Canarinho é muito madrugador: papa-capim; pássaro-preto(B1,p.7)...8hs 10' - cantam periquitos e a fogo-apagou e os pássaros pretos...Um bando de pombas verdadeiras....Fogo apagou cantando alto. E os pássaros pretos: lúdiços, jograis...A fogo-apagou: seu canto parece longe, e ela está perto...Sempre os casais de periquitos. Suas sombras no chão. Seu descerrar

de verde fino (B1, p.11,12)... manhã cedo, canta é a saracura (nas veredas)(B1,p.19).Canta um galo rouco. E a rôla fogo-apagou...Evém lá voando, um papagaio... A vaca andando, com o pinhé nas costas. O pinhé volta. Grita como se o espremessem. Pousa noutra rês.(B2,p.8)

Canta a fogo-pagou....Voa uma verdadeira. Voa muito alto. Vêio da capão, onde mora.... 8hs. Muitos pássaros na beira do riacho (na árvore). Três anús brancos, arrupitados, quentando sol, nos ramos da bolsa-de-pastor. ... antes de 8hs 25': Casal de pica-paus, voando....8hs 25' duro-vai (pássaro). ...Pairam anús brancos, forte chilro; pairar e pousar exhibicionista; chilra e estala. É baio e preto. O anel preto no rabo.... (B2,45,46,48)

8hs. 15'... as seriemas cantam em fila, seriadas - de tecla em tecla.(B2, p.55)...Os passopretos: (m%); Que alegre é assim, que alegre é assim!...) Os morcegos! Um bem-te-vi canta agudista. O galo canta...O casal de caracarás voando manso - os bicos vermelhos. Os picapáus dão o alarme: Tché-Tché- Tchél! Tché-Tché-Tchél.(B2, p.58)

À medida que o sol avança para o zênite a maioria dos passarinhos vai se recolhendo, predominando poucos como a pomba, os periquitos, a maritaca, a jandáia e o sofrê que cortam o céu do cerrado:

11 hs. menos..., cantam as fogo-apagou (B1,p.8)...Sempre periquitos! Bando de periquitos que sobrevôou, sobre cruzou a bezerrada; baixaram o vôo, praticamente atravessaram o rebanhete!...(B1,p.41)...11hs entramos no cerrado bruto, cerrado fechado. maritaca papo-sujo, maritacão, jandáia.(B2,p. 50).. 12 hs menos 5'... um maritim-pescador. Voou e pousou alto. Canta a fogo-apagou....Um casal de maria-já-é-dia.(B2,p.50,51).“Sofrer” - amarelo e preto. Bando deles, nos burijis. 12hs 40' - Bandos de sofrês, nos buritis. Cantam! (B2, p.16)

O caminho do sol serve como guia e as horas passam e voam. A movimentação das aves retorna em intensa atividade ao entardecer, quando os raios solares lambuzam com tons dourados a paisagem sertaneja, para introduzir a noite. Luz e cor se sobressaem:

Voou uma pomba verdadeira, sobre nós. O sol a iluminou por baixo ... Sol-por. Passo pretos - um imenso bando - revoam como se fôssem borboletas negras (B2,p.6)...5 horas da tarde...vêm os periquitos...o bicudo... as grandes maracanãs na embaúba, enorme, e na mangueira, que o sol doira.(B2,p.19)

O crepúsculo anuncia um novo dia. A boca da noite se apresenta com outros seres e novos sons. É a hora da saracura, do socó, do nhambú, da coruja, da raposa, da mãe-da-lua. A falta de luminosidade diminui o poder da visão e a audição se estende para reconhecer e identificar cada som. Os ouvidos mostram seus olhos:

Ontem à noite: 2 ou 3 corujas, se raspando da estrada(B1, p.7)... Noite: O canto da saracura. O socó: cró-cró-cró. O belo pio do nhambú. a noite. A coruja. a raposinha. A noite. A raposinha.(B1, p.9).. Corujas, no meio da noite, pega os passopretos, empoleirados nos bambus ou nas mangueiras fechadas. Pega. Os outros dão alarme, no meio da noite. Os outros arrancam. E gritam: Chico! Chico! ... Mãe-da-lua: grita de noite: - Foi, foi, foi, foi! (B2, p.23)

A travessia acompanha esse ritmo da natureza. A trilha é sinalizada pelos passarinhos, iluminada pela luz do dia, perfumada e colorida pelas flores. O molejo do gado dá o compasso e a pisada dos animais imprime velocidade. Desta forma, a boiada atravessa os caminhos do sertão de Minas. Além dessa sintonia orquestrada com a natureza, as anotações revelam um tipo de saber do vaqueiro que vive em estreito contato com o meio e aprende informalmente a *decodificar os signos naturais* (CASA NOVA,1986:261).

MUSSOLINI(1980) demonstrou que o conhecimento sobre a natureza é muito comum em populações caiçaras que vivem isoladas e cuja sobrevivência depende exclusivamente do meio. Essa mesma intimidade e leitura se encontra também entre os pescadores artesanais, que segundo CUNHA (1990:173)

o ritmo de vida se pauta pelos movimentos próprios da natureza - das marés, das espécies e da atmosfera. É um ritmo que se funda, de um lado, na especificidade do ecossistema marinho que se apresenta cíclico, móvel e imprevisível; e de outro na atividade produtiva - a pesca - que se encontra entrelaçada com a passagem das espécies nas águas (com seu ciclo biológico e movimento migratório) regulando o tempo de trabalho.

O trabalho de pesca artesanal entrelaça na mesma rede pescadores, água, céu, terra, e permite tecer uma noção de espaço tridimensional. A dança do corpo do pescador cumpre um ritual do saber/fazer a arte da pesca. Assim como os pescadores e os caiçaras, aprender a ler os ciclos e ritmos do mundo natural é fundamental para os vaqueiros do Sertão de Minas, pois é através dessa leitura, que precede a leitura da palavra, que eles vão construindo e reconstruindo saberes, culturas e identidade. Guimarães Rosa registra parte desse saber ao anotar com precisão o período do dia ou do ano em que as aves aparecem. O tempo no sertão é medido naturalmente através de um calendário sertanejo, elaborado através de observações empíricas, entrelaçando os fenômenos naturais, a vida dos seres vivos e as atividades humanas:

2hs 20' - um casal de maria-brancas. É migradora. Desaparece de junho a setembro. Aparece na lavração das terras(B1, p.9)...Aqui a fogo-apagou (ela é pedrês) canta o dia inteiro(B1 p.14)...Nos meses de janeiro, fevereiro, março até abril, os pássaros vem dos gerais para o baixio: - desperdício da colheita do arroz, milho, etc. tudo o que a gente debulha. Maritaca, jandaia, passapreto, papagaio, periquito. De maio em diante, voltam todos para os gerais, por causa do capim canavieira, que dá na beira das veredas; agora, ele já está maduro.(B1, p.59)

É preciso vigiar o arrozal, quando ele está maduro (por causa dos pássaros). Durante um mês ou mais. Vigiar desde o dia clareando, o sol saindo, até lá pelas 9 horas. De 2 horas da tarde até às 5, outra vez vigiar. Se fôr arrozal grande, um só vigiador não dá. Corre, no meio do arrozal, com espingarda, bodoque. joga pedra com a mão. Os pássaros (periquito, maitacas, passopreto) - (o papagaio come é milho) - os pássaros fogem, e voltam, em gritos. (B1, p.60)... Vigia do arrozal: às 5 horas, os pássaros voam para o cerrado, para dormir (B1,p.63)...Maria-branca -(pintas brancas). Some de junho a setembro. Só volta quando se está lavrando terra - é que torna a aparecer (B1,p.75)

Essas Notas registram que a migração das aves determina o tempo e que há uma associação entre certos períodos do ano com o fator alimento. Assim o tempo é calculado por esse movimento que representa um dos elos de ligação na cadeia alimentar (agricultores/sementes/pássaros). Nos meses de janeiro, fevereiro, março e abril elas migram dos gerais para o baixio em busca de alimento (corresponde à colheita de arroz e milho) ; no mês de maio, retornam para os gerais para se alimentar de capim canavieira que está maduro; nos meses de junho a setembro desaparece a maria-branca que só retorna na lavração das terras, com o plantio de sementes.

Em **Boiada** duas estações marcam o calendário e controlam a vida sertaneja - o período seco e o período chuvoso. A observação da morfologia e do comportamento dos animais são sinais, signos naturais, que indicam as estações do ano. O canto das aves anuncia uma nova luminosidade (posição da Terra em relação so Sol) e o tempo de chuva; nova luminosidade e chuva anunciam a cantoria:

Tem um passarinho de vereda - (do tamanho de uma juriti, um pouco menor, mas de bico comprido. É pardo, apredrezado, com umas pintas) Chama-se ÁGUA-SÓ...Nas águas, quando está vesp'rando as águas ele canta muito e sai para fora,

até nos gerais; cantando então muito. Não canta de dia; de dia nem ninguém vê ele. Canta da boca da noite até à meia noite. Bonito ele não é.(B1, p.19)

O tesoureiro (pássaro) não tem o rabo (a tesoura) na sêca; só a readquire já quando estão vesprando as chuvas (B2, p.28)...Sinais de chuva: i) quando o tesoureiro (pássaro) aparece, é que vesprando chuva; ii) quando o sabiazinho (pardo) pequeno, menor que um João-de-barro canta muito (é pássaro da beira de córrego); iii) os sapos (B2, p.42)

Quase nenhum pássaro canta agora na seca...CODORNIZ: agosto, setembro, outubro (tempo ameaçando chuva). PERDIZ = setembro, outubro(B2, p.65)... O passarinho "cigarra". É do sertão. Só vem aqui (na Vargem, em Cordisburgo) nas águas, para reproduzir. Depois que os filhotes estão voando, voltam para o sertão. Costas pretas, ventre e papos claros, com uma lista branca na cabeça. Tamanho de um canário. Canta mais bonito que o pintassilgo.(B2,p.72) Curiango, na entrada das águas, gosta de cantar: .."Amanhã eu vou!"(B2, p.74)

Os sinais de chuva são percebidos através de observação atenta do comportamento de determinados pássaros canoros como o água-só, o sabiazinho, a codorniz, a perdiz, o curiango. Quando o tesoureiro readquire seu característico rabo na forma de tesoura, quando o passarinho cigarra aparece para reproduzir, quando os sapos começam a coaxar significa que as chuvas se aproximam. Esses signos naturais permitem ao vaqueiro fazer uma previsão de tempo. Um exame do comportamento das vacas também auxilia nessa tarefa:

Em setembro e outubro, o gado aqui está mais gordo que no Araçá (os fracos morrem logo).(B1, p.10)... Agora, as vacas estão com pouco leite, os pastos já estão muito ruins. Quando muito, umas pelas outras, o máximo que se pode tirar é um litro de cada). No tempo de costeiro (novembro, dezembro, janeiro, fevereiro) - nêsse tempo as vacas dão muito leite (dois litros aproximadamente),

os peitos ficam cheios, duros - aí elas ficam mais amorosas, aflitas. Nêsse tempo, também, elas ficam durante o dia, junto com os bezerros. Dai umas e outros seres mais amorosos, mugidores, etc. Agora, porém, de um lado e outro estão tranquilos. Podem até ser facilmente desmamados. (Explicação de Zito, quando perguntei - por que tão calmos?) .(B1, p.42)

Essas anotações permitem construir um calendário anual em que ficam registrados o tempo e os afazeres. São os animais, a vegetação, a chuva e a estiagem que indicam a estação e os meses do ano que determinam as atividades dos vaqueiros. Sinal de chuva significa a entrada no mês de agosto. Com a chegada das águas, o pasto fica bom para engordar o gado. No início de novembro o gado já apresenta-se gordo anunciando um novo período, de arrebanha para evitar dispersão, tarefa que se estende até fevereiro. O aparecimento de aves em busca de comida ocorre de janeiro a abril, época de debulha na plantação. O ritmo de vida do vaqueiro faz sintonia com o ciclo dos fenômenos naturais.

A leitura do volume de água dos rios e córregos representa também o período das estações. Quando o rio deixa de ser um fio, filete, e começa a “tomar água”, indica o início do período chuvoso, sinal de entrada no mês de outubro. Quando cheio, o calendário marca novembro e dezembro, meses de difíceis viagens. Desta forma, a quantidade de água que o rio “toma” é mais um signo natural, parte de um calendário:

As primeiras águas do rio... Em outubro, quando chove, ele toma água. Mas vai encher mesmo é em novembro ou dezembro...Neste tempo de frio: nunca há peixes).(B1, p.23)...Tempo de chuva: viagem fica empatorosa (Zito) .(B1, p.46)... Nove(9)horas menos um quarto (-15): uma das cabeceiras do Bicudo...Leito do corguinho (cabeceira do Bicudo) - pilha de lajes. e os pocinhos se unindo por débil, alvo filete: até parece "cortado".(B2, p.47)

O tempo é medido ainda pelas fases da lua, pelo nascer e pôr-do-sol, pelo amanhecer e o anoitecer. No céu navegam as nuvens, as estrelas, o sol e a lua, que ganham um colorido

especial a cada dia. Durante a permanência na Sirga, Guimarães acompanha o movimento do satélite natural da Terra:

Esta madrugada, deitado, via a lua, já baixa, lua cheia, pronta a ir-se. (Lado meu era o poente). Poente da lua cheia (ainda alto, eclipsado). Depois às 4hs 30', as nuvens cinzento-verde, leve. Hora em que as nuvens (isoladas) refletem os verdes do mundo. Depois, elas ficam azul e rosa).(B1, p.4)

Levantamos às 4hs.30'. lua alta, ao poente. Até às 5hs.30' - lua alta (clara, já minguada, só os 2/3 superiores. Ao nascente surgem as barras do dia. Algumas estrelas. Galos cantam.- A lua está bem em cima do Escorpião(Antonio).(B1, p.7)...8hs.menos 10'. A lua no poente, alta e branca no céu azul.(B1, p.10)

9hs.10'. Calor. Sol. Céu puro azul: só há nuvens, poucas, nas barras do oriente. No poente, alta em seu lugar, no azulíssimo céu, a lua: uma metade, com o corte reto (oblíquo de cima para baixo) para baixo, por baixo. Só aquilo branco, pálido.(B1, p.46)

A lua cheia de 10 de maio de 1952 brinda Guimarães Rosa quando ele chega à Fazenda da Sirga. No dia 14 de maio a lua se encontra na fase minguante, *só os 2/3 superiores* e dois dias depois *uma metade*. As fases da lua fazem parte do calendário lunar e revelam movimento pela posição - baixa/alta (em escorpião) e pelas fases - cheia/minguante. A cor aponta o tempo no *branco pálido* lunar, nas nuvens *cinzento-verde, azul e rosa* e no céu *puro azul*. Nesse tempo, as nuvens ganham ainda tamanho (*isoladas*), quantidade (*poucas*) e volume (*leves*), como se o autor pudesse tocá-las.

A leitura do céu se faz diariamente em **Boiada**. O curso do sol serve, para os vaqueiros, como referencial de localização, de acontecimentos, de atividades. Guimarães Rosa destaca no relógio do sol as variações de cores ao longo do dia com realce para a aurora:

Avista-se a Serra dos Gerais, É muito céu! Doce céu, com laivos italianos (florentinos). A serra se deita para o Norte.(B1, p.15 -Sirga)... Clareou o dia às 5 horas. São 6hs e 20', e o sol ainda não desponta. Mas dia já claro. Lindo, no poente, o "barrado" côr-de-rosa ("reflexo vermelhado" que dá nessas distâncias"). Vê-se o São Francisco, com dois grandes pedaços. Cobre-o fumaça, que reflete o "barrado" - também rósea...Pouco depois das 7hs30' sai o sol sobre a serra. Longe, a oeste, doiram-se os campos. Vejo todo o céu. Não há nuvem em parte alguma.(B2, p.8 - amanhecer na Tolda)

Manhã nublada...Dia nublado. Ameaça chuva. Chuviscou um pouquinho.(B2, p.26 e 27 - Fazenda Santa Catarina)...Céu azul, mas já o azul comum - com apenas penugens tênues de nuvens, esgarçadas.(B2, p.33 - Catatau)

Às 6 horas da manhã. Claridade da madrugada. O sol ainda não saiu. Está clareando agora, resumindo -"romper da aurora". Perto de nós, o grosso, enorme rolo reto, de bruma branca. (fumaça) desce da bocaina pela baixada. Sobre ele o outeiro, que marca o nascente. Grandes nuvens alaranjadas, que, à certa hora, se mudam em azuis - mas sobre elas o céu se torna de difusos laivos côr de rosa, extensos. São agora riscos, grossos, imensos, irradiados = aumento dos raios do sol (parecem uma). Maioria a claridade, A bruma sobre o melôso. Aruvalho (orvalho) pesa, pesa na ponta da folha..."Um aruvalho nojento"...O sol saindo (subindo) nossas sombras ficando grandes (engrandecendo). (B2, p.73 e 74 - Taboquinha)

A descrição do céu é digna de Nota em todo o roteiro. Cada amanhecer é único. Os dias se sucedem com/sem sol, claro/nublado, sol/chuva/, com/sem nuvens, com/sem bruma, com/sem orvalho, o que revela uma natureza dinâmica em que os contrários garantem um equilíbrio. Novamente a cor é fundamental na caracterização do dia e acompanha a sucessão dos fenômenos observáveis. A bruma *branca* desce e surgem as nuvens *alaranjadas*, depois as *azuis*, o céu *côr-de-rosa*. Ao entardecer a vida renasce em outras

cores e sons, os animais e os vaqueiros celebram a passagem do dia para a noite com seus rituais:

5hs.5' - A leste. o cerrado, batido de sol; vai diminuindo a parte ensolada - amarela bela.(B1, p.17)...Crepúsculo de lindo céu. Canto sertanejo, abóio fino, e os bois descendo a encosta, no meio de uma nuvem de poeira. Os morcégos, rodopeiam.(B1, p.50)

...Sol-pôr. Passopretos - um imenso bando -revoam como se fossem borboletas negras... 6hs.5' - Crepúsculo. Lá, poente, sobre o São Francisco e além, onde o sol se pôs: cor maravilhosa - um alaranjado ou cobre, que nunca vi antes. É incrível, parece que aquilo permaneça. Entre longas nuvens horizontais, escuras. É como se uma coisa nova tivesse sido captada, e exibida. Acima, um suave azul, onde se esgarçam nuvens trevosas.(B2, p.6-7)

A Fazenda Santa Catarina fica perto (junto do) céu - céu de azul pintural - de Pisa ou Siena - com nuvens que não se removem(B2,p.16)... A beleza do céu. 5 horas da tarde: nuvens extensas, enormes, estranhamente suspensas, de diferentes pinturas: geleiras alpinas, e Monte Branco, icebergs - escarpasnelas, banquisço, outras de azul, porcelana, de Copenhague; outras, acima, quase tórvas, tempestuosas, fingidas. Delas é que vêm os periquitos! Entre todas, aquele suave céu toscano, e indiferente ao passar das horas.(B2, p.19)

Lá, onde, brancas, como dunas, de sal entre as árvores do horizonte, as nuvens saem (sobem) da terra. Magem, aqui. E há, mais altas, nuvens azuis - de frio - e brancas, cosidas de sol, com ninhos de sol. Mas o pasto já perdeu a iluminação de seu chão...Crepúsculo cor de cobre. Beleza de céu e nuvens. Altura! (B2, p.32)

6 horas menos 10'. No puro, fino, azul do céu, nuvens alaranjadas, doces, discretas. No nascente e no poente. De todos os lados. Só num ponto é que há nuvens azuis, de friura. (B2, p.58)

O batido de sol, o aboio fino, a descida dos bois pela encosta, a revoada de pássaros e de morcegos fazem parte do ritual de anunciação. No crepúsculo, a *beleza de céu e nuvens* multicores são um convite para outras viagens de Guimarães Rosa: abóbada celeste é de um *azul pintural, suave de Pisa ou Siena*. O tamanho das nuvens - *enormes, extensas* - associado a cor sugere formas como *geleiras, icebergs - escarpasnelas, banquisço*. As cores das nuvens transformam-se em signos: frágeis: *azul, porcelana de Copenhague*; violentas: *quase tórvas, tempestuosas, fingidas*; discretas: *nuvens alaranjadas, doces, discretas*; frias: *nuvens azuis, de friura*; quentes: *brancas, como dunas, de sal ou cosidas de sol, com ninhos de sol*. Novas imagens são formadas quando, já sem avistar as nuvens, a noite cobre com *bréu* o dia e surge um *céu rugoso de estrelas*:

À noite. Escuros estrêlas. O cone-negro - teto de rancho de buriti (inclinado, bem, para as água correrem). As árvores, escuras, estrêlas entre os ramos. O cincêro de um boi de carro badaleja. Os gados. (B1, p.34 - Sirga)

Silhuetas negras (à noite): as cêrcas dos currais, a massa (pirâmide) cônica da cobertura dos bezerros; as árvores; cagaiteira no meio do eirado, a gameleira do pátio. Atrás (à esquerda diço) - a encosta da serra. Sôbre isso, um céu todo igual - o liso do céu, cheio de estrêlas: muitas e pequenas estrêlas sertanejas. Depois, acolá, todo o campo é bréu...m%: o violão tem mil dedos. Fez-se o violão para nós gemer...M%: o arrepio negro das árvores...o mundo entre as estrelas e os grilos...o vermelhim de um cigarro, na escuridão...Lamparina pendurada no umbral da porta - - Eu não tenho assunto de cantar sem tocar... (os dançarinos de lundú). M%: o céu rugoso de estrêlas. (B1, p.63-64 - Sirga)

O tempo da natureza se entrelaça com as cores e os sons da natureza. Esses trechos de **Boiada** descrevem o período noturno pontuado por sons de cincerros, de gemidos de violão e de grilos. A capacidade visual se reduz e a visão se limita a algumas silhuetas negras, focos de luz como o *vermelhim de um cigarro*, a lamparina acesa e as estrelas no liso do céu. Guimarães Rosa, ao descrever a noite tal como é percebida, humaniza o violão - *tem mil dedos*, destaca o aspecto sensitivo das árvores - *o arrepio negro*, dá elasticidade ao céu *liso/rugoso*⁸¹.

A aurora e o crepúsculo fazem parte do ciclo da vida, de um movimento maior da Terra de rotação e de translação. Todos os dias esses dois fenômenos se repetem diferentemente⁸². Ambos significam que a natureza não está pronta (*natura naturata*), está em processo contínuo de renovação (*natura naturans*). Em cada anoitecer nascerá um dia que se põe. Desta forma, o tempo adquire a forma de uma espiral que não se repete. As transformações cíclicas da natureza atuam nos seres vivos, fazendo-os evoluir constantemente.

O tempo também é acompanhado pelas modificações morfológicas e fisiológicas do gado. Depois de uma jornada de sete dias, os bois começam a emagrecer e demonstram cansaço, facilmente percebido pelo comportamento dos animais. Na saída da boiada, Guimarães Rosa escreve que: *o gado sobe a encosta. Alegres. Encaracolam as caudas. Maravilha.* (B2,p.2). Com o passar dos dias, ele registra:

⁸¹ O sinal convencional para designar criação de Guimarães Rosa - meu cem por cento (m%) - consta três vezes nessas Notas.

⁸² A aurora e o crepúsculo atraem e deslumbram as pessoas em geral. LÉVI-STRAUSS(1986:57) reproduz em "Tristes Trópicos" uma parte de seu diário em que discorre sobre esses fenômenos:

"A face do Sol anuncia os momentos que se vão seguir. lívia e sombria se as primeiras horas da manhã vão ser chuvosas, rosada, ligeira, espumosa quando vai reinar uma claridade luminosa. Mas a aurora nada deixa prever do resto do dia. Ela apenas inicia a ação meteorológica e diz: vai chover, vai estar bom tempo. Com o pôr do Sol, é diferente: trata-se duma representação completa com começo, meio e fim. E esse espetáculo oferece uma espécie de imagem reduzida dos combates, dos triunfos e das derrotas que se desenrolaram durante doze horas, de forma palpável mas também muito lentamente. A alvorada é apenas o começo do dia; o crepúsculo é uma sua repetição."

O gado vai emagrecendo, a boiada vai parecendo menor (a vista fica mais ruim) (B2, p.27)...No começo da viagem o gado encaracolava o rabo, airando-o. A seguir, vai ficando esmorecido(B2, p.31)...Logo que soltaram o gado eles logo se deitaram, pois o cansaço era maior que a fome. Ontem não foi assim, nem nos dias anteriores: então preferiram comer...O gado viajado agora de noite vai pastar(B2,p.58).

Saida às 8 hs. Contagem! (No contar, acena, repetidamente, indicando um a um, com a folha) Hoje, uns mancam (aftosa ou estropiação?) Cansado, com os cascos sofridos, o gado vai tomando também um andar de bailado, pondo (aplicando) os pés no chão, com cuidado, ponta dos pés(B2, p.67)

Novamente aparecem as analogias - *o gado vai tomando um andar de bailado*. Os opostos se encontram: um ruminante, pesadão, anda delicadamente na ponta dos pés. Os bois são bailarinos e a boiada é um corpo de baile que dança e rebola no coleio de serras.

Em **Boiada** há menção ainda ao tempo passado, que se manifesta através de lembranças que permitem outras viagens pela memória e pela imaginação. Geralmente essa incursão interior tem como fio condutor o olfato, o tato e a visão:

*mamãe: travesseiro com macela: cheiro suave. Travesseiro e colchão para meninos pequenos recheio de perpétuas (flor), seca: a roxa e a branca (macio)
Papai: a simpatia contra os carrapatos: ramo de alecrim, na cintura. Contra os carrapatinhos (micuins). (B1 p.5)*

O tempo da natureza fica registrado em instantâneos que demonstram o dinamismo dos ciclos vitais e essa percepção fica evidente na fala de Manuelzão - *A gente na estrada não acostuma com as coisas...Não dá tempo...(B2, p.65)*. A lida do vaqueiro com o gado absorve grande parte da jornada do dia, ocupando olhares e "distraindo" olhares. Não dá tempo para se acostumar, mas dá tempo para aprender. A seção seguinte discorre sobre a

ordenação da natureza, uma maneira de sistematizar o saber aprendido através das vivências.

4.3.3. A ordenação da natureza

As características dos animais e dos vegetais descritas em **Boiada** demonstram o interesse de Guimarães Rosa em conhecer com precisão e detalhes o sertão. O trabalho cria laços estreitos entre vaqueiros, cavalos e bois, de tal forma que não há predomínio de uma espécie sobre a outra, havendo, sim, uma interação e convivência corporal. Essa convivência diária possibilita aos vaqueiros um aprendizado que se manifesta continuamente nas falas e pode ser sistematizada em categorias.

Uma maneira de perceber a interação entre o vaqueiro e o boi é através do ritmo da travessia. A sabedoria dos vaqueiros, aprendida na lida, se traduz na capacidade de ler o comportamento dos bois e medir a marcha diária sem levar os animais à exaustão. Na verdade *esse rem-rém*, definido muito bem por Guimarães Rosa como *o passo de acompanhar a boiada* (B2,p.43), sintoniza o passo do vaqueiro com o passo do boi. A boiada marca o ritmo do trabalho do vaqueiro. Se forçar, o gado empaca - *Se tocar depressa, pisa o burro (do cargueiro)*(B2,p.11)...*Eu subo serra é devagarinho (devargazinho) naquele rojão devagar...Se outro pegar e tirar fora do rojão dêles, eles não sobem.* (B1, p.13)

A noção de pressa não tem lugar na vida animal. Compete aos vaqueiros ler o cansaço do gado e vigiar as variações de humor. LÉVI-STRAUSS (1986:261) chega a afirmar que *os boiadeiros estão, portanto, às ordens dos seus animais*. Em expedição à Cuiabá, em 1938, esse antropólogo aprendeu que o boi não previne se está cansado ou se o carregamento é pesado demais: continua a avançar e depois, de repente, vai-se abaixo, morto ou extenuado, a tal ponto que serão precisos seis meses de descanso para que ele se refaça.

O descanso dos animais é fundamental. Guimarães Rosa observa e anota o comportamento “sagrado” dos animais antes de se deitarem para repousarem - *O gado faz uma cruz no chão, para deitar em cima: risca com uma pata, anda à roda, risca outra vez, fazendo a cruz, e se deita por cima. Todos! Até os bezerrinhos! Já o cavalo, esse não dorme! À meia-noite, e meio-dia, de pé, cochila alguns minutos.* (B2,p.21)

Os vaqueiros devem manter a boiada dentro de uma ordem necessária para uma travessia tranquila, evitando acidentes, estouros e fugas. A composição dos carros de boi é fundamental e obedece a um critério de classificação - *Cabeceira = os melhores; Meio = os regulares; Fundo = os piores.* (B2,p.15) Os animais determinam o ritmo da marcha e desta forma controlam os homens. Não adianta forçar e impor velocidade pois o gado teimosamente empaca ou cai extenuado. Os vaqueiros e os bois devem estar sintonizados, mas pode haver o risco de um estouro de boiada, exemplo suficiente para demonstrar que nem sempre a harmonia reina. Guimarães Rosa escreve histórias de estouros contadas pelos vaqueiros: *“É feio! É triste!” Dentro de Sete Lagoas, Zito de contra-guia. Um caminhão buzinou. O gado parou. Fez redemoinho. Não pode cercar. Tem é que dar estrada. Rebentou até arame.* (B1, p.28)

Nessa Nota, é interessante observar que o contador qualifica o estouro como algo feio e triste, em oposição ao bonito e alegre da saída da boiada; a presença de um redemoinho sugere um demo incorporado no animal que fica sem controle, em oposição à docilidade. O relato de uma outra faceta do animal (sem controle) qualifica-o como selvagem, além de doméstico, o que garante uma visão mais real ao boi. O lado feroz associado à figura do diabo aparece mais uma vez no comportamento de *4 novilhas bravas: isto é diabo puro!* (B1,p.7).

A representação do boi está sempre próxima daquilo que o animal de fato é. Ele se assusta: *Os bois de um carro (2 juntas) que se assustaram e arrastaram o carro para o mato* (B1.p.2), coça: *A vaca coça sua testa, seu pescoço, num mourão, adoece: há vacas com bicheiras no vaso (vulva), tem defeitos físicos: Bezerro anão - (Chico): para mamar,*

tenham de levantar-lhe as pernas, para alcançar as tétas, pisoteiam - Estamos no terreiro (eirado) da fazenda. Limpo de vegetação, porque o gado faz malhador. Seu pisoteio impede-a (vegetação)(B1,p.11)...*O gado no pasto mais estraga de pisar que de comer* (B2,p.23).

O vaqueiro, pela própria especificidade do trabalho, estabelece uma relação de constância com o mundo natural. Ao montar, ele cria uma intimidade com o animal diferente de qualquer outra atividade profissional. Além de domar, domesticar, tratar, manipular com laços, cabrestos, ele está sobre o animal. O contato corpo/corpo entre cavalo e cavaleiro permite vivenciar as mesmas situações simultaneamente - vento, chuva, sol, locais acidentados ou tranquilos. Gradativamente os dois vão assimilando o cheiro um do outro - o vaqueiro cheira a boi e o cavalo cheira a capim - *(Zito); o cavalo ou boi, fica cheiroso, cheiro gostoso, é quando fica pastando no melôso.*(B1, p. 49)

A relação animal/pessoa se estabelece passo a passo distintamente: domesticação do animal, preparativos para montaria (arreios, selas cabrestos, pelêgo), montaria, cavalgar (o trote, o galope), apiar do animal, retirada da cangalha, afago, conversa, alimentação e descanso. Durante a montaria há uma maior intimidade entre animal/pessoa ocorrendo uma fusão de imagens. O vaqueiro montado no cavalo adquire nova forma e postura, compondo uma outra criatura. O resultado dessa composição é um ser híbrido - meio homem e meio equino. O conjunto sugere um ser imaginário formado *de um só couro*⁸³ que adquire fisionomias diferentes dependendo do ângulo em que se olha - cara de gente e perna de cavalo, cara de gente e traseiro de cavalo, duas caras gente/cavalo. Uma das quadrinhas transcritas em **Boiada** traduz essa combinação:

*Meu cavalo é minhas pernas,
meu arreio é meu assento,
meu capote é minha cama,
meu dinheiro é meu sustento.* (B1, p.45)

⁸³ "De um só couro são as rédeas, os homens, as bardas, as roupas e os animais - como num epigrama" - Pé-duro. Chapéu-de-couro. GUMARÃES ROSA (1985:135).

A lida do vaqueiro cria uma identidade entre cavalo/pessoa/boi e todos se igualam como quadrúpedes num determinado espaço e tempo. O boiadeiro traveste em boi/cavalo e o boi/cavalo traveste em vaqueiro, conversam e se entendem através de aboios e assim aprendem um com o outro. A antropomorfização do animal e animalização do homem equalizam ambos, que se transformam metonimicamente:

O bezerrinho cinzento felpudo - visto de trás vai como um meninozinho de capuz (B2,p.2)...Hoje o caminho era melhor, e o gado estava com mais coragem”(Zito)(B2,p.20)...Boi de carro ou vaca: tem ódio a pessoas, mesmo imotivado.(B2,p.23)... Sete burros em volta do rancho, olhando-nos, escutando as conversas...Gado “sentido”(B2,p.27)“Hoje em dia, até o gado está mais educado, ultimamente”... “O bravo olha pr'a gente com cara ruim. Depois “murcha” na gente... (Sebastião).(B2,p.31)

Os vaqueiros vêem os bois como semelhantes e conferem a eles características humanas: o bezerro parece um menino, o burro escuta conversa, o gado manifesta sentimento de coragem, de ódio, de raiva, de ignorância. O ser humano se olha no espelho. Qual a diferença entre esses dois sujeitos? O que distingue um ser humano de um animal?

- Boi toma amor?- Não - Por que? - Bicho é ignorante. Bicho dorme no sereno. (B1, p.13)...Gasosa, Medalha e Curica - foram as vacas trocadas daqui. Gasosa se separa do filho - coitadinho - que vai ficar, ele está preso no curral desmamado! Gasosa “falha” dois anos sem parir; por isso é vendida para boiada (B2,p.27)

Nesse depoimento, o vaqueiro elege o amor como um sentimento que distingue os humanos dos animais. A incapacidade de sentir amor se deve à ignorância, é o vaqueiro que sente pena (que pegou amor) do bezerrinho de Gasosa, preso no curral e separado da mãe. Ao mesmo tempo, o ato de dormir no sereno também está presente na lida dos

vaqueiros que descansam da jornada ao relento, mas eles “tomam amor”. Reportando às citações anteriores, os bois se apresentam com sentimentos, o que significa que podem ser considerados ora como sujeitos/humanos, ora como objetos/animais. A diferença se estabelece, então, numa relação social. A vaca-objeto pode ser vendida quando se torna inútil - falha de parir. Em outra situação, o vaqueiro reconhece que as vacas criam amor pelos filhotes e conta como acontece essa relação amorosa:

o bezerro se suja de estrume, a vaca não lambe, e por isso não lhe cria amor. Vacas enjeitam o bezerro. Às vezes, lavando o bezerro com água - com-sal, ela o vem ainda a aceitar. Vaca que enjeita; dá coices no bezerro. Há vacas que sempre enjeitam seus bezerros. (B2, p.63)

Durante a travessia, a comitiva enfrenta um corpo a corpo com a natureza, em que os sentidos estão em estado constante de alerta. O fluxo dessa experiência direta e constante possibilita um aprendizado aos vaqueiros (inclui Guimarães Rosa), que vai sendo organizado em categorias que ordenam e classificam o mundo natural. As anotações sobre o gado predominam e descrevem berros e aboios, cores, chifres, rastros, nomes. As aves merecem destaque e várias espécies de passarinhos estão registradas, a maioria pela cor e pelo canto. Entre os insetos, os mais citados são as abelhas, os marimbondos e as borboletas, e em menor proporção os cupins, cigarras, grilos, bezouros, libélula, vagalume e formigas. A **Boiada** traz muitos dados de plantas, particularmente de flores, mas essa seção privilegia aquelas de alguma utilidade prática.

Para organização e análise dessas Notas, apenas quatro animais foram escolhidos: boi, abelha, marimbondo e gavião. A escolha do boi é óbvia, as notas correspondem à travessia de uma boiada; a seleção das abelhas e dos marimbondos se deve à existência de uma sistematização prévia do autor e o gavião por ser uma ave representativa do sertão e do cerrado de Minas. As plantas relacionadas estão apenas classificadas de acordo com a utilidade, sem a preocupação de nomeá-las e classificá-las cientificamente.

4.3.3.1. Os bois

a. *Boi fala o tempo todo*⁸⁴

Uns mugem com o corpo inteiro (B2,p.16)

Os vaqueiros conversam com os bois, dão ordens, orientam o passo, chamam carinhosamente pelo nome. O diálogo se estabelece através do aboio que é um *vibrado, ondeado, lenga-longo bubúlcito, entremeando-se de repentinos chamados de garganta, que falam ao bovino com interjeição direta, ou espiralando em falsete, com plangência mourisca, melismas recorrentes e sentido totêmico de invocação*⁸⁵. Os aboios registrados em **Boiada** sugerem sempre um chamado animado, alegre, com um ritmo entoado de acordo com o objetivo a ser atingido. Um canto aos bois sem monotonia e tristeza⁸⁶, que exige do vaqueiro experiência e conhecimento do animal -*Raymundo - abôia tapando o ouvido esquerdo com a mão esquerda.* (B1, p.43)⁸⁷

A proximidade homem-animal proporciona um conhecimento capaz de criar e identificar sinais que ajudam a estabelecer uma relação de cumplicidade, onde cada um entende o que o outro quer e deseja. Os sons, as imagens e os cheiros são sinais que fazem parte de um típico sistema de comunicação entre o vaqueiro e o boi.

A **linguagem dos sons** se apresenta em duas formas, que podem ser classificadas como de cumplicidade e de identificação. Os sons de cumplicidade significam que os vaqueiros e os bois conversam e se entendem através dos aboios. Para cada ação um tipo de aboio: para chamar o animal o vaqueiro diz: *Vem cá!.....Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!* - *Vem cá.*

⁸⁴ GUIMARÃES ROSA (1991:303).

⁸⁵ Definição de aboio dada por GUIMARÃES ROSA (1985:133).

⁸⁶ FERREIRA(1986:11) define o **Aboio** como uma *"melopéia plangente e monótona com que os vaqueiros guiam as boiadas ou chamam os bois dispersos; aboiado. Aboiar. 1. cantar aos bois 2. guiar uma boiada com canto monotono e triste 3. trabalhar com bois."*

⁸⁷ Guimarães Rosa descreve com detalhes a maneira de como o vaqueiro aboia - *"Vi o aboiador, mão a boca, em concha, sustenir um toado troco, quase de jodel montano; ou tapando um ouvido, para que a própria voz se faça coisa íntima e estremecente, e o aboiado seu, as notas do aboio, trado, estradamente artístico, tal que veio do tom da buzina, do berrante de corno, sua vez criado copiando o mugido boiun."*(GUIMARÃES ROSA, 1985:133)

(Raymundo Bindóia falando às vacas). (B1, p.33); para apartar o animal: *Raimundo com a vara. Chico fazendo um molinete com o pau. Todos gritam: Eh boi! Eh boi! Eh boi! Eh boi!* (B1, p.53); para carrear boi, Guimarães Rosa registra um sistema do sertão de autoria de Francisco Mariano de Campos (Chico), carreiro desde menino. (B1 p.12):

CARREAR ("Sistema do sertão")

- Vamos! (para andar)

- Muda! (para andar)

- Carrega! (Vai para longe da gente)

- Entra! (Vem do lado da gente)

- Oah! (os bois do cabeçalho, então assentam aí, e não rompem).

- Carrega!, Relógio... (para eles recortarem o carro dos ramos, dos buracos, etc)

- Entra, Sicrano! (B1 p12 e 13)

Essas expressões são usadas pelos vaqueiros para se comunicar com os bois, geralmente dar ordens (andar, afastar, aproximar, assentar, ir devagar, entrar). O boi também tem seus gemidos, mugidos e berros, e nas Notas há destaque para "Os berros dos bois":

Zebús: berro grosso, empinado, berra com preguiça (desde bezerro novo). Para briga: bufo em U: - Buuugh!. Para curral - Bããh (espicha o berro). Brigas - ficam ali tomados, duas, três horas. Fungam ali agarrados. Descansam, cabeças perto. Só fazem barulho com os pés, nos ramos, etc. (B2, p.25)

Cada berro corresponde a um determinado comportamento no animal que é percebido e entendido pelos vaqueiros. Além desses códigos Guimarães Rosa registra: *Boiada: na estrada Rês que se acostuma com o berrante, vai sempre perto do tocador de berrante; e geme, quando ele para de tocar. (B1, p.79)...Rês que, no pasto, de manhã, quando se vai buscar o gado, e toca o berrante, ela responde, com mugidos!(B1 p.80)...Os berros de bois se respondem. (B2,p.9)*

Os sons de identificação são aqueles sons emitidos por algum artifício utilizado para localizar e controlar o animal - *Boi com cincêrro no pescoço, é peta, pelejar pra esconder, não é ?* (B1, p. 34). O badalo do sino pendente do pescoço do boi serve de guia para os vaqueiros e para os outros animais.

A **linguagem das imagens** resulta de uma leitura do comportamento e temperamento dos animais em diversas situações. Determinados movimentos e certas partes do corpo do gado indicam o estado de humor. As tetas, as orelhas, as caretas, o jeito de pisar formam palavras que o vaqueiro consegue ler com facilidade. Por exemplo, há uma associação entre a amorosidade das vacas com as tetas cheias de leite - *os peitos ficam cheios, duros - aí elas ficam mais amorosas, aflitas. Nesse tempo, também, elas ficam durante o dia junto com os bezeros. Daí umas e outros seres mais amorosos, mugidores, etc.*(B1,p.42) O aumento de tamanho dos úberes também indica aproximação do parto - *Sinal de amôjo: Amojando: o “ vaso ” abaixa e as tetas começam a engrossar.* (B2,p.28)

A posição das orelhas indica diferentes atitudes que podem ser decifradas:

no comum: orelhas caídas

para frente: interesse ou para bater

para trás: atenção.

Quando escutam uma coisa, mas não estão enxergando: ficam trocando as orelhas (uma paratrás, depois a outra); quando ouvem um pássaro, por exemplo. ("Pra poder assuntar..."). (B1 p.44)

Elas demonstram também outros sinais como a presença de animais hematófagos que deixam seus “recados” coloridos - *Garrote preto: com o nó-alto-do-rabo, um ferido, escoriado: com duas framboesas (côr de): “ bicho que chupa de noite ” - morcego (“Murucêgo”). (O ferido é “ na ponta da rabada ”) ali e na orêlha é onde eles mais gostam de chupar.* (B2,p.28)

O comportamento de irritação do gado é identificado de três maneiras: jeitão de caminhar (pisar), consistência das fezes e a frequência da urinação:

A vaca do Bahiano está pisando miúdo assim., (Ela está querendo bater). Este bezerro bate atôa, este branquinho. (B1 p.54)

QUANDO VEM PARA BATER;

Fica de lá, armada (muda toda)

Risca com uma pata, pra banda; risca com a outra. - Então, tá na hora mesmo. Até o caminhado é diferente, da criação que está enfezada: (irritada) = o passo fica pequeno (curto). Rapa terra pra trás.

Bovino irritado: fica estrumando mole, suja todo, o rabo, as pernas por trás. Urinando aos bocadinhos, aos bocadinhos, quase sem parar. -Toda breada de estrume... Aquela está na hora de tirar veneno!...(B1 p.44).

A **Linguagem dos cheiros** corresponde à fase de reconhecimento. A vaca cheira o filhote antes de amamentá-lo, cheira o vaqueiro antes dele tirar o leite -...*Tem vaca que, quando a gente vai arriar o bezerro, ela primeiro cheira bem a gente, tudo (para reconhecer) o vaqueiro amigo. Enquanto não cheira, não deixa arriar. (B2 p.20)* A careta é um sinal indicativo que o animal está cheirando alguma coisa - *o garrote, ou a vaca: faz careta para perceber melhor algum cheiro.(B1,p. 20)*

b. cores

A rês (de bezerro a boi) muda muito. Muda de cor e de fisionomia. (B1, p.55)

A cor e a fisionomia dos seres vivos vão mudando com o passar do tempo e da idade. A incidência dos raios solares ao longo do dia imprime formas e tons. Além da variabilidade de moldes e cores, há um jogo de luz e sombra que reforça ou diminui os traços e os

tamanhos da coisa observada em si. A possibilidade de combinação de cores e luzes é enorme e a capacidade de ver varia de ser para ser.

Guimarães Rosa relaciona dezessete tons básicos para definir as cores dos bois, que subdividem-se em outras tonalidades: *branco*, *preto* (*preto estrelo*), *fumaço* (*claro e escuro*), *baetão* (*pintado de preto no cinzento*), *jaguanés*, *baio*, *pigarço*, *cirigado*, *azulego*, *borralho* (*amarelo, preto e roxo*), *raposo*, *castanho "coração"*, *careta*, *javanês castanho*, *queimado*, *pintado* (*roxo, raposo, laranja e cinto*), *amarelo manchado*. Na tentativa de classificar a cor da pelagem dos bois, dezessete tons foram agrupados em oito categorias metafóricas:

1. **Metal:** *baio* representa a cor do ouro desmaiado
2. **Animal:** *raposo* associada à cor da pelagem da raposa
3. **Corporal:** *castanho coração* relacionada ao coração; *careta* um boi vermelho ou preto da cara branca
4. **Astronômica:** *preto estrelo*, corresponde ao céu escuro e estrelado
5. **Vestuário:** *baetão* é lã, cobertor de lã
6. **Vegetal:** *borralho* um animal com pêlo cinzento; *pigarço* um boi grisalho, borra de madeira queimada (cinza).
7. **Fogo:** *fumaça* uma pelagem vermelha, tirante a preto que lembra as labaredas do fogo; *queimado* semelhante ao tostado ou grelhado bem passado
8. **Misturado:** agrupamento de categorias já existentes, em que o animal apresenta mais de uma cor dominante: *jaguanés* (fio do lombo e a barriga brancos, e o lado das costelas preto ou vermelho); *cirigado* um gado pintado ou pontoado; *azulego* com pelo escuro entremeado de pintas miudinhas, brancas e pretas; *pintado* com pintas de cores variadas: roxa, laranja, cinto.

Como a percepção da cor é sinestésica, ela evoca a imagem de objetos e de seres vivos. Guimarães Rosa usa e abusa desse recurso, recorrendo mais às analogias do que aos tons convencionais. Desta forma, um *boi preto estrelo* sugere uma pelagem escura com

pintinhas, como se estivesse coberto pelo manto do céu coalhado de estrelas; um *baetão* lembra um cobertor de lã para se aconhegar nas noites frias de inverno. Poeticamente, o boi transfigura-se em mito e traz um pedaço de céu, um cobertor de lã, uma pedra de ouro, um monte de cinza, uma tocha de fogo, um pedaço do mundo com todas as cores misturadas.

c. chifres

Guimarães Rosa apresenta uma relação de nove tipos de chifres - turquezada, cabano, pinheiro, deitado, balança, banana, gamela, espaço, cômico - e ao lado de cada um anota o significado, o que demonstra como a forma e a posição dos cornos servem de elementos para classificação. Algumas denominações estão associadas a instrumentos de medida e utensílios domésticos, e carregam, às vezes, uma pitada de humor. Provavelmente, a autoria desse sistema seja dos vaqueiros, com exceção para os termos *gamela* e *cômico*, que trazem o sinal característico - m% - que indica criação roseana.

Turquezada - chifres fechados para cima

Cabano - chifres para frente

Pinheiro - chifres altos

Chifre deitado - chifres para trás

Balança - um chifre para baixo, outro para cima

Banana - chifres para baixo(B2, p.24)

Chifres gamela - (m%: são os do Tarzan)

Chifres espaço - reto para os lados(B2, p.26)

Tarzan - um grande zebú baetão, com chifres cômicos, que o fazem parecer com um chapéu capira(B2, p.31)

A associação é uma constante na arte da descrição. Os chifres lembram objetos, plantas, frutos, utensílios, pessoas, o que estimula o leitor a visualizar cada boi de forma diferente e lhe conferir uma impressão digital. É como se o animal trouxesse dentro de si parte da

sociedade humana, o que diminui as fronteiras entre os humanos e os animais. A descrição do touro Tarzan é peculiar, visto de frente lembra um caipira e *...visto de trás, sua giba imensa, pão-de-açúcar, se move como cortiça nágua.* (B2, p.31). A figura do touro em ambiente terrestre - forte e resistente como um tarzan e uma montanha - se transforma no ambiente aquático em um ser leve e macio - uma cortiça que flutua no meio líquido, um torrão de açúcar que se dissolve na água. A presença dos contrários - pesado/leve - revela o equilíbrio das formas nos seres vivos.

d. rastros

A vaca do Bahiano está pisando miúdo assim. (Ela está querendo bater)(B1, p.54.)...Vaca - quase sempre a rês solteira ou a vaca, as unhas traspassam uma a outra. Boi de carro - unha certinha...Rês fugida - rastro seguido (não é aquele rastro caracolado da rês em logradouro. Rês fugindo - arranca o capim. Deixa cair o pé-do-capim; aqui e ali (ela só come a folha) a rês no logradouro não arranca; só apara a folha. A viajante não "esbarra" (para, estaca) para comer. Marca o rumo e faz atalhos. (Vaca conhece em quaisquer condições, o rastro do bezerro dela). (B2, p.25)

Pisar miúdo, unhas traspassadas ou certinhas, rastro seguido ou caracolado, capim arrancado, são pistas que passam despercebidas de um leigo. A interpretação do tipo de pegada indica um determinado comportamento nos animais e, mais, a situação em que eles se encontram: *Boi de carro - unha certinha...Rês fugida - rastro seguido.* De lambuja, se aprende que o jeito de comer também varia em cada situação e os sinais são as folhas de capim: arrancadas (rês fugidia) e aparadas (rês no logradouro).

Essa classificação de rastros faz parte de um processo de elaboração contínuo do vaqueiro, que observa o animal e aprende a lidar e interagir com ele - o outro. O conhecimento dos vaqueiros não se limita ao gado, eles identificam outras pegadas e

sabem diferenciá-las entre os animais - *O passo da rês (ou o galope) é mole (corpo mole). O passo ou galope do cavalo é mais firme. "Mais machacá"(Santana)" (B2, p.63).*

Além de conferir a trilha e o tipo da passada, a saúde geral dos cascos precisa ser zelada. O estado das unhas merece atenção e cuidado. Ao invés de descrever tecnicamente a avaria dos cascos, Guimarães Rosa deixa que o cheiro - *doce como de mel na tacha* - fale por si. Mais uma vez a analogia está presente, sugerindo que o olfato e o paladar dão sentido ao mundo:

O cheiro bovino se acentuando mais e ficando doce, como de mel na tacha, cheiro de engenho. Raimundo Bindóia explica: é dos cascos, nas pedras! (B2,p.5)
O gado estraga mais o casco é na descida, que na subida. (Nos que estropeiam, põe-se sêbo e rapadura, e depois "uma coisa quente") (É nos em que vai relando a parte "sã") (Atrás incha e desfia. Sêbo com rapadura. E um tição de fogo). (B2, p.62)

e. nomes

Manoelzão, na porteira, açoita o ar com a "pirata". Grita nome de vacas. Santana e...assoviam, incitando o gado...Vou no burro Canário. Zito passou para a besta Rosada.. Manoelzão vai no cavalo Caboclinho. Sebastião (primo do Zito) vai no burrinho Moreno" .(B2, p.62)

A identificação dos animais com nomes próprios, principalmente os de estimação, domésticos e peridomiciliares, é uma prática popular comum. Os cachorros, apesar de uma sociedade independente, se sobressaem entre os animais domésticos como os mais próximos e íntimos do ser humano, fazendo parte, dessa maneira, da sociedade humana como "fiéis amigos". Devido a esta característica, podem ser denominados com nomes humanos como Otto, Rex, Alfredo, Fred, Godofredo, Xuxa, Lacan. As vacas, os bois e os cavalos, como são animais peridomiciliares, recebem nomes familiares cuja denominação

se associa mais a um aspecto do físico e do comportamento do animal, como Mimosa, Princesa, Cabrita, Gibóia, Francesa, Tarzan, Relógio, Balalaika.

LÉVI-STRAUSS(1989) chama atenção aos nomes dados e tomados de empréstimo às plantas e aos animais, fazendo uma distinção entre as aves, os cães, o gado e os cavalos de corrida. As aves, como sociedade homóloga à humana (apaixonada pela liberdade, constrói uma morada - o ninho, vive em família, cuida e alimenta seus filhotes, mantém relações sociais com sua espécie, se comunica), é concebida como uma *sociedade humana metafórica*, recebendo *uma denominação de ordem metonímica*. Os cachorros, ao partilharem com homens e mulheres os prenomes, são identificados como *sujeitos* e considerados *humanos metonímicos*, cujo sistema de denominação assume um *caráter metafórico*. O gado, diferente dos cães, é tratado como *objeto* e classificado como *inumano metonímico*, sendo os nomes escolhidos completamente diferentes da série das aves e dos cães; geralmente são termos descritivos evocando a cor da pelagem, o tamanho e o temperamento.

Guimarães Rosa, durante a **Boiada**, copia do Caderno do Zito uma relação de 171 nomes de vacas, além de mencionar as alcunhas de alguns bois, burros e cavalos que fazem parte da comitiva e de touros citados em histórias contadas pelos vaqueiros. Os termos escolhidos para chamar as vacas evocam não só a cor da pelagem, o temperamento, mas também cidades, países, naturalidade, mulheres, títulos monárquicos, sinais astronômicos, pedras semipreciosas e metais, assumindo muitas vezes a denominação um caráter metafórico. O relacionamento do boiadeiro com as vacas e os bois, em certas situações, se apresenta como humano metonímico, em que ambos são sujeitos, conversam e se entendem. *Todo animal é mágico* (ANDRADE, 1983).⁸⁸

Os nomes das vacas que aparecem em **Boiada** podem ser ordenados em oito categorias, classificadas de acordo com os nomes de lugares, mulheres e animais, os títulos

⁸⁸ Em *Nomes*. Carlos Drummond de Andrade constrói um poema mágico com os nomes de besta, cavalo, boi e vaca ... "Tem mesmo o boi chamado Labirinto. Ciganinha, esta vaca: outra Redonda. Assim pastam os nomes pelo campo, ligados à criação. *Todo animal é mágico*." (ANDRADE, 1983:560)

monárquicos, as referências astronômicas, a cor da pelagem, o temperamento e as pedras-metais.

Classificação dos nomes das vacas

1. LUGARES

LOGRADOUROS, CIDADES ORIGENS	CIDADES E PAÍSES
ESTADOS BRASILEIROS	ESTRANGEIROS
Mantena	Turquia
Mineira	
Ponte Nova	Bolívia
Sertaneja	
Paraíba	Alemanha
Searença	
Ganabara	Veneza
Brasileira	
Bela Vista	Argentina
Província	
Diamantina	França
Francesa	
Uberaba	Oropa
Uberlândia	
Vila Rica	
Goveia	
Salina	
Lindóia	
Lagoinha	
Avenida	

As possibilidades de explicação para os nomes das vacas são múltiplas e pessoais. A referência a certos logradouros podem sugerir reminiscências, predileção e desejo por determinado lugar, homenagem a alguém, procedência das vacas, algum detalhe fenotípico que lembre um tipo estrangeiro, uma palavra bonita. A menção e a sonoridade de cada termo possibilita ao leitor imaginar diferentemente os animais como *Oropa*, *Sertaneja*.

2. ANIMAIS

AVES	MAMÍFEROS	PEIXES	REPTÉIS
Maritaca	Cabrita	Piranha	Gibóia
Pintassilva	Cordeira	Piaba	
Sariema	Paquinha		
Rolinha			
Araponga			

Escolher aves, mamíferos, peixes e répteis para identificar as vacas, permite fazer uma analogia entre o comportamento e a morfologia de cada animal com determinado nome. Assim, *Maritaca* sugere uma vaca falante, que adora mugir, aboiar, agitada como a ave maritaca; *Cabrita*, espivetada e de pelagem branca; *Piaba*, pequena e magrinha, de cor marrom, que gosta de água. A *Gibóia*, gorducha, roliça, com manchas próxima à cauda, apertando uma rês contra a outra. Evocar outros animais para momear as vacas permite criar outras imagens de cada animal.

3. MONARQUIA

Marquesa	Realeza
Nobresa	Suberana
Rainha	Barona
Duquesa	

Os títulos monárquicos sugerem vacas aristocráticas, de porte altivo e elegante, formais no trato, educadas e finas, de linhagem pura. A *Rainha* provavelmente seja uma vaca nobre, de pisar pomposo, uma líder tal como a *Suberana*.

4. ASTRONOMIA

Estrela

Meia-Lua

Os nomes *Estrela* e *Meia-Lua* estão associados, com certeza, aos sinais que as vacas apresentam na pelagem, geralmente localizado na cabeça. Além da forma dos astros, a cor e o brilho compõem o retrato do animal.

5. COR DA PELAGEM

Mulata	Morena	Manteiga
Roxona	Camurça	Negrinha
Violeta	Zulêga	Cerveja
Roxinha	Mulatinha	Gemada
Laranjeira	Laranjinha	Rosada
Porcelana	Clareza	Moça-Branca

A cor da pelagem é uma denominação bastante descritiva que evoca não só a visão mas os outros sentidos. Cores escuras e fortes, como *Negrinha*, *Morena*, *Roxona*, sugerem animais de grande vitalidade, esbanjando energia. Já *Porcelana*, *Clareza*, *Rosada*, *Moça-Branca*, de cores claras, aproximam-se mais de um modelo frágil, delicado. As cores variam em diferentes tonalidades e matizes, pois estão intimamente associadas à percepção pessoal que se expressa através da linguagem, ganhando, assim, sentido múltiplo. Além da visão, o olfato, o tato e o paladar participam na construção da imagem

do animal, como por exemplo *Laranjinha*, uma fruta de cor, cheiro e sabor que se espreme na mão e se leva à boca para se sorver o suco. *Cerveja*, vem associada ao amarelo e ao gosto amargo da bebida alcoólica, servida estupidamente gelada com ou sem espuma. *Gemada*, à cor de gema de ovo batida com açúcar, até atingir o ponto espumante em que as duas substâncias estão bem misturadas e pronta a gemada para ser saboreada. Para os vaqueiros, que convivem com o gado na lida diária, a cor se apresenta em múltiplas variações sinestésicas.

6. NOMES E CODINOMES DE MULHERES

Lorena	Boneca
Suzana	Teteia
Jurema	Orora
Palmira	Sereia
Normana	Donzela

A escolha de nomes próprios humanos e apelidos adquire um caráter metafórico, em que a menção de *Suzana*, se associa a uma mulher que pode ser a neta, a filha, a esposa, a namorada, a dona do cabaré, a prostituta. A vaca, considerada como sujeito, faz parte da relação de parentesco como um humano metonímico. O mesmo não acontece quando o nome evoca tipos de pedras, metais e temperamento, em que a vaca se apresenta como um objeto.

7. PEDRAS e METAIS

Turmalina

Platina

8. TEMPERAMENTO

Mochinha	Maravilha
Fineza	Beladona
Conhecida	Namorada
Carinhosa	Luminada
Cristalina	Amorosa
Invejosa	Gasosa
Dobradiça	

Os nomes dados às vacas cumprem um papel importante de identificação e estão impregnados de significados que ultrapassam a denominação em si. A menção de um nome, como *Carinhosa*, permite imaginar uma vaca de couro sedoso, mansa, afável aos vaqueiros, aos bezerros e aos outros animais, feminina, sensual e cuidadosa. Ao chamar *Carinhosa*, *Rainha* e *Maritaca*, cada ouvinte desenha mentalmente um perfil em que os outros sentidos - visualizar, apalpar e cheirar - se somam.

Guimarães Rosa registra também o nome dos burros, bestas e cavalos em que os vaqueiros estão montados: *Mudo para a minha Balalaika* (B2, p.63)...*Vou no burro Canário. Zito passa para a besta Rosada. Manoelzão vai no cavalo Caboclinho. Sebastião (primo do Zito) vai no burrinho moreno.* (B2, p.62). Os critérios adotados para classificação dos nomes de bois são semelhantes aos critérios para as vacas, exceto quando se refere aos chifres (associação com as plantas). A maioria dos nomes revela que os bois são considerados objetos e, como ocupam uma posição social metonímica, os sistemas de denominação assumem um caráter de ordem metafórica:

Classificação dos nomes dos bois

Temperamento	Cor	Chifres (forma)	Cidade	Pedra
Relógio	Pintor	Arvoredo	Joazeiro	Diamante
Delicado	Chumbado-Meio	Pinheiro		
Sembrante				
Guia				
Pé-da-guia				
Cabeçalho				
Tarzan				
Sargento				
Sicrano				
Tenente				
Prefeito				

A escolha dos nomes para os animais não é aleatória nem descritiva, nem serve apenas como um elemento de identificação. As alcunhas de vacas e bois estão impregnadas de significados que traduzem a percepção do vaqueiro de cada animal e sua representação das relações sociais. A prática de dar nome próprio, voz e características humanas aos animais está presente na obra roseana ⁸⁹, bem como nas parábolas e fábulas que usam e

⁸⁹ O conto "Conversa de Bois" (GR, 1991) narra a história de oito bois de carro que aprendem a pensar como o homem pensa. Durante uma viagem, transportando uma carga de rapadura e um defunto (pai do menino guia), o pensamento de matar o carreiro vem surgindo devagar na conversa dos bois que finalmente planejam e executam a morte de Agenor Soronho, homem mau que picava os bois e ralhava com Tiãozinho, o menino guia. A trama da morte tem uma intenção, um desejo humano, confessada nas "palavras" do boi Canindé: *os bois soltos não pensam como o homem. Só nós, bois de carro, sabemos pensar como o homem!* (GR, 1991:311). Inclusive, o nome de cada boi dessa junta corresponde a tipos humanos: **Buscapé**, sugere apressado, rápido, que anda ziguezagueando; **Namorado**, galanteador, meigo; **Capitão**, dirigente, comandante, autoritário; **Brabagato**, desbravador, corajoso; **Dançador**, festeiro, alegre, gracioso; **Brilhante**, cintilante, talentoso, inteligente; **Realejo**, cantador, melodioso e **Canindé**, barulhento como uma arara, habilidoso. Os nomes não só servem para identificar e chamar os animais: estão impregnados de significados e, mais, a simples emissão de um deles sugere a visualização do tipo físico e temperamental do animal.

abusam dos bichos como mitos portadores e divulgadores de mensagens impregnadas de valores e de lições morais.

Outras culturas que lidam com o gado têm um saber muito semelhante ao do vaqueiro de **Boiada**. Segundo EVANS-PRITCHARD(1978)⁹⁰, um homem Nuer conhece cada animal do seu rebanho e dos seus vizinhos quanto à cor, aos chifres, às tetas, à produção leiteira de cada vaca, aos hábitos, ao temperamento, enfim, à história de cada animal. A importância do gado na vida e no pensamento Nuer é fundamental, a tal ponto que todos os processos e relacionamentos sociais são definidos em função do gado. A escolha dos nomes próprios é um exemplo significativo - os homens recebem nomes que dizem respeito à forma e a cor de seus bois favoritos, e as mulheres, dos bois e das vacas que elas ordenham. A relação dos Nuer com o rebanho é simbiótica:

O gado é dócil e responde prontamente à orientação e cuidado humanos. Não há uma grande barreira cultural separando homens e animais em seu lar comum...O gado não é apenas um objeto de interesse absorvente para os Nuer, possuindo grande utilidade econômica e valor social, como também vive na mais íntima associação possível com eles. Além disso, sem se levar em consideração o uso, ele é, em si mesmo, uma finalidade cultural, e sua mera posse e proximidade dá ao homem tudo o que ele deseja. No gado concentram-se seus interesses imediatos e suas ambições maiores. Mais do que qualquer outra coisa, o gado determina as ações diárias do homem e domina sua atenção. (EVANS-PRITCHARD, 1978: 50)

EVANS-PRITCHARD(1978) ressalta que os termos e as maneiras como os Nuer referem-se ao gado estão além de uma técnica linguística elaborada e rica, que permite descrever o animal com precisão em situações práticas e nos contextos sociais. Para o antropólogo, o idioma social dos Nuer é *um idioma bovino*, ou seja, além de fornecer

⁹⁰ EVANS-PRITCHARD estudou o modo de subsistência e as instituições políticas dos Nuer, povo Nilota que vive nos pântanos e savanas planas da África Oriental (Sudão). O antropólogo descreve a atitude e o relacionamento íntimo desse povo que depende do gado para prover as necessidades vitais.

categorias rituais e enriquecer a linguagem poética, estabelece associações com os animais selvagens.

4.3.3.2. Abelhas, marimbondos e gaviões

As abelhas atraem Guimarães Rosa, que deseja aprender tudo o que os vaqueiros sabem sobre esses insetos. Ele anota a descrição de oito tipos diferentes de abelhas:

- 1) *Borá - vermelho meio arroxeadado; média. Mel meio azedo. Arrancha em fendas.*
- 2) *Jataí - menor. Amarelinha clara. Oco do pau. Esteio do curral. Mel especial. Dos principais. É medicinal. É doce, é puro. Tira-se dele para dar a uma criança endefluxada. Para adoçar um chá e dar a uma criança. para guardar: ferve com um pouquinho d'água para poder coar. Ferve mais, apura bem fininho. Garrafa.*
- 3) *Urussú - abelha amarela, grande. Mora é no chão. Buraco, funda. Mel ótimo. Mas tem também em azedozinho, insignificante.*
- 4) *marmelada (abelha) - é amarelada. Ninha na madeira (Difícil tirar o mel puro. Só fervendo, por que a cera é muito fininha. Como um papel.*
- 5) *Mombuca - é preta. Dá no Chão e no pau. Preguiçosa. Não faz mel, quase nenhum. Funda, que é uma coisa horrosa. Muito difícil de furar. Mel muito fininho, quase igual uma água. E claro.*
- 6) *Cupinheira - (preta.) De pouco mel. Doce. Mas ralinho, igual a uma água. Só dá nos cupins.*
- 7) *Arapuá - A preta, morde (chama-se também cabeça de negro, xem-xem.) (o negro que diz: cabeça de criatura; diz, também, do cabelo. carapinha: do cabelo amoroso.) Brava. Tamanho médio. Encontra-se nela: mel vermelho, quase preto, branco, rôxo, rôxo claro, tudo misturado. Ela faz mel de tudo o que encontrar: do estrume do cachorro, suor das pessoas, a gente está trabalhando, elas vêm tirar o suor dos braços, do rosto da gente, de todos lugares. Ela vem*

chiando. É irritadiça. Carniçaaaaa. Urina (adora!) de cachorro, de gente, de boi. Flores. Gosta muito de entrar no saco de açúcar, principalmente se está meio meloso. É o mel mais ruim: todos os gostos misturados - doce, amargoso, azêdo, adstringente (travante), etc. (Todas as outras têm o mel branco).

8) *Abelha mosquito - miudinha, preguiçosa, não trabalha.*

ABELHAS (em geral): carregam o mel nas pernas. A flor principal de dar mel é o pendão do milho. (B1, p.39-41)

A cor, o tamanho, o local da colméia e a qualidade do mel são características suficientes para se identificar uma espécie. A cor mais uma vez aparece como elemento importante na descrição, servindo para distinguir uma espécie da outra. O amarelo domina e subdivide-se em três tons - *amarelinha clara, amarela, amarelada*. Há também as *vermelhas, as meio arroxeadas* e as *pretas*.

A escala de tamanho adotada corresponde a três medidas básicas - *menor, média e grande*. A escala menor se divide ainda em *miudinha*, de tal forma que o emprego do diminutivo garanta a caracterização e visualização da abelhinha.

Quanto ao local da colméia há aquelas que habitam os espaços aéreos, como ocos, fendas e cupinzeiros, e os terrestres, especificados sempre no chão: *arrancham em fendas, oco do pau, esteio do curral, no chão, buraco, ninha na madeira, no chão e no pau, cupins*.

Quanto à qualidade do mel, o paladar se associa com a visão e o tato para classificá-lo pelo sabor, pela cor, pela consistência, pela quantidade. O sabor se degusta em contrários que incluem o doce, o azedo e o amargo; os tipos especial e comum, puro e impuro.

meio azedo

especial, medicinal, doce, puro

ótimo, azedo, azedinho insignificante, de pouco mel, doce mais ruim, todos os gostos misturados - doce, amargoso, azêdo, adstringente

A abelha Arapuã ganha maior destaque na descrição como aquela que produz o mel de pior qualidade, uma mistura de todos os gostos - estrume, suor, urina, flores, açúcar:

Ela faz mel de tudo o que encontrar: do estrume do cachorro, suor das pessoas, a gente está trabalhando, elas vêm tirar o suor dos braços, do rosto da gente, de todos lugares. Ela vem chiando. É irritadiça. Carniçaaaaa. Urina (adora!) de cachorro, de gente, de boi. Flores. Gosta muito de entrar no saco de açúcar, principalmente se está meio meloso. É o mel mais ruim.

A cor do mel se divide em claro e escuro. Os tons claros (amarelados, dourados) são bons indicativos, já os tons escuros *vermelho, quase preto, roxo, roxo claro*, não garantem um mel de qualidade. A cor *branca*, apesar de clara, faz parte desse grupo. A consistência e a quantidade também são apuradas em:

*fininho, quase igual água
ralinho, igual a uma água
quase nenhum, pouco mel*

A impressão que se tem é que os critérios de classificação surgem da própria experiência do corpo que vê, apalpa e cheira. O saber advém da experiência de provar o sabor. A qualidade do mel da abelha aponta sua utilidade, sem contudo exaltar o lado utilitário. Guimarães Rosa deseja, na realidade, frisar uma classificação para o mel, que engloba do especial ao pior. Nesse particular resgata a ambivalência da abelha através dos contrários - bom e ruim. Dentre outras qualidades úteis da abelha, aponta o *breu de borá - é uma massa puxenta, que a abelha forra o fundo do cortiço. Serve para fazer estopamento (calafate) de canoas e lanchas (breu de borá)*. (B1,p.39)

Quanto aos marimbondos, as anotações também priorizam a cor e o tamanho, além do tipo de casa. O autor descreve cinco espécies diferentes, mencionando os nomes populares e as características importantes para a classificação desses insetos:

- 1) *Douradinho - Médio. As asas são cor de ouro. A caixa é redonda, cinzenta. Repartida em gavetas, prateleiras. Em galhos, etc. Nas casas.*
- 2) *Chapéu-amarelo. Casa amarela e maior.*
- 3) *Estrêlo - Pretinho meio avermelhado e parece que tem a cabecinha mais clara. Caixa como um enorme cincerro de boi. Faz a casa de cor mais escura ou clara, verde, cinzenta, etc. Conforme o galho da árvore, para disfarçar.*
- 4) *Tatú - também tem esse mimetismo, no fazer a casa. Forma de uma telha oposta à árvore. É grande. Preto. É o mais bravo e perigoso.*
- 5) *Chumbinho (ou Miudinho) - É pequeno, casas pequenitas, redondinhas, gosta de fazê-las nas laranjeiras, às vezes debaixo das folhas. Amarelinhinho, miudinho. (B1, p.41)*

As descrições das caixas de marimbondos são peculiares e lembram partes de animais - *parece uma concha de molusco*, algum objeto cotidiano - *um enorme cincerro de boi* -, o que possibilita ao autor registrar com precisão os modelos das casas e, ao leitor, imaginá-las o mais próximo possível do que foi observado. Na maioria das vezes, a cor e o tamanho são responsáveis pelo nome do inseto - cor *ouro*, nome *douradinho*. A variação de cor ganha um registro especial quando se considera o mimetismo, importante na luta pela sobrevivência e no equilíbrio da vida.

A percepção sensorial na classificação dos marimbondos é sinestésica. A menção do tipo *douradinho* sugere cor, brilho, dureza e textura, a do marimbondo *tatu* sugere um inseto maior, rechonchudo, corpulento, aspecto áspero, cheiro acentuado, barulho seco. O mesmo ocorre entre as abelhas: o tipo *marmelada*, que contém a palavra mel no nome, sugere a ideia de lambuzada, mais o fruto marmelo e o sufixo *ada* - ideia de quantidade.

excesso, cheio de. Desta forma, o nome traz embutido sensações de visão, tato, cheiro, audição e paladar.

Os **gaviões** se destacam nas anotações e seis tipos são descritos quanto ao tamanho, cor, pio e habitat. Essas aves de rapina são encontradas no cerrado mineiro e como tal aparecem durante a travessia da **Boiada**. Guimarães Rosa aprende pela ação de ver, de escutar e de comparar os animais. Dentre os gaviões vistos e mencionados, o gavião-pé-de-serra recebe uma descrição mais detalhada:

Gavião-pombo (belo) no poste.(B1,p.8)

Gavião de penacho: grande. Asas pretas, peito branco. Assovia.

Gavião andorinha

Gavião pardo - Pia igual ao de penacho. É grande

Gavião pé-de-serra - É o maior. É roxo escuro, peito branco. Muito grande, unhas grandes, tipo de águia. Ele roda por baixio, por gerais, mas mora mesmo é no pé de serra.

Gavião-pedrezinho, miudinho. É tratado de "gavião verdadeiro". Este é de todo lugar. Tem muito no baixio e nos gerais (B1, p.19,20)

As descrições de espécies como os **bois**, as **abelhas**, os **marimbondos** e os **gaviões** têm como referência básica a espécie em si. As características descritas possibilitam a identificação e nomeação de cada ser como um sujeito. Nas entrelinhas das anotações revela-se a sensibilidade de Guimarães Rosa, através da qual se percebe o respeito pela vida e pela preservação da natureza sem explicitar um apelo ecológico (lugar comum). Enfim, a percepção roseana detecta a natureza como uma interação entre sujeitos e objetos que merecem registros.

As descrições encontradas na notas de Guimarães Rosa diferem completamente das que estão presentes em outros diários de viagem. Os primeiros inventários dos "bens naturais" do Brasil, contidos no tratado - "*Do Clima e Terra do Brasil*" - do jesuíta Fernão Cardim,

é um verdadeiro manual prático de sobrevivência e atitudes. A lista a seguir é uma pequena amostra desse material:

Veados:...estimados dos carió(s) (carijós) e das pontas e nervos fazem os bicos das flechas, e umas bolas de arremesso que usam para derrubar animais ou homens...Das peles fazem muito caso e da carne.

Tapyretê - Estas são as antas, de cuja pele se fazem as adargas; parecem-se com vacas e muito mais com mulas, o rabo é de um dedo, não têm cornos, têm uma tromba de comprimento de um palmo que encolhe e estende. Nadam e mergulham muito, mas em mergulhando logo tomam fundo, e andando por ele saem em outra parte. Há grande cópia delas nesta terra.

*Porco montés - Há grande cópia de porcos monteses, e é o ordinário mantimento dos índios desta terra... Outros se chamam *tayaçupigta*, sc., porco que aguarda, ou faz finca-pé. Estes acometem os cães, e os homens, e tomando-os os comem, e são tão bravos que é necessário subirem-se os homens nas árvores para lhes escapar... (cf. VOGT & LEMOS, 1982a:44,45, 47)*

Sem dúvida, os objetivos de Cardin e Rosa são bastante diferentes. Cardim descreve os animais pela utilidade dividindo-os em benignos e prejudiciais, o que representa sempre um sacrifício dos indivíduos, ou seja, um clamor à morte. Essa visão utilitária da natureza, embora seja predominantemente do século XVI, ainda persiste nos dias atuais.

4.3.3.3. Plantas

As funções de valor prático e utilitário das plantas estão presentes em **Boiada** e demonstram que o sertanejo conhece e faz uso dos recursos naturais para diversos fins. Guimarães Rosa registra as melhores madeiras para confecção de carros de boi e cochos - *Carro - uma das rodas é de bálsamo, a outra de jacarandá. (B1,p.13)...Cochos - um de "jacaré", outro de aroeira. A melhor madeira para cochos é a aroeira, e o ipê (pau-darco). O jacaré também. (B1,p.9)* A finalidade e a qualidade são critérios importantes na

seleção dos materiais. Existem diferenças entre as madeiras e, dependendo da serventia, elas são classificadas em piores e melhores. No caso particular do carro de boi, a escolha da madeira vai determinar também o tipo de canto que agrada ao freguês - grosso ou fino, bonito ou feio:

O itapicurú serve para eixo de carro (canta muito bonito, grossão (assim como a sucupira). Cantam fino: faveira, amargoso, açoita-cavalo, etc. O itapicurú também é bom assim “para ficar no ar” (réguas de cêrca de curral). Com roda folgada, todo carro canta feio. Apertando, canta bonito. (B2,p.33).

Além do carro de boi, as canoas fazem parte do universo sertanejo. Para uma travessia segura n'água é preciso dominar a arte de fabricar embarcações, e a primeira lição exige um exame da capacidade de flutuação dos materiais. Guimarães Rosa anota quais madeiras são propícias à navegação: *CANOAS:1) que afundam: pau-dóleo e peroba, 2) que não afundam: faveira, tamboril, cedro, vinhático, imburana. (B1,p.39)*

Na natureza, o vaqueiro encontra de tudo para suprir suas necessidades básicas de sobrevivência. A lenha para aquecimento e cozimento dos alimentos provém do ambiente, e ele aprende a selecionar as melhores madeiras para essa finalidade, como o murici,tinguí, pau-d'arco, sucupira branca, sambaíba e japecanga:

Tingui - é o pior (para o vaqueiro no trabalho). Dá muito alto e enlatado. É a árvore das que dá mais galhos. E não quebra. O Senhor leva êle pr'a frente, e êle volta pra trás outra vez. Miroró - ninguém quebra êle. É o pior. Não tem espinho, mas as pontinhas rasgam a roupa da gente (“muito miroró por aqui)...Muricy - bom de fôgo. E o tingui. Pau-d'arco = qualquer pedacinho (lasquinha dêle) acende fogo. Nos ranchos, guardam, substitui a palha para acender fôgo. Tingui - (abundante) Sucupira branca. Sambaiba. Japecanga (é a salsa parrilha do campo)= tem espinhos. Corta muito peito de vaca, umbigueira de garrote. Rasga a roupa da gente. O espinho é um

gancho. (B1,p.47)(Assinalou com colchete árvores lenha bôa)...Ingá - uns galhos ("Não é boa lenha, mas é a mais fácil, aqui...."Zito)(B2,p.20) ...Pau-pombo = é bom para fogo...Angico = madeira bôa, (de lei). Itapicuri. (B2,p.47)

As características dos vegetais (tamanho, dureza, pontas, espinhos, lenho) demonstram dois aspectos fundamentais. Primeiro, que para a extração e apropriação dos recursos naturais é necessário um esforço humano, ou seja, a natureza é dadivosa mas requer um trabalho. Segundo, os contrários fazem parte de um equilíbrio natural, como, por exemplo, a japecanga, considerada boa de lenha mas com espinhos que cortam e rasgam. As plantas são descritas pela sua utilidade, sem reforçar, porém, uma classificação maniqueísta e antropocêntrica, que as divide em benéficas/maléficas ou positivas/negativas.

Os versos e quadrinhas populares brincam com a qualidade das madeiras. O barbatimão reconhecido como *ruim de fogo, só dá fumaça* (B2,p.6), "cai na boca do povo": *Quem quiser saber meu nome./Não precisa de pergunta não/Eu me chamo lenha seca/Carvão de barbatimão.* (B2, p.7)

Além da madeira, o sertanejo aproveita outras partes das plantas (folhas, ramos, frutos, leite, resina, flor, raiz) para compor uma dieta alimentar e manipular os remédios caseiros e as simpatias:

Nharé ou mama-cadela: arbusto do cerrado (dá até um frutinho, que a gente come)(B1,p.9).

cólica de fígado: mastiga a fôlha (o talo também) do funcho, depois bebe um gole de água quente! (B1,p.3)...A simpatia contra carrapatos: ramo de alecrim, na cintura. Contra os carrapatinhos (micuins) (B1,p.5)... Cabo-verde do

campo= o gado come as folhas. Flores amarelas. É um arbusto abundante. Serve -(serve de purgante) arbusto de florinhas amarelas(B2,p.10)

*Quem tiver cabeça inchada
Traga cá, que eu vou curar
com leite da gameleira
resina de jatobá.(B2,p.5)*

Adorete...são pequenos arbustos, moitas roxas, tudo flor. Há muito, aqui. Diz o Sebastião (da Sirga) - que é ótimo para reumatismo(B2,p.35)...almísca (almécega ?) (dá uma resina branca, que se põe no fubá (alimento), contra bernes...Pimenta de macaco: árvore, frutas verdes e vermelhas, em cachos; toma-se, escaldado (machucadinhas) contra ventosidades; cheirosas, cheiro de pimenta do reino.(B2,p.47)

Além dos remédios caseiros para cólica de fígado, cabeça inchada, reumatismo, bernes, ventosidades, há os afrodisíacos indicados para excitar e restaurar a potência sexual. Geralmente a raiz é a parte da planta usada na preparação do chá. Muito sugestivo é o nome da planta verga-têsa, um símbolo fâlico:

Para recuperar a virilidade: bico de picapáu torrado, pôsto o pó na cachaça; ou vêrga de coati, sêca, posta na cachaça, sem raspar. (Raymundo)...Verga-têsa = o chá da raiz, ou a raiz na cachaça: é afrodisíaco. É uma planta do cerrado. folhas estreitinhas e miudinhas, verde-escuro, quase pretas. Pode-se dobrá-la como quiser, que ela pula sempre e volta a ficar têsa.(B2,p.58)

Na lida doméstica, as plantas também estão presentes no cotidiano dos afazeres, fornecendo matéria prima para fabricação de sabão, cortiça, balaio e enchimento de colchão. A natureza vai sendo apropriada e manipulada para um determinado fim em que

o conhecimento, a cultura e o ambiente se entrelaçam, unindo no mesmo fio plantas, homens e mulheres. Frutas, cascas, taguaras, capim, tudo se aproveita:

tingui - de sua fruta se faz sabão (o mais usado aqui).(- “A não ser esses de travial, de cidade, de comércio, é só esse, do tinguí)”.(B1,p.12)...*Ontem: pilhas de cascas de pau-santo: para fazer cortiça.*(B2,p.35)...*O capim-pubo é meio avermelhado. Bom para encher colchão, suador de sela, etc. Ele gosta de dar é na beira de vargens. Do outro do Rio...(São Francisco).*(B2,p.39)

No córrego: quatro longos bambus no pôço, conservados para fazer balaios (ou esteiras de carro). Fica-se até no dia de fazer. Lasca-se e trança-se...Na outra margem, um sessenta-galhos (60 galhos): como sempre, é uma arvoreta, formando ampla latada, ou môita grandiosa. Seus ramos são muito fortes (“isto não quebra” - Zito) e por isso servem otimamente para bater feijão, bater em cavalo.(B2,p.57)

A ideia de utilidade traz inserida a noção de qualidade. A natureza é boa quando fornece madeiras nobres para talhar canoas resistentes e ótimas lenhas para o cozimento dos alimentos, quando as abelhas fabricam um mel de excelente qualidade. A natureza tem o seu reverso que se manifesta na madeira imprópria para embarcação, na lenha que queima rápido e dá muita fumaça, no mel de péssima qualidade.

Um chamado João

João era tudo?
tudo escondido, florindo
como flor é flor, mesmo não semeada?
Mapa com acidentes
deslizando para fora, falando?
Guardava rios no bolso,
cada qual com a cor de suas águas?
sem misturar, sem conflitar?
E de cada gota redigia
nome, curva, fim,
e no destinado geral
seu fado era saber
para contar sem desnudar
o que não deve ser desnudado
e por isso se veste de véus novos?

Carlos Drummond de Andrade

CAPÍTULO 5

Natureza e Sertão

5.1. Equilíbrio da natureza

A natureza para Guimarães Rosa não se apresenta como um espetáculo ou uma coleção de aspectos naturais compondo um cenário ou um palco, onde se desenrola a trama da viagem. A natureza não está longe, nem fora, nem ao redor, não impõe medo, nem espanto, nem afasta as pessoas. O ambiente/sertão não está separado das pessoas, dos bichos, das plantas, e sim dentro de cada um, caracterizando o jeito de ser e de viver. *O sertão é dentro da gente.*

Guimarães Rosa percebe os vaqueiros como parte integrante da natureza, vivendo, interagindo e dialogando com outros seres - plantas, bichos, morros, rios. Ele redimensiona o conceito de ambiente, toma-o por inteiro, ao incluir na tessitura da vida os aspectos sociais, culturais e naturalistas. As descrições do caminho, da fauna e da flora estão mescladas com aboios, versinhos, adivinhações, conversas e cantorias dos vaqueiros.

A natureza presente na **Boiada** flui de dentro, cheia de intimidades, como se o autor transcendesse e penetrasse em cada ser vivo, mergulhasse na terra, no ar e na água. As Notas ressaltam as características intrínsecas de cada ser, independente de sua utilidade. Desta forma, revelam a existência de cada criatura como sujeito.

O contato e a vivência são fundamentais para a percepção da natureza e a integração do ser humano como elemento natural. Guimarães Rosa vê, ouve, cheira, toca e, às vezes, pára, *apreciando por prazer de enfeite*. Ele reconhece a importância da contemplação, da beleza e do prazer como um aprendizado de humanidade.⁹¹

⁹¹ Guimarães Rosa copia a inscrição do pântico do Zoológico Hagenbecks Tierpark, Hamburgo - "*Amar os animais é aprendizado de humanidade*" - e reproduz em Zôo, publicado em *Ave, palavra*. (GR. 1985:120).

Todas as descrições de **Boiada** fogem de ser relatos técnicos, frios e herméticos. As Notas revelam a sensibilidade de Guimarães Rosa que, ao descrever a travessia, sabe captar a alma da natureza de bicho, de planta, de pedra, de água, de vaqueiro e, assim, apreender a totalidade de encantamento, beleza, poesia e humanidade que existe no sertão. Os seres vivos conversam através do sensório, destacando, como fonemas de uma linguagem animada, o cheiro, o som e a cor. O ar, a terra e a água se comunicam com homens, bichos e plantas. A percepção da natureza é sinestésica. Todos estão continuamente construindo partes da teia e do ciclo da vida e estão integrados ao cosmo. Nesse bonito universo anímico, o ser humano se apresenta como uma parte pequena e diferenciada.

Guimarães Rosa descreve a sua percepção da natureza o mais próximo possível da realidade. O silêncio e os sons agradáveis se juntam aos ruídos anacrônicos; as multicores cheias de luz desenham as sombras; os perfumes aprazíveis e os boduns exalam das páginas da **Boiada**. O dia se faz noite e a noite se faz dia entre auroras e crepúsculos, lua e deslua que navegam pelo céu liso-rugoso. A existência desses contrários - som/ruído, luz/sombra, perfume/bodum, dia/noite, aurora/crepúsculo, lua/deslua, liso/rugoso - revela uma parte de um equilíbrio dinâmico que estreita a interação do ser humano com a natureza. As Notas revelam uma natureza em múltiplas manifestações - sujeito, objeto, selvagem, doméstica, humana, espiritual.

O ser humano na **Boiada** está tão integrado à natureza que a sua sobrevivência depende inteiramente dela. Na natureza ele encontra alimento, abrigo, vestuário, transporte, trabalho, remédio e lazer. Entretanto, esse utilitarismo prático não se pauta numa relação antropocêntrica, unilateral e espoliativa. A sabedoria está em interagir com os “recursos”, conhecê-los para saber usá-los, manejá-los e respeitá-los.

Guimarães Rosa não reforça uma visão maniqueísta da natureza. Ele está atento em revelar como os contrários, a dualidade, marcam o equilíbrio que move as relações sociais,

culturais e ecológicas entre as criaturas. O que é considerado bom e ruim é relativo, varia em função de um referencial.

A natureza em **Boiada** não se apresenta como um paraíso. O pasto pode ser atacado por pragas e, para prevenir-se, o vaqueiro recorre às simpatias e rezas - *Manuel Saído (de Jequitibá) e a simpatia de fechar o pasto com o círculo, depois fincando a vara.*(B2p.7). O gado maltrata o solo pisoteando-o continuamente - *O gado no pasto mais estraga de pisar que de comer.* (B2,p.23). Há marimbondos, carrapatos e formigas pretas que incomodam e ferream. Desta forma, a vida rural foge de ser um relato bucólico para ganhar um registro verdadeiro:

Os vaqueiros passam as pernas pertinho do fogo, para matar os possíveis carrapatinhos. Carrapato: miúdo, vermelho e rodoleiro (B2,p.43)...E as terríveis formigas pretas da beira do rêgo...que sobem pelas pernas e corpo da gente.(B2,p.53)... Os marimbondos não incomodaram ninguém. Sempre se vêem, lá dentro, as cabeças grisalhas de uns.(B2,p.60)...Formiga-gambá - preta avermelhada. Sobe na gente, ferroando. Urina uma catinga horrosa! Grandes, quase do tamanho da cabeçuda. (B2,p.66)

A presença dos binômios saúde/doença e vida/morte também indica que os contrários fazem parte do equilíbrio do ciclo da vida. Os animais sofrem com a ação de parasitas, adoecem, têm tremeliques, morrem:

Vaca ervada - mole e com a barriga inchada. Remédio: rapadura com terra de formigueiro. (B1 p.10)...Vaca com chifre descascado. Põe-se pixe. A ponta sangra, mole. Volta a endurecer, mas não nasce outro chifre. (Para perder o chifre, às vezes basta uma pancadinha: o chifre pula longe. (B1, p.11) Manoelzão me chamou: um boi tinha caído morto, lá atrás. Mas não morrerá. Tivera um “excesso”: mas já se levantava, um tanto perna-dura, perna-mole, cambeta. Era um boiote pintado de laranja em branco, um “chitado laranja” (B2,p.3). A

raposa morta, na estrada ((caminhão a matara) e o urubú solitário (cabeça branco e vermelha) (B2,p.10)...É um boi carreiro. Morreu o companheiro dele, e estou levando ele (B2,p.16).

Duas vacas com orelhas mutilada. Uma, foi cachorro que estragou. A outra: foi bicheira que deu, daí cortaram. (B2,p.56)Os carrapatos dão bicheira na orêlha do animal. São uns carrapatões gordos (não são rodoleiros! O rodoleiro é magro, o carrapato é gordo).(B2,p.61)

Ao observar, classificar e ordenar a vida de criaturas como abelhas e vacas, Guimarães e as vacas são também reconhecidas por fornecerem mel e leite respectivamente, mas, independentemente da serventia, são seres-sujeitos que têm vida própria. A natureza concebida apenas como um objeto se apresenta em poucas passagens, como a do registro dos proprietários das fazendas onde a comitiva pernoitou. A terra tem dono, nome e limites territoriais:

Fazenda do Meleiro: Pai: Sebastião de Campos Cordeiro Valladares, filho: Constantino Cordeiro Valladares (vieram do Pompéu). Constantino: nasceu em Buriti da Estrada, comarca de Pompeu, fazenda do Chôro (Cachoeira do Chôro). Capitão Lourenço Carvalho Lessa = foi o primitivo dono desta Fazenda do Meleiro.(B2,p.52)

A natureza presente na **Boiada** é selvagem e domesticada. As aves fazem parte do grupo selvagem que ocupam livremente o espaço, ao passo que as vacas, bois, bezerros, fazem parte do grupo dos animais domesticados que possuem um nome e um dono, porém a denominação e a propriedade não garantem necessariamente o estabelecimento de uma relação de objeto. A boiada é sempre conduzida como se conduz um sujeito. O ritmo da marcha quem determina são os animais; na verdade, o gado e os vaqueiros se interagem num corpo a corpo, o que garante sucesso na travessia. A escolha de nomes próprios para

as vacas e os bois confere um estatuto humano, de gente, a esses animais que atendem pelo nome e conversam com os vaqueiros.

O registro do tempo é outra maneira de expressar as transformações contínuas de uma natureza dinâmica. Guimarães Rosa, ao anotar as horas e os minutos em seu relógio, está mais interessado em determinar a precisão dos fatos e fenômenos observados do que demonstrar que o ser humano cria um tempo artificial, a marcar mecanicamente o ritmo da natureza como uma forma de ordenar e controlar o dia e a noite. Os instantâneos flagrados não voltam mais. A vida não tem rascunho e se modifica a todo instante.

Na **Boiada** encontramos uma enxurrada de citações e descrições dos animais, dos vaqueiros, dos vegetais, do espaço, das condições de tempo, que mostram de imediato um pesquisador naturalista. Mas Guimarães Rosa não se preocupa apenas em conhecer os seres em si, em nomeá-los corretamente. Ele se interessa em comungar com o mundo natural, entrosar-se com os seres e embarcar numa viagem pelos sentidos. Desta forma, viaja no sertão para viajar em si, ser cada vez mais um sertão apaixonado pelo sertão.

5.2. “Viagem: Um gozo de mente” (Dão-Lalalão, 1988:26)

À medida que Guimarães Rosa cumpre o roteiro de **Boiada**, vai coletando suas impressões. A leitura do mundo se faz através de uma linguagem perceptiva, fluxo de uma experiência direta, intensa e densa, impregnada de sons, cores e cheiros. As notas de campo são fruto dessa vivência impregnada de sensações corporais. O autor percebe em detalhe os diversos elementos com os quais convive durante a viagem e as notas de campo reproduzem o percebido através de listagens e, muitas vezes, com enunciados poéticos. A relação de Guimarães Rosa com a natureza não é filosófica, no sentido de pensar e divagar afastado, longe desse sujeito. A viagem tem uma importância vital, pois permite um contato próximo, um corpo a corpo com o sertão e seus atores.

A **Boiada** registra uma viagem exterior em que Guimarães Rosa, cumprindo um roteiro de base física, sugere uma outra viagem, interior, emocional, resultante das vivências. Os estudos de ARAUJO(1996:21), apesar de focalizarem a obra roseana, chamam atenção para o sentido da viagem. Tal como Dante, Guimarães Rosa se apresenta como *homo viator*, *aquele que se encontra na estrada, in via, caminhando em direção a Deus*. Para caminhar em direção a Deus e alcançar a vida espiritual, o *Homo viator* deve percorrer o caminho marcado pelo sinal da Trindade.

*A Santa Escritura apresenta, com efeito, frequentemente, três sentidos místicos, a saber, o sentido moral, o sentido alegórico e o sentido anagógico, que correspondem aos três atos hierárquicos de purificação, de iluminação e de perfeição. A purificação conduz à paz, à iluminação, à verdade, à perfeição, à caridade. Uma vez atingidas perfeitamente estas três disposições, a alma está na felicidade. Seu mérito aumenta na medida que se exercita na prática das virtudes. Toda a ciência das Escrituras consiste, portanto, em saber purificar-se, iluminar-se e tornar-se perfeito pela união com Deus*⁹².

A viagem pela natureza do sertão é um encontro com a vida no seu tênue e forte equilíbrio de interações. Guimarães Rosa estabelece uma relação religiosa com a natureza. Os sentidos aguçados são a chave para captar a beleza da criação e reintegrar-se à natureza. O processo de reintegração se realiza através de uma comunhão com o mundo dos vaqueiros, dos bichos, das plantas, das águas, das terras, dos céus. A natureza, como um mestre iniciático, guia Guimarães pelo sertão para ser-tão. O sertão é duplo, espaço físico de trajetória, um caminho de travessia (sertão) para se transformar em um ser repleto de vida espiritual (ser-tão).

⁹² ARAUJO(1996:57) reproduz essa citação do livro de São Boaventura (As três vias da vida espiritual. Editions Franciscaines. Montreal. 1945.) presente na biblioteca de Guimarães Rosa, segundo informação de SPERBER(1976). A propósito. Viator foi escolhido pelo escritor como pseudônimo para participar de concurso literário. cuja coletânea de contos deu origem ao livro *Sagarana*.

Dentro desse contexto, a viagem significa, além de um deslocamento geográfico, um ritual de passagem para um encontro interior. O afastamento da rotina diária possibilita uma distância do cotidiano repetitivo e monótono. Na maioria dos contos de Guimarães Rosa a viagem está presente ⁹³ com um significado muito especial, representando a viagem dos caminhos e a viagem das idéias.

A natureza marca o ritmo da caminhada e provoca mudanças. A vida vai sendo passada a limpo. Para Guimarães Rosa, a busca da transcendência e da espiritualidade passa necessariamente pela aproximação e intimidade com o mundo natural - viagem dos caminhos que estimula a viagem das idéias. Sem a natureza e sem a viagem, a procura do ser humano pelo sentido da vida fica sem sentido. A busca de orientação na natureza se traduz ainda pela admiração do céu liso/rugoso, pelas auroras e crepúsculos. De acordo com ARAÚJO(1996:22)

O Céu, por outro lado, é o fim que todos queremos: é objeto de nossa vontade, do nosso amor. É, também, o pensamento, a visão do objeto - aquilo que não deixa que a vida seja burra, que permite a visão de tudo, a orientação. A viagem faz-se assim, combinando, igualmente, a vontade e o intelecto.

⁹³ Como exemplos da marca constante da VIAGEM podemos citar alguns contos e romances de GR: em *Uma estória de amor* há menção de uma saída de uma Boiada; em *O Recado do morro*, a narrativa é contada por 7 personagens que viajam passando por 7 fazendas; *O Burrinho pedrês* é a estória de 11 vaqueiros que vão levar uma Boiada; em *A volta do marido pródigo*, Lalino Salathiel deixa o arraial e a mulher viajando para a capital; em *Sarapalha*, a maioria da população se retira da cidade com a chegada da malária; *Conversa de Bois*, uma junta de bois de carro carregando rapaduras e um defunto fazem a travessia até a cidade; *Dão-Lalalão* nos conta a estória e as lembranças do vaqueiro Soropita na travessia de Andrequicé ao Aô; em *Buriti* a viagem está presente logo no início quando Miguel retorna a fazenda do Buriti; *Grande Sertão: Veredas* é a trajetória de Riobaldo. Recentemente, 1997, Maria Heloísa Noronha Barros publicou o livro *Miguelim e Manuelzão: Viagem para o Ser*, um ensaio em que a viagem passa a ter um sentido de procura e de busca do sentido da vida para os personagens.

5.3. Natureza e espiritualidade

As anotações da **Boiada** revelam um Guimarães Rosa religioso, ou seja, em profunda comunhão com os seres vivos e com todos os elementos do mundo natural. A reprodução do canto das aves, dos aboios; a transcrição do vento; a exaltação das cores dos animais, das flores, do céu e das águas; o perfume exalado e sorvido, enfim, a natureza em todo seu conjunto se traduz num grande universo vivo e pulsante de sentimento e conhecimento.

A consciência e o conhecimento de matrizes religiosas⁹⁴ influenciaram a percepção roseana ajudando-o a mergulhar na natureza, senti-la por dentro, e assim expressar suas vivências e conhecimentos. Entre as matrizes religiosas, o esoterismo paulista traz o conceito de universo vivo, o chândogya upanishad contribui com a aceitação de uma natureza sagrada, a filosofia de Platão acentua a busca do valor estético, a de Plotino valoriza a atividade contemplativa na natureza.

O universo é mutante pois todos os seus elementos e reinos estão vivos, atuando um sobre os outros. O grande mistério para desvendar a origem da vida mantém acesa a chama que instiga os seres humanos a uma busca eterna e profunda. Guimarães Rosa vive intensamente algumas semanas no sertão mineiro e consegue abordar a temática da transcendência e da procura interior de forma bela e comovente. Ele, como parte do mundo, está integrado ao cosmos. Respira com a terra, sorve a aurora e o crepúsculo no ar, sonha com a noite, canta com as águas, desenha com o dedo os morros e os caminhos. Decidido a apoderar-se de si, apodera-se do mundo - cheiros, sons, cores, paisagens,

⁹⁴ As leituras de Guimarães Rosa durante sua trajetória de vida não estão literalmente citadas, nem sequer são mencionadas, mas contribuíram na sua formação. Segundo CANDIDO(1993:217) os livros deixam recados e *"a evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu."* A biblioteca-espólio de Guimarães Rosa, fonte de pesquisa de SPERBER(1976:32), demonstra o interesse do escritor em leituras espirituais, que respondia a duas necessidades: *"à pessoal e na busca da transcendência; à profissional, i.e., literária, na conversão das características doutrinárias em processos narrativos."*

humores. E desta forma ele se descobre de carne e osso, sentindo a glória da vida e da morte⁹⁵ para ser apenas ser-tão.

A **Boiada** é um intenso *fluxo da experiência direta* em que Guimarães Rosa entra em comunhão consigo próprio e com os outros seres. A vida desabrocha e pulsa para ser aprendida e apreendida como um sujeito com vontade e desejo de dialogar e trocar. O autor escuta os sinais da natureza para exercer sua função como *testemunho desta epifania do ser*. A **Boiada** marca a trajetória de uma viagem pelo interior de Minas e pelo interior do indivíduo. A natureza readquire sua dimensão sagrada e espiritual, se reencantando pelas palavras de Guimarães Rosa, que *têm cor e plumagem*.

Guimarães Rosa é capaz de entender a linguagem das coisas e decifrar o grande discurso do universo, ao viver e experienciar intensamente a natureza⁹⁶. As anotações sistematizadas de **Boiada** revelam uma pessoa especial, capaz de entender a linguagem do sertão não apenas como espaço exterior, mas, sobretudo, como espaço interior. Ele se interessa pelo mundo sensorial, o ver, o ouvir, o cheirar, o apalpar, o degustar, que dão cor e forma à vida, que são portadores de espírito e de vida. A subjetividade faz parte do ser-tão criando uma natureza polissêmica e específica em diferentes contextos. A expressão dessas diversas naturezas nasce, é filtrada e amalgamada dentro do autor para depois transbordar, dando-lhe identidade e significado.

A natureza é um ritual de passagem para alcançar a espiritualidade, a transcendência, e assim se tornar, transformando-se, cada vez mais SER-TÃO. Esse processo interior é externalizado pelas modificações e ritmos cíclicos da natureza, que constantemente estão em processo de transformação e mudança. Semelhante processo ocorre com o ser humano na viagem do seu viver. Para CANDIDO(1971), Guimarães Rosa precisa *inventar para*

⁹⁵ Essas idéias se baseiam na carta de Hélio Pellegrino publicada por UNGER(1991)

⁹⁶ Ver BOFF (1995b:71-72). Para o teólogo, a natureza é "*portadora de espírito e de vida*" e só os espíritos atentos, tão bem representados pelos indígenas, místicos e poetas são capazes de entenderem a linguagem das coisas e decifram o grande discurso do universo.

sugerir, mas cabe ressaltar que sua base de invenção se assenta e se fundamenta na natureza, no vivido e experienciado.

Saber e sabor estão intimamente próximos e são como um convite para degustar o mundo natural, produzindo uma sabedoria incomum. A sabedoria não consiste num acúmulo de dados e informações logicamente organizados. Nietzsche lembra que sábio em grego se vincula etimologicamente a *sapio*, eu saboreio, *sapiens*, o degustador, *sisyphos*, o homem do gosto mais apurado (cf. UNGER, 1991:29). Guimarães Rosa coleta muitos dados durante sua viagem e suas notas revelam que ele saboreou e degustou o sertão mineiro, tornando-se um homem de gosto apurado, ou seja, ser-tão. Ele partilha suas percepções sensoriais com sentimento e conhecimento do mundo natural, conduzindo o leitor para redescobrir a si mesmo e ao universo como sujeitos vivos, belos e poéticos, em que não há separação entre os reinos animal, vegetal e mineral. Tudo e todos se integram na multiplicidade da vida e do verso/reverso.

Na **Boiada** temos os sentidos do corpo ligados aos três elementos - terra, ar, água - simultaneamente. Todos fazem parte da mesma teia, percebida através do ver, cheirar e escutar. Assim não há fronteiras entre a terra, o ar e a água. O conjunto em movimento, em animação, proporciona deleite ao escritor. ARAÚJO (1996:51) ressalta que

As coisas e criaturas do universo podem oferecer ao homem prazer variado, de acordo com a diversidade dos sentidos humanos: como no caso de canto, acariciam seus ouvidos, ou, com a beleza de sua forma, alegram-se seus olhos, ou refrescam seu sentido de cheiro com doces odores; ou por qualquer outra maneira, por meio de suas diversas naturezas conhecidas pelo homem, podem inspirar em nós o amor e o louvor do Criador...

A natureza acaricia, alegra e refresca a alma de Guimarães Rosa, inspira o amor e o louvor do Criador, mais próximo de si e mais próximo de Deus. A **Boiada** pode ser interpretada

como uma viagem iniciática, um ritual de passagem para um encontro interior e a transcendência do ser.

O roteiro da **Boiada** se confunde com o sertão de Minas e com os vaqueiros. Uma base física, por onde eles vão "travessando", uma base perceptiva, atenta à vida e ao saber dos boiadeiros da comitiva, e uma base natural seguindo o ritmo da boiada. A natureza se confirma não como cenário e/ou caminho, mas como elemento constitutivo do ser humano.

A leitura do Diário é um convite ao leitor para embarcar nessa viagem. Guimarães escreve com paixão e poesia, atraindo as pessoas para sentir a natureza tal como ela é, sem se ater a uma concepção mesquinha e egoísta, restrita à utilidade consumista e imediatista. Para o autor o contato com a natureza é uma viagem interior, que leva-o a alcançar a plenitude do ser, o ser-tão.

Guimarães Rosa não pretende ser um militante abraçando a causa ecológica e fazendo da natureza seu estandarte. Longe disso. Ele simplesmente traduz a percepção do sertão mineiro e, ao traduzí-lo, consegue envolver o leitor. A natureza é aprendizado de vida.

O cientista de formação médica e diplomática vai ao encontro, justamente, do variável, do não quantificável - da subjetividade. Desta forma, contribui para resgatar uma ciência que valorize a intuição e a inventividade, que esteja voltada para uma satisfação interior e a felicidade do ser humano e que considere o planeta terra como um organismo vivo.

5.4. Uma leitura, uma interpretação

O mundo natural tem sido concebido de muitas maneiras, mas geralmente fica limitado a um cenário, um objeto a ser dominado ou fonte de recursos naturais necessários à sobrevivência e perpetuação da espécie. Enfim, como uma coleção de fragmentos inertes,

separados e classificados de acordo com a utilidade humana. Muitas vezes é representado como um símbolo no mapa, uma curva de rio, uma sinuosidade de uma montanha, uma pedra no caminho, um punhado de terra, um pé de pau, um bicho no galho da árvore, uma flor florida, um céu azul cheio de nuvens com um sol redondo sorrindo e radiante.

Dentro de uma abordagem mais ampla, a natureza se apresenta como um espaço vivo, construída de significados que conferem e dão existência ao ser. O ser vivo estabelece uma linguagem sensorial com a natureza num fluxo contínuo de vivências e experiências, em que a percepção traz o sentimento inteiro e o conhecimento. No ser humano, a fala e a escrita são uma expressão viva e elaborada da percepção e do pensamento, fracionando, dividindo, fragmentando o vivido. E ao mencionar a natureza, comumente se afasta e se distingue, como se não fizesse parte dela. O ser humano, posicionando-se no centro, refere-se à natureza como algo, coisa, objeto ao seu redor.

A natureza é essencial ao ser humano para sua sobrevivência e existência, como um centro de vida e referencial de identidade. Todos os elementos que formam o corpo dos seres dos reinos animal, vegetal e mineral fazem parte da natureza e a ela voltarão. A alegria, a beleza, a paz, a felicidade, o prazer, o deleite, dão cor e sentido à vida. Experimentar esses sentimentos é também encontrar-se consigo mesmo. Esta percepção e leitura do mundo natural, que começa a se esboçar na virada do século XX, já era sentida e vivida por Guimarães Rosa na década de 50 e se manifesta na sua obra e no material inédito da **Boiada** que compõe o seu Arquivo.

A presença marcante e constante da natureza e das viagens na obra roseana indica, intuitivamente, que tanto a natureza como a viagem têm um significado que ultrapassa a dimensão espacial de paisagem natural e de deslocamento geográfico. O valor metafísico emerge através de situações em que há um entrelaçamento entre personagem e natureza. Nada é descrito gratuitamente, como composição e enfeite. Os trabalhos de ARAÚJO(1996) serviram inclusive para se pensar a dimensão da viagem, particularmente em *Grande Sertão: Veredas*.

SPERBER(1976:32), ao pesquisar a biblioteca de Guimarães Rosa, observa que o interesse do autor pelas leituras espirituais respondem a duas necessidades: *à pessoal e na busca de transcendência; à profissional, i.e., literária, na conversão das características doutrinárias em processos narrativos*. A consciência e o conhecimento das matrizes religiosas - Esoterismo, Velho e Novo Testamento, Chândogya Upanishad, Platão, Plotino - refletem nas obras literárias as preocupações espirituais do escritor. Elas servem como pistas e sinalizam que a relação de Guimarães Rosa com a natureza tem um valor metafísico, fonte de revelação, intuição e de transcendência.

O objetivo principal desta tese foi analisar a relação de Guimarães Rosa com o mundo natural. Valorizar as percepções sensoriais que afloram na vivência e na experiência conduzindo o ser humano à integração com o universo e à sabedoria. Resgatar a concepção de natureza como um sujeito vivo e flexível, construído de significados que conferem e dão existência ao ser. Buscar uma natureza como fonte de revelação e transcendência do que especificamente a sua relevância ecológica para perpetuação das espécies e da vida no planeta Terra.

Guimarães, através das palavras, comunica e entrelaça a voz com o cheiro, o tato, a visão e o paladar da natureza que o domina, traduzindo-se numa combinação de sentimentos e conhecimentos. A natureza está dentro de cada um dos vaqueiros que aprendem a ler o mundo para lerem a si próprios. A leitura do mundo se faz através de vivências onde os seres vão ganhando significados que tecem e compõem uma estória.

O contato íntimo com a natureza do sertão e dos gerais, integra também sentimento e conhecimento. Guimarães Rosa, ao viver a travessia junto com os vaqueiros pelos caminhos de Minas Gerais, vai coletando e colecionando dados objetivos e subjetivos, criando e recriando imagens e situações de uma realidade dinâmica e concreta, vivenciada no espaço exterior e interior do duplo sertão/ser-tão. Um autor que vai apreendendo o sertão e aprendendo a ser.

Boiada, fruto de uma experiência pessoal e intransferível, contribui sobremaneira como subsídio para se estudar a relação dos seres humanos com o ambiente. Espero, através deste trabalho, estimular a área biológica a desenvolver pesquisas e projetos didáticos que utilizem também como base as obras literárias.

Anexo I
Índice da Boiada 2

Numa mesma página, separado apenas por um traço à lápis, há duas colunas onde está escrito o índice

<i>SELAS</i>	p.1, 7
<i>Sucupira branca</i>	p.4 (clara deve assombrar)
<i>Barbatimão só dá fumaça</i>	- p.7
<i>Simpatia fechar pasto</i>	p.7
<i>Domar cavalos (antigamente)</i>	
<i>Freio-Cangalhos-Pote-Bilha</i>	- p.9
<i>Pelêgo</i>	pg.10
<i>Cangalha</i>	pg. 11
<i>Guarda-freio</i>	pg.11
<i>João uruburana e o touro</i>	- p.13
<i>O cigano Dondé</i>	p.13 e 14
<i>Estrume como rebôco de parede</i>	- 15
<i>Paca Jacaré Capivara</i>	- 15
<i>"Explorista"</i>	----- - 15
<i>Class. da qualidade de gado</i>	- 15
<i>Inácio Rocha e suas bestas</i>	- 16
<i>Diálogo sobre cercas</i>	- 17
<i>Flor casa-comigo</i>	- 17
<i>Curral aladeirado, para vender bois</i>	- 17
<i>Flor do fumo</i>	
<i>Porteiras</i>	p.18
<i>Marca do P. Mendes</i>	

- TRUQUE* - p.19
- Vaca e bezerro* - p.20
- Meu amigo o boi* - p.21
- bôca-da-ponte* - p.21
- Constantino* p.21
- ESTOURO* - p.22
- NOITE* ——— p.22
- Lobos (vereda)* p.22
- Variedade de bananas* - 22
- NOITE* ————— 23
- Boi (meu amigo)* - 23
- Os bichos (no canavial)* - 23
- Boi* -24
- Trechos de conversas sobre gado* - 24
- Chifres (Classif.)* - 24
- Nomes de lugares* - 24
- Eu mato (o preto de Zé Grosso)* - 24
- Côres de boi* - 24
- Rastros* - 25
- Vaca e Bezerro* - 25
- BOI* ————— 25
- Os berros dos bois* - 25
- Côr (mouro)* - 25
- Trechos conversa (bois)* - 26
- Porteira* - 26
- Chifres* - 26
- A estória da tentativa de assassinato, e a vingança* - 26
- Côres de boi, pg.27*
- Côres* - 28

Sinal de môjo - 28

O tesoureiro (pássaro) não tem rabo na seca -p.28

No retiro onde eu moro - 29

Paris - livro H. Ribeiro - 31

M.A. O Boi - 31

O enforcado com cipó - 31

“Perguntas” (Adivinhas) - 32

Cumprir promessa (feita por outrém) - 32

Madeiras para eixo de carro e cerca - 33

Manuelzão com tropa de zebu e burros p.34/35

CIGANOS - 35

Cheiros no cerrado (mata-barata, etc) 36,

(TERTO TERTULIANO) -pg.37

Tabuada: “Um: ovo bom é de anum” 37

Manuelzão e os zebras - 39

Capim-pubo - 39

Rio Paraopeba (gráfico)- 42

Sinais de chuva - 42 .

Rezas bravas (o credo, etc) - 42

Carro de bois nas descidas fortes - 43

Carrapatos -----

Mel -----

Conversas ----- 43

Léguas-----

Fazer farinha -----

Manuelzão: a Rosária, a Rua dos Pacas - 44

Mamuelzão: Montes Claros - 45/46

Pio do anú preto - 45

Conversa - 45

Quadras ("Adeus cidade de Uberaba") 46

"No tempo que eu era moço"

Árvores do Mato (beira córrego) - 47/48

Manuelzão (Montes Claros) ——— 48

Dona Brígida ————— 49

Linguajar do Sertão ————— 49

Árvores do cerrado ————— 50

Fazenda do Meleiro ——— 51/52/53

BIBLIOGRAFIA

- ACOT, Pascal. *História da ecologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da linguagem no grande sertão*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo: Ática, 1984.
- ANDRADE, Carlos Drummond. In: *Carlos Drummond de Andrade - poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- ANDRADE, Olímpio de Souza. *Caderneta de campo de Euclides da Cunha*. São Paulo: Cultrix, Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1975.
- ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. *A raiz da alma*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992, (Criação & Crítica; 10).
- _____ *O roteiro de Deus - dois estudos sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarin, 1996.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- *BÍBLIA sagrada. A - Antigo e Novo Testamento*. Gênesis. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BOFF, Leonardo. Viver uma atitude ecológica. In: UNGER, Nancy Mangabeira. *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1991, p.11-14.
- _____ *Ecologia: grito da terra grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995a.
- _____ *Principio-Terra: A volta à Terra como pátria comum*. São Paulo: Ática, 1995b.
- BOND, George C. Fieldnotes: Research in Past Occurrences. In: SANJEK, Roger. *Fieldnotes - the making of anthropology*. Ithaca, New York, USA: Cornell University Press, 1991.

- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Somos as águas puras*. Campinas: Papyrus, 1994 .
- _____ *Nós sertanejos - viventes dos sertões do Norte de Minas Gerais*. Campinas, (mimeo).
- _____ *Ser-tão dentro da gente*. Proposta inicial de texto da cantata. Campinas, 1990, (mimeo).
- CAMPOS, Márcio D'Olme. Saber mágico, saber empírico e outros saberes na Ilha dos Búzios. In: *Caminhos cruzados - linguagem, antropologia, ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.23-32.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. 7.ed. São Paulo:Duas Cidades, 1987.
- _____ O Homem dos avessos. In: *Tese e antítese*. 2.ed. São Paulo:Cia Editora Nacional, 1971.
- _____ *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CASA NOVA, Vera. *Lições de almanaque - um estudo semiótico*. Belo Horizonte:UFMG, 1996.
- CASCUDO, Luis da Camara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- _____ *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte:Itatiaia,1984.
- _____ *Dicionário do folclore brasileiro*. 7ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- CASTRO, Eduardo Viveiros. Sociedades Indígenas e Natureza na Amazônia. *Tempo e Presença*. Rio de Janeiro, v.14, n.261, jan./fev.,1992 (edição especial sobre Meio Ambiente).
- CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. São Paulo:LPM, 1985.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- CIÊNCIA DOS MEBÊNGÔKRE, ALTERNATIVAS CONTRA A DESTRUIÇÃO, A. Belém:Museu Paraense Emilio Goeldi, 1987.

- CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto In: *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- CLIFFORD, James. Notes on (Field)notes. In: SANJEK, Roger. *Fieldnotes - the making of anthropology*. Ithaca, New York, USA: Cornell University Press, 1991.
- COLOMBO, Cristovão. *Diários da Descoberta da América - as quatro viagens e o testamento*. Porto Alegre: L&PM, 1984.
- CORREA, Mariza. *História da antropologia no Brasil (1930-1960). Testemunhos*. São Paulo: Vértice/Unicamp, 1987.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio - a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CROSBY, Alfred W. *Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Educação ambiental em comunidade. In: IV SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE UNIVERSIDADE E MEIO AMBIENTE. Florianópolis/UFSC. *Textos Básicos*. Santa Catarina, 1990, p.169-186.
- CUNHA, Manuela Carneiro. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DAMATTA, Roberto. Trabalho de campo. In: *Relativizando: introdução a antropologia social*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. A obra literária como etnografia: notas sobre as relações entre literatura e antropologia. In: *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993a.
- _____. Em torno da representação de natureza no Brasil: pensamentos, fantasias e divagações. In: *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993b.
- DARWIN, Charles. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*. São Paulo: Abril Cultural, (s.d.).
- DIAS, Fernando Correia. Apresentação. In: VIGGIANO, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Belo Horizonte: Comunicação, 1974.

- DOUGLAS, Mary. As abominações do Levítico. In: *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. *Marx e a natureza em O Capital*. São Paulo: Loyola, 1986.
- ECO, Umberto & BONAZI, Marisa. *Mentiras que parecem verdades*. São Paulo: Summus, 1972.
- ECO, Umberto. Ecologia 1984 e a Coca-Cola tornada carne. In: *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano a essência das religiões*. Lisboa-Portugal: Livros do Brasil, (s.d).
- _____ *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa:Edições 70, 1989.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- EM MEMÓRIA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. *Os Nuer - uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo:Perspectiva, 1978.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. *A percepção geográfica da paisagem dos Gerais no " Grande Sertão: Veredas"*. São Paulo:Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro, 1990 (Dissertação de Mestrado).
- FERRI, Mário Guimarães. In: SAINT-HILAIRE, Auguste De. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte:Itatiaia, 1975.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo, Cortez :Autores Associados, 1983.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Saco de gatos - ensaios criticos*. São Paulo:Duas Cidades, 1976.
- GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1989.
- GRANATO, Fernando. *Nas trilhas do Rosa: uma viagem pelos caminhos de "Grande Sertão: Veredas"*. São Paulo: Scritta, 1996.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- _____. O recado do morro. In: *No urubuquaquá no pinhém*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- _____. Uma estória de amor. In: *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- _____. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- _____. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. Conversa de bois. In: *Sagarana*. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- _____. Dão-Lalalão. In: *Noites do Sertão*. 8.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- GUIMARÃES ROSA. *Extensão*. Cadernos da Pró-reitoria de Extensão da PUC-MG. Belo Horizonte, v.3, n. especial, p.1-80, set.1993.
- GUIMARÃES ROSA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 nov.1997. (Caderno B)
- GUIMARÃES, Vicente. *Joãozito: infância de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: *Simians, cyborgs and women, the reinvention of nature*. New York, Routledge, 1991.
- HARRIS, Marvin. A mãe vaca. In: *Vacas, porcos, guerras e bruxas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- _____. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- JACKSON, Jean E. "I am a fieldnote": Fieldnotes as a symbol of professional identity. In: SANJEK, Roger. *Fieldnotes - the making of anthropology*. Ithaca, New York, USA: Cornell University Press, 1991.
- J. GUIMARÃES ROSA CORRESPONDÊNCIA COM O TRADUTOR ITALIANO. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, [1980].
- LARA, Cecília. Arquivo João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros. *Travessia*. Florianópolis, v.7, n.15, 1987, p.153-63.
- LEACH, Edmund Ronald. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal. In: *Antropologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. Anthropos. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985a., v.5, p.11-66.
- _____. Natureza/Cultura. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985b., v. 5, p.67-101.
- LEDERMAN, Rena. Pretexts for ethnography: on reading fieldnotes. In: SANJEK, Roger. *Fieldnotes - the making of anthropology*. Ithaca, New York, USA: Cornell University Press, 1991.
- LEFF, Enrique. *Ecologia y capital: hacia una perspectiva ambiental de desarrollo*. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 1986.
- LEONEL, Maria Célia de Moraes, VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Arquivo Guimarães Rosa. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n.24, 1982, p.177-80
- LEONEL, Maria Célia de Moraes. *Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1985. (Tese de Doutorado).
- LERY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. 3.ed. São Paulo: Martins, 1960.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa:Edições 70, 1986.
- _____. *O pensamento selvagem*. Campinas:Papirus, 1989.
- _____. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LOMBARDI, Bruna. *Diário do grande sertão*. 4.ed. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.

- LOVELOCK, J.E. *Gaia um novo olhar sobre a vida na terra*. Lisboa:Edições70, 1989.
- MACHADO, Ana Maria. *O recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MACHADO, Angelo. *Chapeuzinho Vermelho e o Lobo-Guará*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Objeto, Método e Alcance desta Pesquisa. 3.ed. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- MARX, Karl. *O capital*. 5.ed. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, v.1, 1980.
- MELATI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. 5.ed. São Paulo:Hucitec, 1987.
- MEYER, Mônica Angela de Azevedo. *Saúde, nunca tive e tive: um estudo da saúde relacionado ao trabalho*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 1984. (Dissertação de Mestrado).
- _____ Educação ambiental: uma proposta pedagógica. *Em Aberto*. Brasília, v.10 n.49, jan/mar, 1991, p.41-46.
- MINAS GERAIS - SUPLEMENTO LITERÁRIO. Literatura deve ser vida - diálogo de Günter W. Lorenz com João Guimarães Rosa. Belo Horizonte:Imprensa Oficial, v.IX, n.395, mar. 1974.
- _____ Guimarães Rosa Arquivo. Belo Horizonte:Imprensa Oficial, v.19, nov.1996.
- MUSSOLINI, Gioconda. Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro. In: CARONE, Edgard. *Ensaio de antropologia indígena e caiçara*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p.219-242.
- NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. *As belas mentiras, a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Moraes, 1980.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.
- PLOTINO. *A alma, a beleza e a contemplação*. São Paulo:Associação Palas Athena, 1981.

- POSEY, Darrell A. Introdução: Etnobiologia, teoria e prática. In: RIBEIRO, Darcy. *Suma Etnológica Brasileira*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, v.1, 1987a., p.15-25.
- _____ et alli. *A ciência dos Mebêngôkre: alternativas contra a destruição*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987b.
- PRETTO, Nelson De Luca. *A ciência nos livros didáticos*. Campinas: Unicamp, 1985.
- RESENDE, Otto Lara. *O príncipe e o sabiá e outros perfis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RIBEIRO, Darcy. *Diários Índios - Os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ROCHA, Luiz Otávio Savassi. João Guimarães Rosa e os maçaricos: do maçarico-de-coleira (*Charadrius collaris*) ao maçarico-esquimó (*Numenius borealis*). *Extensão*. Cadernos da Pró-Reitoria de Extensão da PUC-Minas. Belo Horizonte, v.6, n.2, ago.1996, p.21-42.
- ROSA, Vilma Guimarães. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- SAHLINS, Marshall. La pensée Bourgeoise. In: *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- SANJEK, Roger. Fire, loss, and the sorcerer's apprentice. In: SANJEK, Roger. *Fieldnotes - the making of anthropology*. Ithaca, New York, USA: Cornell University Press, 1991a.
- _____ A vocabulary for fieldnotes. In: SANJEK, Roger. *Fieldnotes - the making of anthropology*. Ithaca, New York, USA: Cornell University Press, 1991b.
- _____ The secret life of fieldnotes. In: SANJEK, Roger. *Fieldnotes - the making of anthropology*. Ithaca, New York, USA: Cornell University Press, 1991c.
- _____ Fieldnotes and others. In: SANJEK, Roger. *Fieldnotes - the making of anthropology*. Ithaca, New York, USA: Cornell University Press, 1991d.
- SERRES, Michel. *O contrato natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

- SILVA, Álvares da. Com o vaqueiro Guimarães Rosa: um escritor entre seus personagens. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, jun.1952, p.36-46.
- SILVA, Eugênio. E foi assim que vi nascer o Grande Sertão:Veredas. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 26 nov. 1967.
- SMITH, Robert J. Hearing voices, joining the chorus: appropriating someone else's fieldnotes. In: SANJEK, Roger. *Fieldnotes - the making of anthropology*. Ithaca, New York, USA: Cornell University Press, 1991.
- SOUZA, Laura de Mello. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América - a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- TOURNIER, Michel. *Sexta-feira ou Os limbos do Pacífico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- TURNER, Frederik. *O espírito ocidental contra a natureza: mito, história e as terras selvagens*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- UNGER, Nancy Mangabeira. *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1991.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *Baú de alfaías*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1984, (Dissertação de Mestrado).
- _____. *Puras misturas: o imaginário das histórias em "Uma história de amor" de João Guimarães Rosa*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1990 (Tese de Doutorado).
- VERNE, Júlio. *A ilha misteriosa*. São Paulo: Hemus, 1984.
- VIERTLER, Renate Brigitte. *Ecologia cultural: uma antropologia da mudança*. São Paulo: Ática, 1988.

- VIGGIANO, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- VILLAS-BÔAS, Orlando & VILLAS-BÔAS, Cláudio. *A marcha para o oeste*. São Paulo: Globo, 1994.
- VOGT, Carlos & LEMOS, José Augusto Guimarães de. CARDIM, Fernão. Do clima e Terra do Brasil. In: *Cronistas e viajantes: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*. São Paulo: Abril Educação, 1982 a.
- _____ GANDAVO, Pero de Magalhães. Tratado da terra do Brasil. In: *Cronistas e viajantes: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*. São Paulo: Abril Educação, 1982 b.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.
- WILLIAMS, Thomas Rhys. *Métodos de campo en el estudio de la cultura*. Madrid: Taller de Ediciones Josefina Betancor, 1973.



Guimarães Rosa na boiada

BOIADA BOIADA BOIADA BOIADA BOIADA